

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**BRANCOS E VERMELHOS:
A GUERRA CIVIL ESPANHOLA ATRAVÉS DAS PÁGINAS DO JORNAL
CORREIO DO POVO (1936-1939).**

GERSON WASEN FRAGA

Orientador: Prof. Dr. Cesar Augusto Barcellos Guazzelli.

Porto Alegre, fevereiro de 2004.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**BRANCOS E VERMELHOS:
A GUERRA CIVIL ESPANHOLA ATRAVÉS DAS PÁGINAS DO JORNAL
CORREIO DO POVO (1936-1939).**

Gerson Wasen Fraga

Orientador: Prof. Dr. Cesar Augusto Barcellos Guazzelli.

Banca: Prof^a Dr^a Maria Helena Rolim Capelato. (USP)

Prof^a Dr^a Cláudia Wasserman. (UFRGS)

Prof. Dr. Temístocles Cesar (UFRGS)

Dissertação apresentada como requisito parcial
à obtenção do grau de Mestre em História.

Porto Alegre, fevereiro de 2004.

Branco e Vermelho: a Guerra Civil Espanhola através das páginas do jornal *Correio do Povo* (1936-1939).

Resumo

Entre 1936 e 1939, a Espanha foi abalada por uma violenta Guerra Civil. Tendo sido deflagrada no período entre guerras, quando o capitalismo experimentava os efeitos da crise de 1929; quando o fascismo atravessava seu momento de afirmação na Europa, e quando a Revolução Russa apresentava uma alternativa política para os povos, este acontecimento acabou por se tornar rico em símbolos e significados, atraindo não apenas a atenção, mas também a solidariedade de boa parte do mundo para ambos os lados em contenda. No Brasil, marcado pela repressão ao comunismo, especialmente após 1935, a Guerra Civil Espanhola veio a servir, na visão das elites, como exemplo do que poderia aqui ocorrer caso o comunismo viesse a encontrar solo fértil no continente americano, sendo uma das formas de difundir esta idéia as páginas da grande imprensa escrita.

Nosso objetivo é demonstrar como a Guerra Civil Espanhola foi apresentada à sociedade pelo jornal *Correio do Povo*, à época o periódico de maior importância no Rio Grande do Sul. Através de sua leitura sobre os fatos na Espanha naqueles anos conturbados, temos um exemplo da forma como as idéias de mudança social eram vistas por uma parcela da elite brasileira, bem como de seu alinhamento com as diretrizes políticas oficiais daquele momento.

Palavras-Chave: Guerra Civil Espanhola; Jornal *Correio do Povo*; Imprensa; Rio Grande do Sul.

Abstract

In 1936-39, the Spain was loose by a violent Civil War. Happened in the between wars age, when the capitalism experiment the effects of the 29's crisis, when the fascism crossed your moment of affirmation in Europe, and when the Russian Revolution presented a political alternative for the peoples, this happening rendered rich in symbols and meanings, attracting the attention and the solidarity of share of the world for both the sides in quarrel. In Brazil, marked for the repression at communism afterwards 1935, the Spanish Civil War served, for the elites, how example of the how can happen here in the event of the communism meeted firm land in the american continent, to be a from the forms of diffuse this idea the pages of the big press.

Our objective is demonstrate how the Spanish Civil War gone presented for the society by *Correio do Povo* journal, in the time of the happening the newspaper of higher importance in the Rio Grande do Sul State. Through of this reading about the happenings in the Spain at that disturbed years, we have a example of the shape how the social changes ideas was includeds by a parcel of the brazilian elites, as well as of the your arrangement with the official politics from that moment.

Key-words: Spanish Civil War; *Correio do Povo* newspaper; printing press; Rio Grande do Sul state.

(O Senhor Keuner e os jornais)

O senhor Keuner encontrou o Senhor Confuso, o lutador inimigo dos jornais. “Eu sou um grande adversário dos jornais”, disse o Senhor Confuso, “não quero saber de jornais”. O Senhor Keuner disse: “Eu sou um adversário ainda maior dos jornais: eu quero outros jornais”.

“Escreva num bilhete”, disse o Senhor Keuner ao Senhor Confuso, “o que o senhor acha necessário para que os jornais sejam publicados, pois jornais continuarão sendo publicados. Mas peça o senhor um mínimo: se, por exemplo, o senhor quiser jornais subornáveis, para mim seria melhor do que se pedisse insubornáveis, pois poderia suborná-los a fim de que se tornassem melhores. Mas mesmo se preferir jornais insubornáveis, já teríamos por onde começar; poderíamos investigar se existe algum e, se ele não existe, criá-lo por nossa conta. Escreva num bilhete como os jornais devem ser e, se encontrarmos uma formiga que autorize a nota, começaremos imediatamente. Essa formiga haverá de nos ajudar mais a melhorar os jornais do que a gritaria generalizada sobre o caráter incorrigível dos jornais. A cordilheira será superada muito antes por uma única formiga do que pelo clamor de que é insuperável”.

Se os jornais são um instrumento da desordem, também podem sê-lo da ordem. São justamente pessoas como o Senhor Confuso que revelam, com o seu descontentamento, o valor dos jornais. O Senhor Confuso pensa que a falta de valor dos jornais de hoje o preocupa, mas, na verdade, o que o preocupa é o valor dos jornais de amanhã.

O Senhor Confuso tem os homens em alta consideração e os jornais por incorrigíveis, o Senhor Keuner, ao contrário, tem os homens em baixa consideração e os jornais por corrigíveis. “Tudo pode ser melhorado”, disse o Senhor Keuner, “exceto os homens”.

*Bertolt Brecht
Histórias do Senhor Keuner*

AGRADECIMENTOS

É de praxe, nesta ocasião, agradecermos de público por algumas dívidas de gratidão contraídas ao longo do caminho. Não fujo à regra, pois sei que sem o apoio de algumas pessoas e instituições, este trabalho não estaria agora materializado.

Agradeço em primeiro lugar ao Professor César Augusto Barcellos Guazzelli, pela forma franca e ao mesmo tempo serena com que conduziu a orientação desta dissertação.

Aos professores do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, responsáveis diretos por minha formação pessoal e profissional, desde os tempos de graduando.

Ao professor Enrique Padrós e ao pesquisador Jorge Christian Fernández, padrinhos deste trabalho, pela confiança, sugestões, bibliografia e, acima de tudo, verdadeira amizade.

Algumas pessoas foram importantes por apresentarem sugestões quanto à bibliografia. A todas elas sou grato: Alessandro Miebach; Daniel Milke; Mateus Lovato; Mauro “livreiro”; Rodrigo Santos de Oliveira; Tiago Bernardon e, principalmente, ao professor Luís Dario Teixeira Ribeiro.

Aos colegas de mestrado, com quem tive uma troca de experiências verdadeiramente enriquecedora. Devo aqui um especial agradecimento à amiga Natália Pietra Mendez, que de forma paciente leu e teceu observações sobre parte deste trabalho.

Minha família e amigos que sempre manifestaram apoio ao longo destes dois anos. Cometeria injustiças se tentasse listar a todos, mas o tamanho da dívida me obriga a citar dois nomes: Manoela Pedroza e Maristel Nogueira.

Aos jornalistas João Aveline; Lauro Hagemann; Edmundo Soares e Walter Galvani, pelas informações prestadas.

A CAPES, pela concessão da bolsa que possibilitou a execução deste trabalho.

As seguintes instituições, pelo acesso aos acervos, bem como aos seus funcionários: Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa; Arquivo *Correio do Povo*; Arquivo Histórico Municipal Moysés Vellinho e Arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre.

E, por fim, Vanderlise Machado Barão, pelo carinho.

As falhas, é claro, correm por minha inteira responsabilidade.

SUMÁRIO

1-Introdução.....	7
1.1-Dias difíceis.....	7
1.2-Definindo um campo conceitual.....	14
1.3-“O Róseo”.....	16
2-Sobre história e imprensa.....	22
2.1Relações entre história e imprensa.....	22
2.2-O grande jornal: instrumento ideológico.....	25
2.3-O grande jornal: instrumento pedagógico.....	29
3-O <i>Correio do Povo</i> e a Guerra Civil Espanhola.....	34
3.1-Os editoriais.....	36
3.2-“O Momento Mundial”.....	43
3.3-Agências de Notícias.....	50
3.3.1-Agências de Notícias: a Agência Brasileira.....	51
3.3.2-Agências de notícias: as agências internacionais (<i>United Press e Associated Press</i>).....	58
3.3.3-Agências de notícias: a sigla “ <i>Correio do Povo</i> ” e as matérias “especiais”.....	67
3.4-Matérias do mundo.....	71
3.5-Matérias locais sobre a colônia espanhola.....	75
4-No calor dos fatos: análise de alguns episódios da Guerra Civil Espanhola através do <i>Correio do Povo</i>	83
4.1-O Alcázar de Toledo: símbolo da resistência nacionalista.....	85
4.2-Guernica: a memória bombardeada.....	93
4.3-Garcia Lorca: a morte atrasada da poesia.....	98
4.4-As Brigadas Internacionais: uma imagem ambígua.....	102
4.5-O Franquismo: agente de salvação da civilização cristã e ocidental.....	109
4.6-Durruti e o anarquismo: uma realidade distante.....	115
5-Considerações finais.....	122
Fontes e locais de pesquisa.....	127
Bibliografia.....	128

1-INTRODUÇÃO

1.1-Dias difíceis

A situação política mundial na década de 1930 é caracterizada pela historiografia como um momento especialmente conturbado, explicado pela ampla seqüência de choques que englobaram as grandes estruturas ideológicas de então. Por um lado, a Revolução Russa, ocorrida em 1917, trouxe consigo toda uma teoria de transformações sócio-econômicas oriundas do marxismo, que questionaram o papel do Estado burguês e a estruturação hierárquica da sociedade de classes, deixando marcas de tal maneira profundas, que se estenderiam praticamente por todo o século XX, influenciando outros movimentos revolucionários e gerando, em contrapartida, o fortalecimento de idéias conservadoras. Por outro, Itália e Alemanha, países de unificação tardia e que ocuparam um lugar secundário na divisão colonialista do mundo, encontraram nos regimes de força (o fascismo e o nazismo) não apenas um instrumento maquiador para seus graves problemas sociais internos – que fomentavam o crescimento de ideologias consideradas rivais por estes Estados, tais como o socialismo, o comunismo e o anarquismo – mas igualmente uma eficaz forma de mobilização popular. O caso da Alemanha se apresentaria como especialmente peculiar, uma vez que esta buscava, ainda, recuperar-se dos traumas provocados pela derrota na Primeira Guerra Mundial e das humilhações decorrentes do Tratado de Versalhes. A par de tudo isto, o ideário liberal-capitalista tentava superar os efeitos da grande depressão de 1929, momento em que sofreu aquilo que seria seu mais sério abalo estrutural até então, quando foi questionado a partir de seu próprio interior, em uma crise que, partindo da quebra da Bolsa de Nova Iorque, se alastrou, em maior ou menor grau, pela totalidade do mundo sob sua influência. Dentro desta contextualização, duas realidades nacionais nos interessarão de forma mais direta: os casos espanhol e brasileiro.

A Espanha chegou a este período em uma situação de grande polarização sócio-econômica. Em algumas regiões agrárias, como a Andaluzia ou Castela Nova, um proletariado camponês, que sobrevivia miseravelmente através de trabalhos sazonais, coexistia com grandes concentrações de terras nas mãos de poucos latifundiários. Já na Galícia, a grande fragmentação das propriedades tornava os minifúndios incapazes de garantir o

sustento de uma família¹. As poucas grandes cidades possuíam uma classe trabalhadora submetida a baixos salários, mas politicamente combativa, conferindo poder a organizações sindicais como a União Geral dos Trabalhadores (UGT) ou a Confederação Nacional do Trabalho (CNT). O numeroso clero espanhol se apresentava como um grupo apegado ao conservadorismo e extremamente cioso de seus valores. O exército, ainda que não se mostrasse propriamente como uma vanguarda bélica no cenário europeu, gozava de grande poder dentro das estruturas do Estado, além de possuir um elevado número de oficiais.² Neste quadro, as idéias de transformação social acabavam por encontrar boa acolhida junto a expressivos segmentos da população espanhola.

Politicamente, a década de 30 também foi marcada, na Espanha, por grandes comoções. Em 1931, ocorre a queda do monarca Afonso XIII, que durante o decênio anterior fora uma figura secundária diante de um regime ditatorial instalado como alternativa de resolução para os graves problemas sociais do país. Após a vitória das forças políticas republicanas nos grandes centros urbanos na eleição de 12 de abril, o Rei se viu compelido a abandonar sua regência, sob o pretexto de evitar um banho de sangue sobre o país. Este momento de transição, que assinalou a impossibilidade de retomada do *status quo* anterior ao regime ditatorial, foi também marcado pelas agitações populares que já se faziam sentir no começo da década, opondo-se aos pilares de conservação da sociedade espanhola. Para a historiadora Geneveva Queipo, “*la caída de la Monarquía se produjo porque sus representantes se habían identificado en un determinado momento con todo lo que el país consideraba caduco*”.³ Seguiu-se a eleição das Cortes Constituintes, onde a maioria foi conquistada por representantes da burguesia republicana e por socialistas moderados. A nova Carta, inspirada na constituição da Alemanha de Weimar – a mais democrática da Europa – assegurava um regime parlamentarista, com direito universal de voto, abrangendo inclusive mulheres e soldados.⁴ O novo governo, porém, visivelmente acuado por uma oposição ferrenha e por

¹ Cfe. VILAR, Pierre. **A guerra da Espanha**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p 11-2.

² “Espanha 1931: ‘503.061 quilômetros quadrados, 24 milhões de habitantes. Pelo menos a metade da população, isto é, 12 milhões de pessoas são analfabetas. Existem oito milhões de pobres, dois milhões de camponeses sem terra, enquanto apenas 20 mil pessoas são proprietários de mais da metade da Espanha. Há províncias inteiras nas mãos de uma só pessoa. O salário médio dos operários gira em torno de uma a três pesetas por dia. Há 20 mil religiosos, 31 mil padres, 60 mil freiras e 5 mil conventos. Além disso, existem 15 mil oficiais, contando 800 generais. Isto significa que há um oficial para cada seis homens e um general para cada cem soldados’”. CHAPSAL, Madeleine. Apud: RIZZONI, Gianni. **Franco**. São Paulo: Melhoramentos, 1975, p 47.

³ GARCIA QUEIPO, Geneveva. La dictadura de Primo de Rivera. **Cuadernos historia 16**, nº269, Madrid: Grupo 16, 1985, p 31.

⁴ Cfe. VILAR, Pierre. **Historia de España**. Barcelona: Grijalbo, 1980, p 125.

militares que já se aventuravam à insurreição (como o general Sanjurjo, em Sevilha, em Agosto de 1932), não conseguiu satisfazer as muitas aspirações populares até então reprimidas. O desencanto ficou ainda mais latente a partir do incidente de Casas Viejas, em janeiro de 1933, quando um grupo de anarquistas que havia tomado tal vilarejo foi duramente reprimido, havendo inclusive execuções sumárias. Assim, as portas ficaram abertas para que uma coalizão de direita liderada pela Confederação Espanhola de Direitas Autônomas (CEDA) vencesse as eleições de novembro daquele ano, instaurando um período de retrocesso nos avanços sociais até então conquistados. No entanto, mais que seu antecessor, este governo ficou com o estigma da repressão, especialmente a partir do levante dos mineiros asturianos em 1934, quando mais de 3 mil trabalhadores foram mortos e cerca de 30 mil presos, em uma ação militar classificada pelo general Franco, então líder das tropas utilizadas na ocasião, como “uma guerra de fronteira, contra o socialismo, o comunismo, e todas as outras pestes que atacam a civilização”.⁵

A existência deste contingente de prisioneiros foi um dos fatores decisivos para que, nas eleições de 16 de fevereiro de 1936, o quadro se tornasse novamente favorável às forças de esquerda. Estas, com efeito, haviam se unido em torno de uma Frente Popular que englobava diversos matizes ideológicos, abrangendo desde a burguesia republicana, passando por socialistas e comunistas, e agrupando até os anarquistas atraídos pela promessa de libertação aos presos políticos. O objetivo mais direto desta coalizão, no entanto, estava em salvar o regime republicano da ascensão fascista na Europa, impedindo assim que a Espanha viesse a integrar a órbita política de Itália e Alemanha. Contudo, a tensão era notória. Os militares conspiravam; a direita conservadora buscava o apoio dos governos fascistas; a Igreja vociferava contra o avanço do comunismo e os ataques que se promoviam aos templos, conventos e mosteiros. Muitos eleitores favoráveis à Frente Popular cobravam o cumprimento imediato das promessas de campanha, fosse esperando a libertação dos presos políticos nas portas dos presídios, fosse promovendo a reforma agrária por conta própria. O receio de que o fenômeno de Casas Viejas se repetisse fez com que o governo hesitasse em tomar medidas mais severas contra a população exaltada. Os conflitos de rua e as greves se sucediam. Nesta conjuntura, o assassinato de Calvo Sotelo, um dos expoentes da direita espanhola, em represália ao assassinato de um policial republicano, foi apenas um pretexto para que alguns dias mais tarde a rebelião militar eclodisse, partindo do Marrocos Espanhol. Mas, ao contrário

⁵ GARZA, Hedda. **Franco**. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p 42.

do que esperava a cúpula rebelde, o levante encontrou uma grande resistência por parte das organizações de esquerda e de setores populares, fazendo com que uma ação planejada para ter um rápido desfecho se tornasse um dos mais sangrentos e emblemáticos conflitos do século XX.

O Brasil, por sua vez, chegou à década de 1930 vivenciando importantes mudanças estruturais, e um movimento político armado. Por um lado, as oligarquias cafeicultoras, que até então ocupavam lugar de destaque no cenário brasileiro, tiveram sua posição abalada pela crise de 29. Este acontecimento desestruturou o mercado internacional, acelerando o “fim da supremacia da burguesia do café, ao promover o desencontro entre a classe e seus representantes políticos”,⁶ em um processo que se consolidaria nos anos seguintes, com a afirmação do governo encabeçado por Getúlio Vargas e seu projeto de centralização do poder e supressão das autonomias regionais. Estas características, no entanto, associadas ao aumento da importância do exército no novo jogo de forças que se criou, desagradaram tanto aos grupos políticos defensores do liberalismo e de uma maior autonomia para os estados, quanto às antigas elites, agora diminuídas em sua importância. Diante deste cenário, gestou-se a Revolução Constitucionalista de 1932, acontecimento que enquadrado de forma definitiva as antigas oligarquias, então sublevadas, em uma nova realidade, mas que igualmente colocou limites ao governo central, na medida em que seu poder, até então usufruído de forma discricionária, foi reduzido diante da convocação de uma Assembleia Constituinte. Ficava claro que a unidade nacional em torno do projeto Varguista não era, até então, de forma alguma, um fato consumado.

Por outro lado, o projeto de industrialização nacional e a modernização administrativa implantado pelo novo governo conferiam um maior espaço de atuação para a burguesia, que não encontrara representatividade no sistema oligárquico da República Velha. Ao mesmo tempo, criava-se uma camada burocrática profissionalizada, que absorveria importantes contingentes de uma classe média urbana e em expansão. Tais medidas, no entanto, não impediram que do seio de setores urbanos, bem como a partir da ação do Partido Comunista do Brasil (PCB), se organizasse a Aliança Nacional Libertadora (ANL), movimento de oposição ao Varguismo no plano interno e ao fascismo no contexto mundial. Este movimento encontrou grande receptividade entre a população, mas gerou igualmente fortes preocupações no poder executivo, devido à capacidade que a oposição demonstrava em mobilizar e

⁶ FAUSTO, Bóris. **A Revolução de 1930: historiografia e história**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p 98.

organizar seus simpatizantes. Desta forma, em 1934, Vargas extinguiu a ANL por decreto, seguindo um rumo que cada vez mais o aproximava dos regimes discricionários de então. Neste contexto, o levante comunista ocorrido no ano seguinte – sublevação mal sucedida e duramente reprimida pelo governo – forneceu a justificativa para que o Estado de Sítio fosse decretado, uma vez que se fortalecia a figura de um inimigo interno que punha em risco as instituições nacionais, devendo assim ser duramente combatido, ainda que à custa dos valores liberais. A luta contra o “fantasma do comunismo” no Brasil foi, desta forma, a grande justificativa para o definitivo estabelecimento de um regime de força, fato que foi efetivado a partir da instauração do Estado Novo, em novembro de 1937.⁷

As disputas ideológicas que ocorriam no cenário internacional também encontravam repercussão nas negociações necessárias para que o Brasil implantasse seu projeto de desenvolvimento. Dialogando simultaneamente com a Alemanha – que buscava maior projeção no plano internacional – e com os Estados Unidos – que visavam garantir sua área de influência na América Latina – a diplomacia brasileira atuava no sentido de melhor posicionar o país em um quadro político complexo e extremamente incerto quanto ao futuro. Tal situação, no entanto, refletia a existência de duas facções distintas quanto à política externa, ambas próximas ao poder executivo, podendo, grosso modo, serem caracterizadas conforme sua composição civil ou militar. Eduardo Svartman destaca que os esforços de Oswaldo Aranha, em favor de uma aproximação política e econômica entre Brasil e Estados Unidos neste sentido, seriam sintomáticos por um lado, enquanto, por outro, a recuperação econômica alemã, a capacidade desta em fornecer-lhes armamentos e suas constantes vitórias após o início da segunda guerra seduziam os militares brasileiros.⁸

Este quadro de efervescência política encontrava nas páginas da imprensa escrita um local privilegiado para a realização do debate e do embate. Utilizando-as como meio de

⁷ Autores como Skidmore e Tavares vinculam o Estado Novo à intervenção estatal na economia, auxiliando na formação de um mercado capitalista brasileiro, ao qual seriam especialmente sensíveis as classes urbanas. Fausto o apresenta como um momento de aliança entre setores civis, militares e industriais, objetivando a industrialização nacional sem comoções sociais e sem que houvesse uma ruptura com o passado. Sola o considera um conflito entre elites político-militares e elites político-econômicas, patrocinado pelas primeiras, mas sem que a afirmação do Estado nacional acarretasse a hegemonia de algum grupo específico. SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio a Castelo**. São Paulo: Paz e Terra, 2000; FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp/Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1996; TAVARES, José Nilo. Getúlio Vargas e o Estado Novo. In: SILVA, José Luiz Werneck (org.). **O feixe: o autoritarismo como questão teórica e historiográfica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991; SOLA, Lourdes. O golpe de 37 e o Estado Novo. In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). **Brasil em perspectiva**. Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1978.

⁸ Cfe: SVARTMAN, Eduardo Munhoz. O Brasil de 1930 a 1945: as dinâmicas interna e externa. In: PADRÓS, Enrique; RIBEIRO, Luis Dario; GERTZ, René. **Segunda Guerra Mundial: da crise dos anos 30 ao Armagedón**. Porto Alegre: Folha da História/Palmarinca/CD-AIB/PRP, 2000, p 52.

divulgação, as diversas correntes ideológicas não somente intentavam alcançar um maior grau de penetração junto à opinião pública, mas também legitimar seu ideário diante da sociedade, combatendo outras linhas de pensamento que lhes fossem adversas. Todavia, a par da existência de variados órgãos de imprensa ligados a forças político-partidárias ou a categorias sociais específicas – como no caso da imprensa operária –, os grandes jornais do Brasil já se encontravam em uma fase marcada pela preponderância de uma lógica capitalista de produção, exigindo somas elevadas para a instauração de novos títulos, fato que limitava a concorrência em um mercado no qual a publicidade passava a ocupar um papel cada vez mais destacado como elemento financiador. Em outras palavras, a imprensa brasileira passara a ser, a partir das primeiras décadas do século XX, um instrumento de representação e de propagação dos valores de uma elite burguesa que se afirmava como tal naquele momento. Atentemos aqui para as palavras de Nelson Werneck Sodré, sobre o desenvolvimento de nossos periódicos em tal época:

O jornal como empreendimento individual, como aventura isolada, desaparece, nas grandes cidades. Será relegado ao interior, onde sobreviverá, como tal, até os nossos dias. Uma das conseqüências imediatas dessa transição é a redução do número de periódicos. Por outro lado, as empresas jornalísticas começam a firmar sua estrutura, de sorte que é reduzido o aparecimento de novas empresas. Acontece ainda, particularmente nas fases de inquietação política – as sucessões presidenciais principalmente – mas em dimensões muito mais reduzidas do que no século XIX. É agora muito mais fácil comprar um jornal do que fundar um jornal; e é ainda mais prático comprar a opinião do jornal do que comprar o jornal.⁹

Assumindo o caráter de local de poder já no princípio do século XX, a grande imprensa brasileira atuou na década de 30 como um importante elemento de divulgação a serviço de ideários liberais ou conservadores. Forneceu também espaço para a legitimação de práticas políticas baseadas no autoritarismo e na centralização, sobretudo a partir do momento em que as ideologias identificadas como “vermelhas” e “exóticas” passaram a ser reconhecidas como inimigas comuns àqueles ideários. Tal fato é exemplarmente tratado na obra de Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado, ao abordarem o discurso e a ideologia do jornal *O Estado de São Paulo* no período compreendido entre 1927-1937, onde ressaltam que “se os representantes do jornal sempre se preocuparam em mostrar ao seu público leitor ‘o que é ser

⁹ SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p 275-6.

liberal’, preocuparam-se também em alertá-lo de que, em determinados momentos, ‘é preciso deixar de ser liberal’”.¹⁰

O objetivo deste trabalho é efetuar uma análise da forma como um grande órgão da imprensa escrita sul-riograndense – o jornal *Correio do Povo* – apresentou à sociedade gaúcha os fatos da Guerra Civil Espanhola. Para tanto, utilizaremos como fontes os textos deste jornal, referentes a tal assunto, e que foram publicados entre janeiro de 1936 e agosto de 1939. Visamos, com tal recorte cronológico, abarcar sua leitura sobre os antecedentes imediatos do conflito, sobre o acontecimento em si, bem como sobre seus desdobramentos, até a eclosão da Segunda Guerra Mundial. Com tal objeto de pesquisa, acreditamos poder oferecer uma contribuição aos estudos sobre o papel dos periódicos como instrumentos modeladores da opinião pública, e agentes de ação ideológica. Pretendemos assim demonstrar como esta apresentação, executada de forma didática, seguia, em última instância, as perspectivas que o jornal tinha naquele contexto histórico, bem como à sua aproximação em relação às diretrizes ideológicas manifestas pelos poderes políticos.

Por entendermos que há, no interior de nosso objeto, uma vasta gama de locutores, tomaremos separadamente os diversos locais em que o jornal abordava a Guerra Civil Espanhola. Assim, após algumas considerações sobre as relações existentes entre a história e a ação da imprensa, contemplaremos de forma distinta os editoriais; a coluna “O Momento Mundial” (espaço de análise política internacional); e, finalmente, às matérias jornalísticas propriamente ditas. Contudo, neste último item, a variedade de procedências dos textos nos obrigará a vislumbrar separadamente as agências de notícias que então serviam ao jornal; os textos de origem diversa e às matérias locais envolvendo a colônia espanhola em Porto Alegre. Abordaremos, em um segundo momento, a construção de “imagens” e o esquecimento através do texto, explorando matérias referentes a questões pontuais, tais como o Cerco ao Alcázar de Toledo, o Bombardeio à cidade de Guernica; o assassinato do poeta Garcia Lorca; a atuação das Brigadas Internacionais; a idéia do movimento franquista como instrumento de defesa da civilização cristã e, por fim, a figura do anarquista Buenaventura Durruti.

¹⁰ CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. **O Bravo Matutino: imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo**. São Paulo: Alfa-Omega, 1980, p 108.

1.2-Definindo um campo conceitual

Antes de proceder à apresentação de nossa fonte, devemos explicitar algumas conceituações que serão importantes ao longo de nosso trabalho.

Para um conceito de imprensa, apropriamo-nos da obra já citada de Maria Capelato e Maria Prado, onde estas classificam-na como “instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social”.¹¹ A esta conceituação somamos o entendimento de que a grande imprensa escrita – como visto anteriormente – começa a se delimitar a partir do momento em que o jornalismo de cunho político-partidário cede lugar para uma outra forma de jornalismo, composto por grandes empresas que obedecem a uma lógica industrial de produção e estão ligadas à ascensão da burguesia. Exemplificando com o caso brasileiro, Nelson Sodr e posiciona o surgimento de nossa grande imprensa a partir do alvorecer do século XX, estando ele diretamente ligado às transforma es sócio-econ micas por que passava o país. A transi o para esta fase na história do jornalismo no Brasil se constituiria assim em uma “etapa historicamente necessária”.¹² Desta forma, a grande imprensa escrita seria aquela atrelada a grandes grupos econ micos, defendendo seus interesses, mesmo que de forma não programada, através de suas páginas, podendo para tal revestir-se de uma imagem de neutralidade política ou mesmo atuar em períodos de exce o.

Desta forma, entendemos que o tipo de jornalismo executado por nossa fonte principal, verdadeiro instrumento de interven o na vida social, tributário das transforma es produtivas ocorridas no Rio Grande do Sul na virada para o século XX, pode ser inserido dentro da defini o de “jornalismo integral” proposto por Antonio Gramsci, qual seja: “o jornalismo que não somente pretende satisfazer todas as necessidades (...) de seu público, mas pretende também criar e desenvolver estas necessidades e, conseqüentemente, em certo sentido, criar seu público e ampliar progressivamente sua  rea”.¹³

Já para o conceito de ideologia, nos valem das defini es propostas por Marilena Chauí e Eni Orlandi. Para a primeira:

A ideologia consiste precisamente na transforma o das idéias da classe dominante em idéias dominantes para a sociedade como um todo, de modo que a classe que

¹¹ **Idem**, p XIX.

¹² SODR E, Nelson Werneck. **Op. Cit.**, p 228.

¹³ GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organiza o da cultura**. Rio de Janeiro: Civiliza o Brasileira, 1979, p 161.

domina no plano material (econômico, social e político) também domina no plano espiritual (das idéias).¹⁴

Já Orlandi define ideologia como sendo “a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos”. Assim, seria sua função “produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência”.¹⁵ Desta forma, entendemos que os grandes jornais, compreendidos enquanto instrumentos de manipulação e intervenção, atuam dentro de uma lógica de ocultação e imposição de perspectivas sobre a realidade; buscam a uniformização do pensamento através da atribuição de valores e adjetivações àquilo que é mostrado, operando não somente na criação de fatos para a opinião pública, mas também de interpretações sobre o mundo. Sua ação dá-se no campo identificado por Gramsci como sendo das “ideologias arbitrárias”, que criam movimentos e polêmicas, buscando atingir, desta forma, o campo das “ideologias historicamente orgânicas”, necessárias a uma certa estrutura de sociedade.¹⁶

Assim, a ação ideológica da grande imprensa escrita ocorre no campo da percepção do real, de forma a acobertar, destacar, ou mesmo produzir sensações através da opinião e dos acontecimentos narrados em suas páginas, visando legitimar e perpetuar um *status* de dominação. Sendo tal característica extensiva aos demais meios de comunicação, somos levados a concordar com as observações de Manuel Montalbán, quando este analisa a ação da mídia como um todo:

A mídia cumpre uma função pasteurizadora, bitoladora de cabeças, porque dentro das sociedades democráticas é fundamentalmente desidentificadora: somente identifica e ratifica o sujeito social privilegiado (...) Podemos detectar variações sobre um mesmo pano de fundo ou diferenças de caráter tático, em função do grupo de pressão proprietário, para conseguir a hegemonia do poder de gestão, para ser inquilinos do Estado, mas tudo o que esteja fora desse espectro, cêntrico, centralista e centrado, fica desidentificado e deslegitimado pela lei de mercado.¹⁷

As intervenções realizadas, durante a Guerra Civil Espanhola, por parte de potências estrangeiras, foram objeto constante de comentários do *Correio do Povo*, sempre que este apresentou em suas páginas análises sobre os “últimos acontecimentos” daquele conflito. Devido à conjuntura política europeia daquele momento – em especial no que se refere às

¹⁴ CHAUI, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2001, p 85.

¹⁵ ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2001, p 46.

¹⁶ Cfe: GRAMSCI, Antônio. **Obras Escolhidas**. São Paulo: Martins Fontes, 1978, p 65.

¹⁷ VÁZQUEZ MONTALBÁN, Manuel. **Manifesto do planeta dos macacos**. São Paulo: Scritta, 1995, p 52-3.

nações que posteriormente viriam a formar o eixo durante a Segunda Guerra Mundial – bem como à forma por vezes contraditória com que este se manifestou sobre os interesses das potências fascistas que intervieram diretamente ao lado dos nacionalistas, interessar-nos-á, por fim, esclarecer aqui o que entendemos por fascismo. Tal conceito se reveste de importância para nós, pois, através dele, teremos, por extensão, o que entendemos como um texto que apresenta, em maior ou menor medida, aproximações com um conjunto de idéias fascistas. Conforme Leandro Konder:

O fascismo (...) é um movimento de conteúdo social conservador, que se disfarça sob uma máscara “modernizadora”, guiado pela ideologia de um pragmatismo radical, servindo-se de mitos irracionistas e conciliando-os com procedimentos racionalistas-formais de tipo manipulatório. O fascismo é um movimento chauvinista, antiliberal, antidemocrático, antisocialista, antioperário.¹⁸

Desta forma, temos a grande imprensa escrita como um componente de uma estrutura maior: a grande mídia; instrumento que executa uma refinada forma de dominação, posto que atua através da força da palavra (e atualmente das imagens) e das idéias, atribuindo-se características de infalibilidade e de veracidade incontestáveis. Suas posições são permanentemente apresentadas ao conjunto social como legítimas, uma vez que atribuem a si o papel de representantes do interesse de uma maioria personificada na figura da opinião pública.

1.3-O “Róseo”

O jornal *Correio do Povo* foi fundado em 1895, por Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior, com o apoio da maçonaria. Desde o instante de seu surgimento, este gozou de uma mística que lhe conferia a fama de folha “apartidária” e de grande credibilidade. Com efeito, já em seu primeiro editorial, o jornal expressava o anseio de ostentar a bandeira da neutralidade política, muito embora assumisse posição quanto à forma de governo que, no seu entendimento, deveria reger o país.

(...) Em política – somos pela República, e só alimentaremos a aspiração patriótica de vê-la pujante, amada e próspera, capaz de fazer a felicidade deste grande país, fadado aos mais altos destinos.

¹⁸ KONDER, Leandro. **Introdução ao fascismo**. Rio de Janeiro: Graal, 1991, p 21.

Independente, nobre e forte – procurará sempre sê-lo o *Correio do Povo*, que não é órgão de nenhuma facção partidária, que não se escraviza a cogitações de ordem subalterna.(...)

Emancipado de convencionalismos retrógrados e de paixões inferiores, procurará esclarecer imparcialmente a opinião, apreciando com isenção de espírito os sucessos que se forem desenrolando e os atos dos governantes, para censurá-los quando reprováveis, para aplaudi-los quando meritórios.¹⁹

A apreciação do contexto de seu surgimento, no entanto, nos auxiliará a compreender como se deu a construção desta mística, e como ela se constituiu em parte integrante de seu sucesso. Primeiramente, devemos considerar que pouco tempo antes terminara a Revolução Federalista de 1893, encontrando-se o estado em um momento onde os ânimos políticos que dividiram o Rio Grande do Sul ao final do século XIX ainda se encontravam exaltados. Neste período, a imprensa local era formada, em sua maioria, por pequenos periódicos, subscritos diretamente pelas forças políticas ou por grupos de particulares, servindo assim mais como instrumentos de propaganda direta ou às aspirações literárias do que como informativos. Assim, o surgimento de um jornal que se declarava politicamente neutro, embora não se constituísse em fato inédito, era algo que não passaria despercebido. Além disto, outro ponto que conferia certa peculiaridade ao *Correio do Povo* no início de sua história era o fato de ser publicado, preferencialmente, em papel cor-de-rosa, o que, além de lhe conferir a alcunha de “Róseo”, serviria como indicador de sua imparcialidade, uma vez que simbolizaria sua não-identificação no contexto político local nem com “maragatos”, nem com “pica-paus”.²⁰

Esta decantada neutralidade, no entanto, sucumbe ao estabelecermos uma análise apenas um pouco mais acurada. Na verdade, os elementos que comporiam seu êxito diante dos concorrentes na transição para o século XX seriam outros: o constante investimento em melhorias técnicas; a constituição de um espaço para a expressão dos intelectuais gaúchos; bem como a adequação do jornal, desde o instante de sua fundação, à nova fase da imprensa brasileira que se implantava a partir daquele momento. Segundo Francisco Rüdiger, “Caldas

¹⁹ Artigo de lançamento do *Correio do Povo*, escrito por Caldas Júnior e publicado no primeiro número do jornal, em 01 de outubro de 1895. Republicado por ocasião dos 41 anos do jornal. In: *Correio do Povo*, 01 de outubro de 1936, p 1. Todas as transcrições do jornal aqui apresentadas estão com sua grafia atualizada. É interessante notar que, embora passado mais de um século, e não estando mais sob o controle da família Caldas, este primeiro editorial ainda integra o “patrimônio” com o qual o *Correio do Povo* busca apresentar-se à sociedade. Em 28 de outubro de 2002, um dia após as eleições nacionais, em sua primeira página, o jornal publicou um pequeno trecho deste texto (o segundo parágrafo por nós citado), aludindo ao fato de seu instituto de pesquisas ter antecipado os percentuais finais da eleição para o executivo estadual, contrariando as estimativas feitas pelos institutos IBOPE e CEPA/UFRGS, publicados pelo jornal *Zero Hora*, que projetavam uma maior vantagem ao candidato eleito.

²⁰ “Maragatos”: opositoristas (Federalistas) na Revolução de 1893, identificados pelo lenço vermelho. “Pica-paus”: governistas (Republicanos), identificados no mesmo acontecimento pelo lenço branco.

Júnior descobriu que o caráter político do jornalismo não precisava ser explícito, que havia uma mutação em curso nas necessidades do público e no próprio espectro deste público, estabelecendo novos termos para a concorrência no mercado de jornais”.²¹

O envolvimento do jornal com o campo político, na verdade, nunca foi um fato incomum. Assim como qualquer outro grande periódico, o *Correio do Povo* era – e é – uma empresa que se rege pela lógica do mercado, possuindo interesses próprios em defesa dos quais atua. Conforme o jornalista Walter Galvani:

Sem abandonar nunca sua vocação histórica, o *Correio* indiscutivelmente foi fiel às suas origens, embora a tese da sua imparcialidade não resista a um exame mais aprofundado, em momento nenhum. Ele sempre tomou partido, mesmo que fosse em termos de grandes ideais, vistos aí aqueles coincidentes com os projetos da classe social dominante.²²

Esta defesa de projetos e interesses, em comunhão àqueles defendidos pelas classes dominantes, pode explicar a ausência de referências, na bibliografia consultada sobre o jornal, quanto a dificuldades existentes em decorrência de censura durante o Estado Novo. Apesar da possibilidade sempre presente de uma ação direta de censores na própria redação do jornal, os relatos existentes afirmam que o mesmo não deixou de manter uma certa sintonia com o poder central: “Satisfeito com o rumo que tomavam os acontecimentos, Breno Caldas levava tranqüilo o *Correio do Povo*. Eram ótimas as relações com o governo federal”.²³ Desta forma, o jornal não apenas subscrevia o novo regime, mas igualmente compartilhava do entendimento sobre as causas que levaram ao mesmo.

Considerando-se os acontecimentos internacionais sobretudo aqueles que se prendem às tentativas de segurança e defesa nacionais, observar-se á, mesmo o espírito mais displicente à sorte de outros povos, que a reação contra a infiltração comunista se espalha e se aprofunda no ânimo de todas as nações que, efetivamente, querem colocar as suas instituições e as suas tradições espirituais a salvo da dominação terrorista da Rússia Soviética (...).

²¹ RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998, p 66.

²² GALVANI, Walter. **Um Século de Poder: os bastidores da Caldas Júnior**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994, p 537.

²³ **Idem**, p 335. Ainda conforme Galvani, em apenas dois momentos o *Correio do Povo* teve sua circulação suspensa em virtude de problemas políticos: em 29 de setembro de 1933, por decreto do então interventor federal José Antônio Flores da Cunha, devido a antagonismos existentes entre este e a linha política seguida pelo jornal; e em 20 de setembro de 1972, quando foi apreendido pelo Departamento de Polícia Federal, por ordem do ministério da justiça, devido à publicação de um telex de Rui Mesquita, diretor do *Jornal da Tarde* e do *Estado de São Paulo*, protestando quanto à censura na imprensa.

Travando conhecimento direto e indireto com esse perigo é que o Brasil deu a dez de novembro o seu passo decisivo na defesa das suas instituições e do seu povo. (...)²⁴

Os efeitos da instauração do Estado Novo, apesar das práticas de censura e de reforço do poder executivo, acabaram por beneficiar os grandes jornais de Porto Alegre, pois a colocação de entraves à circulação dos órgãos da imprensa partidária que porventura subsistissem afetava diretamente os pequenos periódicos do interior do Rio Grande do Sul. Como neste período os jornais da capital já atingiam uma certa penetração em tais localidades devido à utilização do transporte ferroviário na distribuição dos exemplares, criou-se um quadro que tornava ainda mais desigual a concorrência pela conquista da preferência dos leitores. Conforme Rüdiger:

A ditadura varguista proibiu os partidos políticos e suspendeu a publicação de seus órgãos de imprensa, forçando a transformação em periódicos noticiosos daqueles interessados em manter sua sobrevivência. Em consequência disso, houve a consolidação do novo regime jornalístico, mas também a consagração da hegemonia do *Correio do Povo* e do *Diário de Notícias* na imprensa do Rio Grande do Sul.²⁵

O *Correio do Povo*, em certa medida, parece afastar-se um pouco da imprensa de cunho liberal do centro do país, que se opôs aos projetos centralizadores de Vargas, e que sofreu mais diretamente a ação dos órgãos de censura deste período, materializada na figura do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Se atentarmos para as falas de seus diretores e articulistas, veremos que classificar este periódico, no recorte cronológico de nosso interesse, como defensor de ideais puramente liberais, é um ato temerário, muito embora arrolá-lo como eminentemente conservador não nos pareça uma leitura correta. Tomemos como exemplo o articulista Christóvão L. Paledzki, responsável pela coluna intitulada “O Momento Mundial”, onde este analisava especialmente o contexto político europeu ao final da década de 30. O próprio articulista assim se define: “Sou conservador. Observo as mutações operadas com certo pessimismo. Impressiona-me a futilidade das teorias políticas que se chamam ‘avançadas’ e cujo debate apaixona o mundo, dividindo-o em campos opostos”.²⁶ Ao mesmo tempo, apesar da inserção do periódico no sistema moderno de jornalismo, através do constante aprimoramento do equipamento técnico, sua gestão seguia

²⁴ *Correio do Povo*, 21 de novembro de 1937, p 5.

²⁵ RÜDIGER, Francisco. **Op. Cit.** p 73.

²⁶ *Correio do Povo*, 22 de março de 1938, p 7.

os moldes de uma verdadeira empresa familiar, onde o poder decisório estava permanentemente concentrado nas mãos de seu diretor-presidente. Em seu depoimento a Pinheiro Machado, Breno Caldas lembra seu longo período no comando do jornal nos seguintes termos: “Eu era o poder maior e ninguém me contestava. Pelo menos durante muitos anos foi assim”.²⁷

Por outro lado, a par da forma com que era gerido, bem como da perspectiva conservadora que eventualmente externava, o *Correio do Povo* nunca perdeu de vista alguns valores inerentes ao liberalismo, uma vez que, conforme Galvani, “posicionou-se sempre em defesa do que classificava com letras maiúsculas em editoriais ideologicamente decisivos: Liberdade, Democracia, Livre Iniciativa (...)”.²⁸ Desta forma, uma interpretação a respeito do *Correio do Povo* que nos parece não apenas apropriada, mas também legitimada, dada a sua origem, provém do ex-articulista Oswaldo Goidanich, ao classificá-lo como “um jornal conservador com uma abertura liberal”.²⁹

Um interessante testemunho, que não somente corrobora o que até aqui foi exposto acerca do *Correio do Povo*, mas que também nos proporciona uma verdadeira ilustração quanto à sua importância e ao processo de produção e distribuição deste periódico naquele momento, nos é fornecido pela crônica abaixo, parcialmente compilada, extraída das páginas de outro órgão da imprensa gaúcha daquele período – a Revista do Globo. Embora extenso e sem a assinatura de seu autor, cremos que o texto, publicado por ocasião do quadragésimo primeiro aniversário do jornal, constitui-se em importante depoimento sobre nossa fonte principal:

No dia primeiro deste outubro completou 41 anos de existência o nosso brilhante colega, o “CORREIO DO POVO”, fundado e por largos anos orientado pelo saudoso e ilustre jornalista Caldas Junior. A sua carreira é das mais brilhantes no jornalismo sul-americano. O “CORREIO DO POVO” soube impor-se de tal modo ao público do Rio Grande que, ao cabo destes muitos anos de lutas e esforços, é por assim dizer um “jornal que toda a gente lê”. Da boca de muitos leitores de jornais temos ouvido repetidamente esta confissão: “Posso ler todos os jornais do Brasil. Mas se não leio o Correio do Povo tenho a impressão de que não li jornal...” Nesta confissão não vai nenhuma censura aos outros jornais da capital. O “DIÁRIO DE

²⁷ CALDAS, Breno; PINHEIRO MACHADO, José A. **Meio Século de Correio do Povo: glória e agonia de um grande jornal**. Porto Alegre: L&PM, 1987 p 102. Em 1989, o então governador Pedro Simon assim se referia ao diretor do *Correio do Povo*, Breno Caldas, por ocasião do falecimento deste: “Se poderá dizer que o dr. Breno era um homem conservador, e o era na sua maneira de ser, conservando os princípios, o que, de certa forma, alguns podem considerar hoje arcaicos”. In: DILLENBURG, Sérgio. *Correio do Povo: história e memórias*. Passo Fundo: Ediupf, 1997, p 150.

²⁸ GALVANI, Walter. **Op. Cit.**, p 537.

²⁹ Depoimento dado por Oswaldo Goidanich. In: DILLENBURG, Sérgio. **Idem** p 137.

NOTÍCIAS” e o “JORNAL DA MANHÃ” são matutinos moderníssimos que cada vez mais se impõem à admiração e á simpatia do público. Mas há como que uma aura de lenda e de doirado prestígio em torno do “CORREIO DO POVO” – algo indefinível e ao mesmo tempo indestrutível – uma atmosfera privilegiada, quase semelhante a esses que envolvem os seres e as coisas *tabu*. Mas o “CORREIO DO POVO” não se deixa levar embalado nesse mar manso e seguro da popularidade garantida. Ele progride, se aperfeiçoa, amplia as suas secções, alarga a tiragem. Está numa contínua renovação.

Uma visita ás instalações desse grande jornal nos dão uma idéia de sua importância. Mais de trinta redatores sentados em torno de mesas, a escrever febrilmente – cada um com a sua coluna. Um hábil e inteligente corpo de repórteres espalhados por toda a capital – olhos sempre vigilantes que tudo procuram ver. Verdadeiros caçadores de novidades e de sensações.

Nas oficinas, a balburdia não é menor. As linotipos com o seu farfalhar metálico e ininterrupto transformam em letra de fôrma o que os repórteres rabiscam a lápis ou a tinta nervosamente, em cima do joelho. Homens encurvados sobre mesas forradas de zinco ajustam páginas, compõem cabeçalhos.

E pela madrugada, quando a cidade já está no último sono, a poderosa Marinoni começa a rodar e a vomitar jornais. A trepidação dos homens dá lugar á trepidação da máquina enorme. E quando o dia rompe encontra as grandes pilhas de jornais cor-de-rosa. E poucas horas depois os navios, os caminhões, as lanchas, os trens, as carroças e os aviões conduzem para todos os pontos do Rio Grande o jornal do dia. E, dia claro, os garotos berram pelas ruas “Oia o Correio do Povo! Oia o Correio do Povo!” Saltam nos bondes, invadem os cafés, cortam as ruas. E os primeiros bondes que trazem dos subúrbios homens e mulheres que vão para o trabalho, oferecem espetáculos significativos. Em quase todas as mãos ha um jornal cor-de-rosa: quase toda a gente lê o “CORREIO DO POVO”.

E o prestígio do jornal se perpetua.³⁰

Estabelecendo assim boas relações com o governo central, ao mesmo tempo em que externava os valores e interesses da classe dominante, assumia, o *Correio do Povo*, um conjunto de idéias políticas unívocas perante o público, englobando a defesa da propriedade, da ordem social e da religião cristã. É compreensível, portanto, que as simpatias do periódico, ao trazer para seus leitores os acontecimentos da Guerra Civil Espanhola, pendessem para o lado que estivesse identificado com tal conjunto de valores, ainda que isto representasse a deslegitimação de um regime republicano legalmente constituído. Se tivermos em mente que sua decantada imparcialidade chegara a ficar famosa através de um jargão popular – “se o *Correio* deu então é verdade”³¹ – teremos uma idéia melhor da influência que sua apresentação do conflito espanhol tinha junto à sociedade, servindo como elemento auxiliar de difusão ideológica, segundo as perspectivas oficiais daquele momento.

³⁰ *Revista do Globo*, Ano 8, nº 192, 10 de outubro de 1936, p 10. A grafia do artigo está atualizada.

³¹ A existência deste dito é relatada em vários títulos específicos sobre o *Correio do Povo*. A título de exemplo, citamos aqui a republicação de entrevista de Érico Veríssimo, concedida originalmente quando da comemoração dos 80 anos do jornal. In: DILLENBURG, Sérgio **Op. Cit.**, p 95.

2-SOBRE HISTÓRIA E IMPRENSA

2.1-Relações entre história e imprensa

Ao elaborarmos uma análise sobre as relações existentes entre história e imprensa, somos levados a refletir quanto aos elementos que se constituem em elo de ligação entre estes dois campos. Embora tanto o jornalista como o historiador tenha compromissos com valores tais como a realidade e a verdade, não oferecem, em última análise, mais do que uma aproximação com o objeto que buscam resgatar. Assim, em ambos os casos, nos deparamos não com reproduções exatas, mas com interpretações do acontecido, interpretações estas carregadas da subjetividade de seus produtores, e portando suas perspectivas e limitações ideológicas e culturais. Como tais valores (cultura e ideologia) refletem sistemas temporalmente localizados no presente, o trabalho do historiador que vislumbra a imprensa e sua atuação ao longo do tempo, dirá respeito, por fim, ao seu próprio tempo, uma vez que é a partir de sua contemporaneidade que ele estabelecerá suas problemáticas e questionamentos.

Sendo assim matizadas, estas interpretações são realizadas sobre objetos previamente selecionados, conforme os interesses daqueles que se debruçam sobre o acontecido. Através deste processo de seleção do que é passível de ser ou não objeto de análise, aquilo que era tomado como um fato pertencente à esfera do cotidiano tomará a dimensão de fato jornalístico ou histórico. Desta forma, tais dimensões operam como o *locus* no qual jornalistas e historiadores tornam o meramente factual em algo submetido ao seu trabalho interpretativo. Refletindo sobre esta aproximação entre os campos jornalístico e histórico, Marialva Barbosa comenta:

A primeira aproximação está mesmo na atividade de seleção, privilégio tanto do historiador quanto do jornalista. Os meios de comunicação ao selecionar o que se passa no mundo, o que vai ou não ser notícia, o que vai ser editado com destaque ou sem relevo, estão, na verdade, procedendo a criação do próprio acontecimento. Longe de serem apenas veículos de divulgação, são eles próprios criadores do acontecimento. E, dessa forma, constituem uma memória privilegiada do presente que vai ser objeto de análise do historiador num futuro. Os impressos são, sobretudo, documentos e como tal *monumentos da memória*.³²

³² BARBOSA, Marialva. Jornalismo e História: um olhar e duas temporalidades. In: NEVES, Lúcia; MOREL, Marco (orgs.). **História e Imprensa: homenagem a Barbosa Lima Sobrinho – 100 anos. Anais do Colóquio**. Rio de Janeiro: UERJ/IFCH, 1997, p 87 (grifo do original).

Temos assim que, para que se constitua o acontecimento através da imprensa, este deve ser selecionado, dotado de sentido e valor, e direcionado a um público específico através de um processo de publicização. A importância de tal processo é bem expressa quando Pierre Nora afirma que “a publicidade é a lei de bronze do acontecimento moderno”.³³ No caso da grande imprensa escrita, a publicização demanda, no outro extremo, a existência de um público consumidor de seu produto, seu destinatário para a interpretação produzida sobre os fatos. Embora as características deste público sejam naturalmente mais difíceis de serem resgatadas quanto mais afastados se encontrem no tempo o historiador e a produção do texto, dispõe o pesquisador de indicativos que pode seguir, a fim de configurar não somente o leitor-alvo de determinado jornal, mas também o poder de penetração social de que este dispunha. Assim, se tiragens elevadas podem apontar – e tão somente apontar – para uma ampla inserção de um veículo informativo entre a população em anos mais distantes, outros fatores, tais como seu alinhamento a determinado posicionamento político, ou à existência do silêncio sobre tal ou qual fato, igualmente têm muito a dizer, não somente sobre o leitor a que um jornal se destina, mas também sobre os parâmetros ideológicos que regem sua publicação.

Em um pequeno texto monográfico, Cláudio Elmir apresenta algumas especificidades da prática historiográfica que toma as fontes jornalísticas como seu elemento principal.³⁴ Abordando os perigos que o trabalho com este tipo de material apresenta para o pesquisador, este autor indica algumas peculiaridades e cuidados a serem tomados, tais como a necessidade de uma leitura meticulosa, de caráter intensivo; a obrigatoriedade de averiguar um grande número de exemplares a fim de encontrar a constância de determinadas idéias; e a importância da execução de pesquisa bibliográfica e de contextualização do momento de produção do texto, uma vez que o jornal como fonte única se mostrará geralmente insustentável. No entanto, duas observações de Elmir nos parecem destacadamente importantes quando pensamos na pesquisa com periódicos produzidos em um marco temporal mais afastado: a armadilha que os preconceitos do pesquisador podem representar para os resultados finais do trabalho, bem como o fato de que este não se constitui no leitor-modelo do texto que se descortina a sua frente.

³³ NORA, Pierre. O retorno do fato. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (orgs.). **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p 186.

³⁴ Cfe: ELMIR, Cláudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. In: **Cadernos de Estudo n° 13**. Porto Alegre: PPGH/UFRGS, 1995, p 19-29.

Todavia, mesmo a consciência destes indicativos não exige o historiador que se atém às fontes jornalísticas de estar permanentemente atento às entrelinhas e subjetividades do texto com o qual trabalha. “A notícia não é o que aconteceu no passado imediato, e sim o relato de alguém sobre o que aconteceu”.³⁵ Desta feita, seu objeto não se constitui somente em um produto da ação humana sob a forma escrita, mas também de um lugar no qual se pretende fixar uma determinada memória; onde se desenrola a luta política; bem como de um mecanismo para levar esta última a cabo.

Uma outra perspectiva de vinculação entre história e imprensa é apresentada por Benedict Anderson, para quem o jornal – ao lado dos romances – desempenha a importante função de elemento constitutivo de comunidades imaginadas, estando mesmo na formação das modernas consciências nacionais. Para Anderson, o jornal tem um profundo caráter ficcional, seja unindo diariamente acontecimentos que nada teriam em comum através de um fator de justaposição temporal (perceptível, por exemplo, através da data, no cabeçalho do jornal), seja através de sua natureza de produto sujeito ao mercado, o que lhe confere um aspecto de *forma extrema de livro*, verdadeiros *best-sellers por um só dia*. Assim, “o leitor de jornal, vendo réplicas exatas de seu jornal sendo consumidas por seus vizinhos do metrô, da barbearia ou de sua casa, sente-se permanentemente tranqüilo a respeito de que o mundo imaginado está visivelmente enraizado na vida quotidiana”.³⁶ Ao concordarmos com Anderson, certamente podemos transpor tal análise para os jornais cor-de-rosa que, conforme a crônica anônima da Revista do Globo, eram vistos em quase todas as mãos dos homens e mulheres que, através dos bondes, saíam dos subúrbios da cidade a fim de empreenderem mais um dia de trabalho.

Por fim, embora a forma narrativa possibilite um ponto de convergência entre os relatos históricos e jornalísticos por um lado, e a narrativa ficcional por outro, consideramos que aqueles têm como elemento de diferenciação um compromisso não com a realidade em si, mas com a realidade apresentada pela fonte. Assim, em nosso caso, é a partir daquilo que é apresentado pelo texto que o historiador, através das problemáticas que levanta, irá efetuar uma série de ligações com outras esferas do conhecimento, podendo então incursionar no campo do imagético – sempre se limitando ao plausível – a fim de melhor cercar a questão

³⁵ DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p 18.

³⁶ ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989, p 44. As expressões em destaque também são de Anderson.

central de seu trabalho. Assim, voltamos a concordar com Marialva Barbosa, quando esta analisa as ligações existentes entre o discurso jornalístico e o historiográfico:

Nessas narrativas estão contidos conjuntos de relações possíveis entre esses eventos, conjuntos esses que não são iminentes aos próprios eventos, existindo, portanto, apenas na mente do pesquisador ou do redator que reflete sobre eles. E nessa conceituação estará presente o mito, a fábula, o conhecimento científico e a própria cultura do narrador.³⁷

2.2-O grande jornal: instrumento ideológico

A partir do momento em que se constituem como grandes empresas, os jornais tornam-se também instrumentos de divulgação e propagação dos ideais da classe dominante.

Dependentes em larga medida da publicidade, tanto no que diz respeito a sua manutenção financeira como no que tange a sua auto-promoção, os grandes periódicos passam a disputar a influência sobre um público que se constitui (também) como mercado. Por vezes associados a empresas maiores ligadas ao setor da comunicação como um todo, os jornais assumem um tamanho e uma demanda tecnológica que veda a possibilidade de uma maior concorrência tanto com outros títulos como com outras formas de pensar que não aquelas que representam. Suas páginas, assim, se tornam verdadeiros “locais de poder”, pontos privilegiados para acessar e formatar a opinião pública.

Estando assim sob o controle de um grupo numericamente pequeno, porém coeso em sua preponderância, a grande imprensa acaba por se constituir em um inestimável instrumento de manutenção da ordem sócio-econômica. “Quando se verifica que essa gigantesca engrenagem é simples parafuso de engrenagem maior, a que pertence, do capitalismo monopolista, ainda mais fácil é estimar o seu alcance e poder”.³⁸ Desta forma, os grandes jornais têm na conservação das estruturas nas quais se inserem, um limite bem demarcado, o qual não ultrapassam sob pena de entrar em contradição com sua condição de agentes de representação de interesses e intervenção na vida social. Assim, eventuais demandas populares encontrarão espaço em tal meio desde que não representem ameaça para a ordem social instituída. Estas características têm sido destacadas em alguns trabalhos que tomam a grande imprensa ou alguns de seus órgãos como objetos de estudo.

³⁷ BARBOSA, Marialva. **Op. Cit.**, p 90.

³⁸ SODRÉ, Nelson Werneck. **Op. Cit.** p 6.

Capelato e Prado, ao analisarem a atuação de *O Estado de São Paulo* no período 1927-37, destacam como este atuava na defesa de um projeto político calcado no liberalismo e na democracia. Assim, o Estado deveria se limitar a assegurar o gozo de objetivos individuais, tais como a liberdade, a igualdade, a justiça e a segurança, sem exercer maiores interferências na área econômica e na propriedade privada, considerada esta última como o “conceito maior na ideologia do jornal”.³⁹ Contudo, este periódico oferecia um tratamento diferenciado para questões econômicas e políticas, podendo assim, ao mesmo tempo, aplaudir a política econômica do governo Vargas, e criticá-lo por ser excessivamente centralizadora. Após o levante comunista de 1935, *O Estado de São Paulo* passa a fazer concessões em seu liberalismo, pois, “se a destruição cabal do perigo comunista requeria a concentração cada vez maior de poderes nas mãos do governo central, isso deveria ser feito, segundo os representantes do jornal, sem qualquer hesitação”.⁴⁰ Esta flexibilização de seu liberalismo atingia o ponto de admitir alterações no texto constitucional, o qual, até então, fora objeto de uma defesa veemente.

Identificando-se como órgão da classe dos lavradores (proprietários dos cafezais), *O Estado de São Paulo*, segundo Capelato e Prado, possuía no elitismo o ponto mais acabado de sua ideologia, mesclando em seu discurso elementos nacionalistas e etnocentristas, posto que justificava o atraso da sociedade brasileira pela presença de “elementos africanos” ou de imigrantes europeus que não tinham um maior comprometimento com o progresso nacional, sendo movidos apenas por interesses materiais. As autoras, porém, esclarecem que esta mescla de nacionalismo e racismo não se constitui em característica identificadora deste jornal, sendo antes “uma tendência observada na literatura brasileira até a década de 1930”.⁴¹

Todavia, *O Estado de São Paulo*, não se encontrava sozinho nas concessões políticas que se permitia ante as ameaças de transformação nas estruturas sociais. Em trabalho individual, onde alarga seu recorte cronológico para o período de 1920-45, Capelato apresenta uma leitura da ação conjunta dos grandes órgãos da imprensa paulista e de seus representantes, que atuavam no cenário público não somente através das páginas de seus jornais, mas igualmente, por meio de ações políticas concretas. Embora politicamente estes representantes não possam ser agrupados todos sob uma mesma denominação (a autora os divide em “liberais” e “anti-liberais” ou “opositores”, ligados ainda às antigas oligarquias),

³⁹ CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. **Op. Cit.** p 91.

⁴⁰ **Idem.** p 61.

⁴¹ **Idem.** p 119.

haveria, quando do surgimento de ameaças ou desafios comuns, o estabelecimento de verdadeiras alianças, a fim de que o exercício da dominação não fosse rompido. Nas palavras da autora:

Os representantes da imprensa tinham objetivos bem determinados, mas a luta social e política os obrigava a se desviarem do caminho pré-estabelecido: a cada passo enfrentavam situações novas que exigiam reformulações de suas propostas. Ao longo do período, os grupos dominantes (em que se integravam os donos dos periódicos) uniram-se e se separaram de acordo com as conveniências do momento: seus projetos se interpenetraram, mesclaram-se e foram matizados. (...) O controle dos dominados é o objetivo básico e comum dos reformadores liberais e anti-liberais de diferentes matizes.⁴²

Desta forma, embora a grande imprensa paulista da época abrigasse diferentes concepções políticas, que poderiam inclusive entrar em choque pelo controle do poder do Estado, na prática, as diferenças acabavam suprimidas quando se tratava de defender a manutenção da ordem social e combater o perigo advindo de idéias “alienígenas”, como o comunismo, o socialismo ou o anarquismo.

Ainda que tal prática de utilização da mídia como instrumento de dominação e de difusão ideológica ao longo do tempo não se constitua em novidade, visto que é elemento de sua própria natureza, temos no trabalho de José Arbex Júnior uma boa análise de como se dá o exercício do poder pelos meios de comunicação em épocas mais recentes. Dedicando um capítulo específico de sua tese para a atuação da *Folha de São Paulo* no período compreendido entre 1984-92, o autor desvenda como este jornal, reputado mesmo como sendo mais “à esquerda” em virtude de sua adesão a campanhas como o movimento das “Diretas Já”, ou a freqüente apresentação de contribuições de expoentes da intelectualidade brasileira, acabou por assumir, finalmente, uma postura condizente com seu papel de órgão representativo de uma classe economicamente preponderante. Tal fato teria ocorrido a partir do instante em que se configurou no país uma nova situação política quando do final do regime militar e da instituição de governos civis, que seguiam concepções econômicas onde o tamanho e o poder de ação do Estado eram reduzidos. Este desvelar da “verdadeira face” do jornal não teria ocorrido sem estranhamentos e contradições, ao menos em um primeiro instante, quando o discurso externo da *Folha de São Paulo* nem sempre seguiu o que a mesma preconizava em seus manuais de redação ou em sua política administrativa.

⁴² CAPELATO, Maria Helena. **Os arautos do liberalismo: imprensa paulista (1920-1945)**. São Paulo: Brasiliense, 1989, p 13-14.

Contribuía decisivamente para a confusão o fato de que, na fase final da ditadura militar (início dos anos 80), alguns setores da burguesia se distanciaram do regime, calculando que era chegada a hora de dispensar os generais e assumir diretamente o controle do Estado. Momentaneamente, isso fez os seus porta-vozes adotarem um discurso democrático, sedutor para os movimentos populares. A *Folha* soube ocupar muito bem esse lugar, e o jornal chegou a ser visto como uma espécie de porta-voz desses movimentos, principalmente por meio de artigos e atitudes engajadas de jornalistas com concepções políticas revolucionárias. Mas a “lua-de-mel” acabou com o fim formal do regime militar e o início da formação de um sistema representativo que ampliava o acesso ao poder dos setores insatisfeitos da burguesia. Gradativamente, a *Folha* mudou o tom de seu discurso, tornando-se cada vez mais ‘empresarial’ e dissociada dos anseios nacionais e populares.⁴³

Nesta alteração de discurso, a *Folha de São Paulo* necessariamente teve de proceder a uma “afinação” em seu corpo de redatores, a fim de que seu texto se mostrasse apropriado aos seus fins. Assim, fez-se necessário executar, entre o conjunto de seus jornalistas, aquilo que Arbex chama de “saneamento ideológico”,⁴⁴ para, posteriormente, instituir uma realidade de alta rotatividade de quadros, ressaltando sempre para estes o caráter empresarial da companhia, para quem a notícia era encarada como simples mercadoria geradora de lucros.

Podemos nós, de alguma forma, estabelecer algum tipo de paralelo entre os quesitos destacados pela bibliografia referentes ao *Estado de São Paulo* e demais órgãos da imprensa paulista nas primeiras décadas do século XX; à *Folha da São Paulo* em fins dos anos 80, e a fonte por nós utilizada? De modo semelhante aos exemplos trazidos por Capelato em seu trabalho individual, bem como naquele executado em co-autoria com Maria Prado, o *Correio do Povo* tinha no elitismo e no combate às ideologias consideradas “exógenas” um componente fundamental de sua percepção sobre o contexto do final dos anos 30. Assim, a coluna “O Momento Mundial”, em 27 de janeiro de 1937, determinava, segundo sua ótica, não somente os principais centros de produção ideológica do mundo, mas também a quem tal produção dizia respeito: “A humanidade tem uma série de eixos ao redor dos quais ela gira. A raça branca tem o seu pólo religioso no Papado, o seu pólo democrata e econômico em Londres e um pólo socialista em Moscou”.⁴⁵

Quanto ao trabalho de Arbex, embora temporalmente afastado de nossa temática, parece-nos importante sobretudo, ao apontar a necessidade, mais ou menos premente conforme o momento, da busca de uma sintonia entre o corpo de redatores e as perspectivas

⁴³ ARBEX JR., José. **Showrnlismo: a notícia como espetáculo**. São Paulo: Casa Amarela, 2002, p 152.

⁴⁴ **Idem**, p 142.

⁴⁵ *Correio do Povo*, 27 de janeiro de 1937, p 3.

do jornal. Se atentarmos para alguns casos trazidos pela bibliografia, veremos que esta parece não ser uma realidade estranha à trajetória do *Correio do Povo*. Walter Galvani, por exemplo, conta em seu livro que, em 1932, Breno Caldas, ainda secretário de redação, vetou um texto sobre a Revolução Constitucionalista, de autoria do então diretor André Carrazoni, por considerá-lo demasiado pendente para o lado paulista, fato que acabou levando à retirada de Carrazoni da diretoria da empresa.⁴⁶

2.3-O grande jornal: instrumento pedagógico

Os grandes jornais não se constituem apenas em aparelhos legitimadores de dominação através da difusão ideológica. Com efeito, devido à concorrência desigual que estabelecem com os pequenos órgãos de informação (podemos pensar não somente na imprensa escrita, mas também, por exemplo, em relação às pequenas emissoras radiofônicas), eles desempenham igualmente um papel “pedagógico” junto à sociedade, visando “educar” a opinião pública por meio daquilo que é apresentado em suas páginas. Se a dominação de classe, trabalhada no item anterior, é executada de forma a que seja omitida, parecendo algo natural e inerente à organização da sociedade, aqui, as armas para doutrinação terão um caráter valorativo, binário (apresentando por vezes questões complexas sob uma lógica simples onde estão opostos o bem e o mal; a civilização e a barbárie; os valores cristãos e o ateísmo; a democracia e o autoritarismo, etc...). Assim, os grandes jornais utilizam a informação também como instrumento de doutrinação, modelando e manipulando a realidade e a opinião pública, ao mesmo tempo em que se apresentam sob o manto da neutralidade política.

A emissão de juízos de valor para o público exige construções narrativas que objetivem não apenas proporcionar um texto de fácil assimilação, como também dotar os personagens envolvidos de valores e motivações morais, relegando o contexto histórico a um segundo plano. Tais narrativas acabam por privilegiar traços personalistas ou fragmentar o acontecimento em detrimento do todo. A influência destes procedimentos sobre a percepção que o leitor têm do real aparece bem expresso nas palavras de Heloísa Dias:

⁴⁶ GALVANI, Walter. **Op. Cit.**, p 298-9. Em seu depoimento a José Pinheiro Machado, Breno Caldas faz a seguinte declaração, sobre a presença de comunistas na redação do *Correio do Povo*, já em época posterior a nosso interesse: “Quando alguém me falava sobre a presença de comunistas no jornal, eu ironizava dizendo que só tinha um cuidado: mantê-os sempre em minoria...”. In: CALDAS, Breno; PINHEIRO MACHADO, José A. **Op. Cit.**, p 89-90.

As estratégias narrativas utilizadas na composição das estórias, ou seja, na transformação dos eventos em notícias, fragmenta a informação e legitima uma única fração da realidade, tornando-a, desse modo, a *verdade dos fatos*. Essa notícia fragmentária representa a totalidade, configura o verdadeiro real, e assim, ao descrever e interpretar o cotidiano desconhecido, legitima imagens dominantes e contribui para a composição do cotidiano privado do indivíduo.⁴⁷

Em tais estratégias, os grandes jornais valem-se também de recursos gráficos e de diagramação, a fim de melhor assegurar a transmissão daquilo que se encontra sublimado na mensagem. Assim, toda a hierarquia conferida às informações, o destaque dado às manchetes e aquilo que elas exaltam, bem como o próprio material ilustrativo, constituem-se em mecanismos que objetivam não somente auxiliar a captação da informação, mas também da carga ideológica que se encontra a ela atrelada. Se por um lado, encontramos-nos diante de um verdadeiro instrumento didático, por outro este terá sua operacionalidade sempre limitada ao contexto histórico no qual se insere, sendo desta forma um verdadeiro testemunho das formas de pensamento dominantes ao longo do tempo. Conforme Eni Orlandi, “compreender como um texto funciona, como ele produz sentidos, é compreendê-lo enquanto objeto lingüístico-histórico, é explicitar como ele realiza a discursividade que o constitui”.⁴⁸

Exemplos desta forma de apresentar o acontecimento, carregado de dualidades e adjetivações, são constantes e se repetem na imprensa de forma cotidiana. Maria Capelato, em seu trabalho, apresenta inúmeras situações datadas da primeira metade do século XX, quando os grandes jornais buscavam não somente alertar a população para os perigos das “ideologias estranhas”, como também difundir todo um conjunto de valores considerados como “inerentes” à sociedade brasileira. Em uma dos exemplos que apresenta, a autora refere-se a ação dos periódicos paulistas nos anos subseqüentes ao levante comunista de 1935, quando passaram a encontrar na igreja católica um forte aliado, que deveria, a partir de então, ter seus valores enaltecidos diante do público leitor, ainda que isto contrariasse em parte a doutrina liberal que defendiam. Assim, em 05 de março de 1939, *O Estado de São Paulo* comentava:

⁴⁷ DIAS, Heloísa. Estratégias narrativas e imagens da política: a eleição municipal de 1996 na primeira página do jornal *O Globo*. In: NEVES, Lucia; MOREL, Marco. (orgs.). **História e Imprensa: homenagem a Barbosa Lima Sobrinho – 100 anos. Anais do Colóquio**. Rio de Janeiro: UERJ/IFCH, 1998, p 104 (grifo do original).

⁴⁸ ORLANDI, Eni Puccinelli. **Op. Cit.**, p 70.

As forças mais aparelhadas para combater o comunismo são as cristãs. (...) Por mais desprovidos de crenças religiosas que sejamos, não há na moral cristã nada que repugne ao nosso sentimento e à nossa inteligência. Se o lume da fé já se apagou em nossas almas, o da razão ainda não a abandonou, e bastará esse para mostrar como é *belo*, como é *nobre*, como é *fecundo* o ensinamento da igreja.⁴⁹

O fato de os detentores dos grandes meios de informação, ainda que de forma não planejada, atuarem coletivamente na defesa e propagação de seus ideais, parece ficar claro a partir do momento em que idéias semelhantes passam a ser expressas por diferentes veículos em um mesmo contexto histórico, embora o fato gerador do comentário possa ser diverso. O trecho abaixo, publicado no editorial do *Correio do Povo* de 05 de agosto de 1936, é sob certo aspecto, próximo ao apresentado por Capelato, ainda que seu tema gerador verse sobre os primeiros passos da Guerra Civil Espanhola:

Os acontecimentos revolucionários que se desenrolam na Espanha constituem lições práticas do ponto de vista moral, político e social, para os povos, que, pouco e pouco, se deixam contaminar pelo perigoso vírus vermelho da falsa reivindicação comunista.

É uma lição do ponto de vista moral, porque prova, com realidades imediatas, que um povo de tradições religiosas e domésticas não pode suportar a confusão e o retrogradamento da dignidade humana. As armas comunistas dirigem os seus ataques precisamente contra a moral religiosa e a moral da família e, sobretudo, contra o respeito inato à propriedade, contra a compreensão jurídica da posse. Religião família e propriedade, portanto, são a trilogia objeto da destruição e da desagregação comunista.⁵⁰

Uma infinidade de outros exemplos poderia ser aqui arrolada, a fim de demonstrar a continuidade desta prática de “demonização do adversário” aos olhos do grande público ao longo do tempo, bem como sua aplicabilidade a situações diversas. Apenas para retomar um autor já citado, José Arbex Junior tem se dedicado a demonstrar a forma sistemática com que a grande mídia tem operado, nos dias atuais, como instrumento de combate contra os movimentos sociais e suas principais lideranças. Em matéria publicada pela revista *Caros Amigos*, em junho de 2000, Arbex aborda a forma como a grande imprensa brasileira busca moldar a opinião pública diante da ação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

⁴⁹ *O Estado de São Paulo*, 05 de março de 1939, apud: CAPELATO, Maria Helena. **Op. Cit.**, p 217 (grifos nossos).

⁵⁰ *Correio do Povo*, 05 de agosto de 1936, p 5. É importante lembrar aqui a importância primordial que o *Estado de São Paulo* concedia à propriedade privada. As ligações do *Correio do Povo* com aquele periódico, todavia, podem ser um pouco mais profundas. É o que depreende-se do comentário do jornalista Walter Galvani, ao classificar *O Estado de São Paulo* como “sempre muito ligado ao *Correio* por amizade, tradição e identidade”. Cfe: GALVANI, Walter. **Op. Cit.**, p 420.

(MST), de forma a apresentá-lo como um perigo para os principais valores da sociedade brasileira.

Nesse sentido, a *Folha de São Paulo* vem apresentando a mais eficiente e feroz “engenharia do consenso”. Basta analisar a cobertura feita pelo jornal dos eventos relativos ao MST durante o mês de maio [de 2000], para detectar sua linha de argumentação: o MST é um movimento radical, portanto ilegítimo, que usa a “questão da terra” como pretexto para subverter a ordem, e cujos integrantes praticam a corrupção, com a conivência ou, pelo menos, a complacência do governo; o uso da força contra o MST torna-se, por isso, uma medida necessária à defesa da democracia.⁵¹

Disseminando desta forma seu conjunto de valores por entre a sociedade, os grandes jornais, em decorrência da forma didática com que apresentam suas idéias, se constituem naquilo que convencionamos chamar de “veículos formadores da opinião pública”. Neste trabalho, para além de seu papel de agente informativo, os periódicos operam a construção de verdadeiras “emoções sociais”, tais como o medo, a necessidade, o patriotismo ou mesmo a alienação. Se seu peso político não pode ser considerado como permanentemente decisivo nas discussões de que participa, por outro lado está longe de possuir uma força desprezível. Tal força transparece de forma mais efetiva a partir do momento em que se percebe que a ação destes órgãos se dá, geralmente, de forma conjunta, divulgando não apenas um sistema unívoco de idéias, mas também um mesmo rol de notícias, ou seja, a realidade construída por um veículo, é por outro reforçada e, assim, sucessivamente. É ainda Arbex Jr. que nos fala sobre isto:

O número de jornais diários pode dar a impressão de que, apesar de tudo, existe um certo pluralismo político e ideológico na imprensa brasileira, mas essa impressão é falsa. Primeiro, porque os três maiores jornais dão o tom, praticamente ditam a pauta daquilo que será publicado pelos demais, como reflexo de seu prestígio e poder político, e também porque eles funcionam como agências que fornecem notícias aos jornais menores, que não têm meios de manter equipes independentes de repórteres.⁵²

Temos, portanto, uma verdadeira operação de “construção do senso comum” através da grande imprensa escrita: um único olhar sobre os fatos, uma única leitura sobre os acontecimentos, um único estilo de pensamento a ser formado. A informação perde sua

⁵¹ ARBEX JR., José. Mídia, mentira e ditadura. **Revista Caros Amigos**. São Paulo, ano IV, n 39, p 18, junho/2000.

⁵² _____ . **Showrnalismo: a notícia como espetáculo**. São Paulo: Casa Amarela, 2002, p 264.

natureza, e passa a operar como um instrumento de dominação capaz de atuar de forma velada, reprimindo e moldando idéias e ações, justificando a ação repressiva quando se fizer necessário, ponderando-a, quando não houver riscos, ou denunciando-a quando lhe parecer conveniente. Assim, podemos ser ora informados de que somos um povo de índole pacífica, ora que possuímos um passado de lutas e de insubmissão a governos centralizadores ou autoritários. Somos alertados de que uma determinada ideologia se constitui em um elemento exógeno à nossa formação, enquanto que outra é perfeitamente adaptável a nossa sociedade por respeitar o conjunto de valores que caracteriza nosso modo de vida. Neste sentido, o já citado trabalho de Capelato e Prado é exemplar ao demonstrar como em um primeiro momento *O Estado de São Paulo* utilizou-se de um discurso centrado no nacionalismo a fim de propagar os ideais do liberalismo político e econômico. “Baseados nessa concepção, os representantes do jornal concluíram pela inviabilidade de adaptação do fascismo e comunismo no Brasil, procurando demonstrar que apenas o regime liberal se adequava ao caráter do povo brasileiro”.⁵³ Quando em um momento posterior, marcado pela polarização, *O Estado de São Paulo* teve de proceder a mudanças em sua linha política, passando a encarar o fascismo como uma arma eficaz na luta contra o avanço comunista, o jornal não hesitou em apresentar este novo raciocínio ao grande público através de um discurso de fácil assimilação e entendimento.

Embora sejam elementos utilizados para a intervenção na vida social, os grandes jornais, como empresas que são, operam a partir de uma lógica de mercado. Desta forma, sua finalidade principal, a informação, passa a ter o duplo caráter de produto e instrumento, devendo seduzir o leitor ao mesmo instante em que influencia sua percepção sobre a realidade que o cerca. Tanto a dominação social que fomentam quanto o papel pedagógico que desempenham constituem-se em fatores extremamente inter-relacionados, com fronteiras nem sempre definidas de forma clara. Tais funções, contudo, têm sido executadas de forma eficiente ao longo do tempo, garantindo a imagem de instituições detentoras da verdade e agentes imparciais de informação, fato que enseja discussões sobre o assunto, bem como a elaboração de estudos que tratem de tal temática.

⁵³ CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. **Op. Cit.** p 101.

3-O CORREIO DO POVO E A GUERRA CIVIL ESPANHOLA

Uma vez caracterizados a grande imprensa e o *Correio do Povo*, bem como situados dentro do contexto nacional e regional das primeiras décadas do século XX, passemos a análise da postura deste periódico, quando da abordagem da Guerra Civil Espanhola, em defesa da legitimação do conjunto de valores sócio políticos que representava, em um cenário mundial de grande polarização e efervescência. Os reflexos deste contexto no Brasil, sentidos, por exemplo, através da constituição e dissolução da Aliança Nacional Libertadora e da ocorrência do levante comunista em 1935, fazem com que, a partir do ano seguinte, o conflito na Península Ibérica fosse permanentemente tomado não apenas como um exemplo dos perigos que o avanço do comunismo poderia trazer para o Brasil e o restante do continente sul-americano, mas também como uma forma de justificar, perante a população, o regime de força que então se implantava a no país.

Muito embora a imprensa escrita seja tradicionalmente reconhecida como uma das grandes vítimas do Estado Novo, devido ao grau de cerceamento à liberdade de opinião então implantado, os jornais serviram como o veículo principal de divulgação ideológica do novo regime. Conforme Andréa Torres, “os veículos de comunicação foram os grandes *patrocinadores* da expansão dos ideais nacionalistas do Estado Novo. A imprensa escrita exerceu o papel fundamental de mediação entre o governo de Getúlio Vargas e a população na construção de uma unidade nacional, a partir de um projeto político”.⁵⁴ Ainda segundo esta autora, os dois maiores jornais do Rio Grande do Sul à época – *Correio do Povo* e *Diário de Notícias* – seriam os responsáveis por esta função no cenário local. Gozando assim de boa acolhida nas principais páginas impressas do jornalismo gaúcho, o ideário oficial encontrava um importante agente legitimador para seu discurso e uma forma eficaz de penetração junto à opinião pública do estado.

Esta postura adotada pelo *Correio do Povo* não está relacionada somente às diretrizes ideológicas apontadas diretamente pelo poder executivo. Em que pese o centralismo político adotado pelo primeiro governo Vargas, o conflito espanhol, por tudo o que representava naquele momento, se configurava como fonte de preocupação para todo o conjunto da elite política nacional. Conforme Eliana Ávila Silveira:

⁵⁴ TORRES, Andréa Sanhudo. Imprensa e Estado Novo: do discurso nacionalista ao discurso democrático. In: ALVES, Francisco; TORRES, Luiz Henrique (orgs.). **Imprensa e História**. Porto Alegre: APGH/PUCRS, 1997, p 58 (grifo do original).

Em linhas gerais, as elites políticas brasileiras se preocupavam com dois problemas fundamentais, que formavam o cerne de suas inquietações sobre a revolução espanhola. Em primeiro lugar, está o problema referente à difusão do esquerdismo revolucionário na América Latina, especialmente, no Brasil. Neste aspecto destaca-se o significado da república espanhola, enquanto experiência de confronto e radicalização político-ideológica. Em segundo, está o questionamento acerca da afirmação do Estado nacional espanhol, a partir da delimitação de estratégias políticas autoritárias configuradas no franquismo.⁵⁵

Por suas características de polarização política, abrangendo forças sociais ligadas aos movimentos “de esquerda” ou ainda libertários, bem como pelo envolvimento de interesses estrangeiros, a Guerra Civil Espanhola adequou-se plenamente ao discurso de uma elite que visava manter sua posição dentro da estrutura social, neutralizando o avanço daquelas ideologias sociais taxadas de “exóticas”. Assim, fazia-se necessário criar a idéia da unidade nacional em perigo diante de uma ameaça que visava destruir o trinômio sobre o qual se embasava a sociedade: a família, a religião e a propriedade. Ao mesmo tempo, o acontecimento servia também aos interesses oficiais, que encontravam nele um argumento legitimador para a repressão ao comunismo no Brasil. O conflito ibérico, onde ascendia um grupo marcado pela força repressiva no combate a uma situação revolucionária, constituía-se em excelente justificativa para a instauração de um governo igualmente dotado de características repressivas, e que pretendia evitar que se desse, em território nacional, a instauração de acontecimento semelhante. Tanto mais por tratar-se a Espanha de um país predominantemente católico, identificado com uma tradição latina e diretamente responsável pela “colonização” de maior parte do continente americano. Conforme Sebe Bom Meihy:

O Estado oficial brasileiro era claramente interessado em promover a versão da Guerra como “caos” e “resultado da democracia desordenada decorrente das eleições e do regime republicano”. (...) Depois de afogado o “movimento comunista” do Rio de Janeiro de 1935, o “exemplo” espanhol serviria para o governo brasileiro reforçar suas teses autoritárias, e, neste cenário, poderia atuar como juiz, evitando que ocorressem no Brasil os “desastres” da Guerra Espanhola”.⁵⁶

Convém lembrar, no entanto, que a estrutura montada pelo Estado a partir da eclosão do levante de 35 não permitiria, de qualquer modo, uma postura diferente por parte dos grandes

⁵⁵ SILVEIRA, Eliana Ávila. **A Guerra Civil Espanhola e as elites políticas brasileiras: 1936-1939**. Porto Alegre: PUCRS – Dissertação de mestrado, 1979, p 137.

⁵⁶ MEIHY, J. C. Sebe Bom. O Brasil no Contexto da Guerra Civil Espanhola. In: **O Olho da História: revista de história contemporânea**. Salvador/UFBA, V 2, n 2, p 117-8, 1996.

jornais, caso estes assim planejassem proceder, uma vez que, após o levante, foram apresentados e aprovados projetos de lei visando garantir o *status quo* e legalizando as ações repressivas. Sobre isto, Capelato e Prado apontam que “ficava vedada à imprensa a veiculação de quaisquer doutrinas contrárias ao Estado, mesmo daquelas que não contivessem propaganda de guerra ou de processos violentos para a tomada do poder”.⁵⁷ Tais mecanismos foram aperfeiçoados após a instauração do regime estadonovista, através da implantação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e dos Departamentos Estaduais de Imprensa (DEI’s), moldados segundo instituições similares existentes no regime nazista e que executavam a atividade de censura a partir das próprias redações dos jornais.

Portanto, a forma com que o *Correio do Povo* apresentava a Guerra Civil Espanhola, embora não tenha permanecido livre de contradições, obedecia ao sistema ideológico defendido pelo jornal, uma vez que este, aparentemente, não possuía maiores querelas com o regime que então vigorava. Todavia, o Estado dispunha dos instrumentos adequados para garantir o enquadramento da opinião do periódico caso se fizesse necessário. Desta feita, não se trata aqui apenas da percepção de um jornal sobre o conflito, mas da percepção que uma parcela da classe dominante, alinhada ao poder do Estado e plenamente inserida no contexto político daquele período, teve sobre o acontecimento, estando tal leitura diretamente relacionada ao contexto político nacional. A difusão desta perspectiva através do periódico não somente exercia uma função legitimadora das ações oficiais, como também buscava adequar a opinião pública ao conjunto de valores que lhe norteavam.

O jornal, todavia, apresenta formas e locais diversos de expressão, indo desde os editoriais e colunas assinadas, até relatos de viagens e o conjunto do noticiário local, passando, evidentemente, pelas notícias internacionais enviadas por grandes agências. Ao passar agora à parte central de nosso trabalho, convém propor uma análise em separado destas instâncias, uma vez que há traços de especificidade em cada uma destas seções.

3.1-Os editoriais

Local por excelência para uma análise das inclinações político-ideológicas de um jornal, os editoriais costumam receber, por parte do historiador que se dedica a este tipo de fonte, uma atenção especial. Com efeito, é através deste espaço que podemos não apenas

⁵⁷ CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. **Op. Cit.**, p 58.

verificar a posição de um periódico diante de tal ou qual questão, mas também as alterações de rumo tomadas pelo mesmo ao longo do tempo. Assim, é aqui que o discurso de classe tende a ser mais evidenciado, sendo seu texto a materialização mais próxima daquilo que pode ser entendido como a opinião dos responsáveis pelas empresas jornalísticas.

Tal foi o caso do *Correio do Povo*, nos momentos em que seu corpo editorial dedicou atenção à Guerra Civil Espanhola. Com efeito, é possível notar nas análises editoriais produzidas sobre este conflito a influência daquelas características já apontadas como componentes do contexto nacional: o receio e a reação diante do comunismo; a defesa dos valores considerados como integrantes da civilização ocidental; a necessidade do sacrifício das idéias liberais diante do embate de forças políticas antagônicas que se desenvolvia na Europa, bem como a justificativa para a existência de um governo forte a fim de guiar o país neste momento. São ainda textos que possuem uma forte característica pedagógica; que visam, através de uma linguagem muitas vezes simplificada, apresentar a situação vivida pela Espanha como uma consequência da liberdade de movimento que a mesma conferiu às ideologias de esquerda, consideradas exóticas e, por natureza, destrutivas. Assim, se apresentava a Espanha como verdadeiro paradigma para o Brasil e os demais países da América Latina, que deveriam evitar a penetração destas idéias e combatê-las sem trégua, a fim de impedir que processos semelhantes se instaurassem em nosso meio.

Desta forma, mesmo antes da instauração do conflito, ao retratar a situação de convulsão social por que passava a Espanha – verdadeiro período pré-revolucionário que se seguiu às eleições de 1936 –, a flexibilização dos valores liberais já era, nos editoriais do *Correio do Povo*, ponto integrante da pauta diante da ascensão das idéias totalitárias que dividiam a atenção no cenário político. Tal flexibilização atingiu mesmo, com o decorrer do tempo, o extremo de contrariar a concepção política defendida pelo periódico em seu primeiro editorial, posto que a Espanha se encontraria, segundo a ótica dos editorialistas do jornal, em um momento de transição “dos vícios monárquicos para as impurezas republicanas e destas, para o desenfreado pauperismo mental e moral do comunismo”.⁵⁸ Todavia, é interessante destacar que, na perspectiva dos editoriais, o surgimento das idéias classificadas como “de extrema-direita” nada mais eram do que a resposta natural a ser dada diante do avanço do perigo comunista no cenário europeu. Não haveria, diante delas, espaço para uma postura conciliatória.

⁵⁸ *Correio do Povo*, 26 de julho de 1936, p 3.

A situação político-social da Espanha, refletida nos telegramas dos últimos dias, causa a impressão de que este país está em “revolução permanente”, conforme a frase tão cara a esse espírito exclusivamente revolucionário e que se chama Trotski.

Um governo, que não se sabe como definir, mas que se supõe ser liberal, democrata ou socialista, está a querer conter os choques continuados entre as duas extremas: a esquerda e a direita, a fascista e a comunista. Sente-se que ele dispõe de muito pouca força moral para restabelecer a ordem, quase sem autoridade para impor-se a essa espécie de anarquia, a que a Espanha está reduzida.

Ficar entre as duas massas é em pura perda. Entre os embates das duas forças em ação, o governo, não obstante dizer-se liberal ou socialista, está se tornando fraco e débil. Tem-se a impressão de que vai ser esmagado, como será esmagado todo e qualquer liberalismo num país onde as idéias comunistas provocam naturalmente as idéias fascistas.⁵⁹

Assim, os cenários políticos espanhol e brasileiro possuiriam, na necessidade do combate ao comunismo, um verdadeiro elo em comum, sendo a supressão desta ideologia, através da força, em ambas as nações, um passo para o restabelecimento de um quadro de ordem e de normalidade. Em outras palavras, o fascismo seria uma conseqüência natural diante da provocação comunista. Neste combate, as armas principais que o periódico possuía – sua credibilidade e sua boa penetração no estado – deveriam ser apontadas para um objetivo certo: a influência a ser exercida sobre a opinião pública, de modo a configurar o ideário comunista como um perigo para o conjunto da sociedade. Para tanto, muito embora a situação espanhola comportasse toda uma variada gama de tonalidades políticas em ambos os lados, convinha, por vezes, simplificar a questão, dividindo os oponentes em pólos opostos através de uma mensagem que apresentasse uma fácil assimilação, tratando de valores caros ao conservadorismo e atribuindo constantemente explícitas adjetivações às partes em contenda.

Já não comportam outra diferenciação os elementos que se chocam, num combate de vida e de morte, na velha Espanha. Chamar de legalistas os que, por uma antítese, estão no poder, é uma verdadeira irrisão, porque, antes mesmo da provocada sublevação, já o governo espanhol era fraco para dominar a anarquia, ou era conivente com ela, para não querer restabelecer a ordem e a tranqüilidade.

Chamar de rebeldes os que estão no campo da luta, com a viseira erguida e desmascarando os adversários, é, por outro lado, uma heresia. Não é com esse qualificativo que se respeita a atitude desassomburada dos generais que lançara o desafio, com toda a coragem, aos que, de industria, subterfugiam a seus propósitos.

Branco e Vermelho é como d’ora avante, devemos distinguir os contendores, nem mesmo admitindo outra designação nos telegramas ou nas referências dos noticiários. Por branco se entendam os que são nacionalistas, tradicionalistas,

⁵⁹ *Correio do Povo*, 19 de abril de 1936, p 3.

cristãos e generosos. Por vermelhos se entendam os que são comunistas, internacionalistas, materialistas e impiedosos.

Por brancos se entendam os que conservam o espírito de raça, os que cultuam os sentimentos morais e cavalheirescos. Por vermelhos se entendam os que apagam fronteiras, famílias e até o indivíduo, entregando-se a todas as sanhas subversivas e desumanas.⁶⁰

Esta apresentação didática do conflito não convinha somente aos setores conservadores, mas também aos desígnios do governo Vargas, justificando sua postura que, naquele momento, contrariava quaisquer aspirações democráticas. Na legitimação de tais práticas, ocupava a imprensa um papel central, uma vez que se constituía num dos principais veículos de propaganda do qual valia-se o poder executivo. Conforme Sebe-Bom Meihy:

Elaborou-se, então, no Brasil uma engenharia noticiosa que reorganizou as informações, instruindo-as com teor ideológico, montada para fomentar a idéia de que as esquerdas, em qualquer lugar do mundo, eram inconseqüentes e desastrosas. Assim, as notícias da Guerra Civil Espanhola tiveram um efeito de eco para mostrar a oposição como incapaz e destruidora da ordem e do progresso.⁶¹

Este uso da informação como instrumento de legitimidade política e doutrinação acabava por se conjugar com a concepção que o *Correio do Povo* possuía sobre a natureza da história e sua finalidade última.

Nem sempre a história é a grande mestra, ainda quando se repete, porque há discípulos que não aprendem com ela, ou não querem aprender. O saturno da Revolução russa não serve de exemplo, pelo menos para certa gente. Todos os partidos revolucionários – e eram muitos – foram devorados pelo bolchevismo. No entanto ainda há quem queira ser devorado pelo comunismo que, na Espanha, está passando por duríssimas provas. Os da revolução universal não contavam com o profundo tradicionalismo ibérico, com a fé resistente de uma parte do povo que entranha o espírito religioso no espírito nacional...⁶²

É interessante notar aqui que esta perspectiva de história como mestra de vida – ou *historia magistra vitae* – é necessariamente vinculada à busca do fato exemplar, ocorrido no passado como modelo iluminador para o futuro. Nas palavras de François Hartog, ela “repousa sobre a idéia de que o futuro não repetia o passado, porém não o excedia jamais (movia-se no interior do mesmo círculo, com as mesmas regras do jogo, a mesma providência

⁶⁰ *Correio do Povo*, 07 de agosto de 1936, p 5.

⁶¹ MEIHY, J. C. Sebe Bom. **Idem. Ibidem.**

⁶² *Correio do Povo*, 21 de abril de 1937, p 5.

e os mesmos homens, partilhando a mesma natureza humana)”.⁶³ Segundo tal lógica, o levante comunista de 35⁶⁴ e, em um plano um pouco mais afastado, a Revolução Russa, seriam percebidos como verdadeiros paradigmas a partir dos quais a Guerra Civil Espanhola deveria ser interpretada, posto que em todos estes acontecimentos se estaria perante a ameaça de um mesmo inimigo histórico, representado pelas teorias do comunismo.

Entretanto, ao mesmo tempo em que percebia a história como “mestra de vida”, o *Correio do Povo* não perdia de vista o engajamento seqüencial entre os acontecimentos, proporcionando uma leitura do conturbado momento político vivido na Europa como uma decorrência do processo que se iniciara com a Primeira Guerra Mundial. Assim, o litígio entre as nações européias, deflagrado duas décadas antes, ainda não tivera seu término efetivo, posto que “o armistício e as negociações de 1919 não resolveram velhas questões seculares, acrescidas das questões novas que vieram surgindo à medida do tempo decorrido”.⁶⁵

Esta leitura da Guerra Civil Espanhola, entendida à luz de acontecimentos anteriores, deveria ser direcionada, sobretudo, à classe proletária, que se constituiria no alvo principal do discurso proferido pelas forças que propugnavam mudanças na estrutura social. Dever-se-ia alertar permanentemente os operários do Brasil para o fato de que as teorias preconizadas pelos “vermelhos” de forma alguma poderiam encaminhar-los para uma existência de liberdade, posto que sua prática atentaria de forma direta, em qualquer parte do mundo, contra a moralidade e a liberdade do Homem.

Os países da América do Sul que, por ventura, alimentam as suas simpatias pelo credo vermelho, mal disfarçado atualmente em doutrinas sociais e pessimamente fantasiado de socialismo, devem voltar as suas atenções, demoradamente, para a Espanha, e, agora, para a França, onde, pelas notícias dos telegramas, imperam a desordem, a confusão, o terror, o agrilhoamento total das liberdades humanas.

Naquelas duas nações estão visíveis os efeitos e as conseqüências de uma doutrina que, em absoluto, não pode realizar a felicidade do gênero humano nem proporcionar a tranqüilidade, o direito e a reivindicação das classes proletárias, porque estas, se julgam sair de uma escravidão, da escravidão que elas denominam burguesa, são presas de outra escravidão, a pior, a escravidão que aterroriza e desviriliza completamente a personalidade.

Onde o terror vermelho passa, deixa uma onda de pânico, uma amálgama de discórdia, rastros de sangue, traços de expansão do crime, desvirtualização da

⁶³ HARTOG, François. O tempo desorientado. Tempo e história. “Como escrever a história da França?” **Anos 90: revista do programa de pós-graduação em história**. Porto Alegre/UFRGS, n 7, p 9-10, 1997.

⁶⁴ Embora utilizemos aqui algumas vezes, lembramos que o termo “intentona”, aplicado ao levante comunista em 1935, tem, em sua origem, um caráter pejorativo, tendo sido atribuído por seus opositores.

⁶⁵ *Correio do Povo*, 11 de abril de 1937, p 5.

moral. Essa é a doutrina que, para engambelar as classes ignorantes, teoriza a liberdade, a dignidade, a harmonia coletiva e individual, exalçando direitos que ela não conhece nem respeita, preconizando deveres que no seu texto prático não existe.⁶⁶

Desta forma, em que pese o histórico comprometimento do jornal com a forma republicana de governo, encontraram guarida nas páginas do periódico os valores mais claramente identificados com o movimento nacionalista. Defender o nacionalismo na Espanha equivalia a defender o nacionalismo varguista no Brasil, pois, como vimos, pontos diversos executavam o papel de elos de ligação entre as duas nações: a religião católica; o rechaço ao comunismo; a ideologia conservadora e a aspiração de se implantar governos cujo poder seria marcado pelas atitudes de força. Assim, a própria intervenção ítalo-germânica no conflito seria admitida “*in extremis*”,⁶⁷ diante de uma situação de impotência interna de reação diante dos inimigos da ordem e da tradição. O desdobramento do levante militar, em caso de êxito, já estaria, na perspectiva dos editorialistas, traçado: “se a Espanha subjugar o mongolismo vermelho, ela terá de adotar incondicionalmente a ditadura absoluta para completa e indispensável consolidação de sua vitória e de sua defesa contra os arrecifes das ideologias malsãs que minam a sua vida insegura”.⁶⁸

Não vacilou mesmo o periódico, dentro desta linha de pensamento, em apresentar a Espanha como defensora de uma identidade comum que remontaria às raízes da colonização de nosso continente. Assim, a luta desencadeada pelos franquistas nada mais seria do que “um movimento de lidima defesa cívica e patriótica da sua população. É a reação do sentimento ibero-americano contra a infiltração do frio e insensível terror do mongolismo lenineano”.⁶⁹

Este anti-comunismo, integrante da perspectiva do *Correio do Povo* naquele momento e expresso de forma clara através de seus editoriais, demandava igualmente, em um primeiro momento, a percepção das potências mais claramente identificadas como contrárias à União Soviética como verdadeiras mantenedoras da ordem política mundial. Curiosamente, assim, a Alemanha nazista, a Itália de Mussolini, e o Japão imperialista – ou seja, as nações que acabariam por constituir o Eixo durante a Segunda Guerra Mundial, foram identificadas

⁶⁶ *Correio do Povo*, 15 de julho de 1936, p 3.

⁶⁷ *Correio do Povo*, 21 de agosto de 1936, p 5.

⁶⁸ **Idem.**

⁶⁹ *Correio do Povo*, 05 de agosto de 1936, p 5.

como sendo as “três potências fiadoras da resistência anti-comunista”⁷⁰ no mundo, uma vez que a política de não intervenção, levada a cabo pela França e, principalmente, pela Inglaterra, se mostrava incapaz de resolver o conflito entre franquistas e esquerdistas em terras espanholas, sendo por isto vista com desconfianças.

Todavia, a partir do instante em que a Guerra Civil Espanhola passa a ter, de forma inquestionável, o caráter de uma luta que não se limitava às fronteiras nacionais, constituindo-se antes no embate, por parte de outras potências, pela conquista de uma maior influência na Europa – fato que conduzia a nação ibérica a um caminho de destruição de suas estruturas materiais –, bem como no espaço para o aperfeiçoamento bélico diante de um conflito maior que já se desenhava no horizonte, o auxílio ítalo-germânico passa a ser objeto de certa desconfiança por parte dos editoriais. Assim, a intervenção destas nações não mais seria vista pelo *Correio do Povo* como uma reação à ação soviética, mas como um movimento que, embora útil à causa franquista, era guiado por interesses próprios, fato que ficava mais evidente a partir do desenvolvimento do projeto expansionista promovido pelas nações fascistas na Europa central e norte da África.

Creemos que aqui se encontra o limite para além do qual o *Correio do Povo* não avança: identificado com o conservadorismo e com o nacionalismo, atuante no combate às ideologias de esquerda, o *Correio do Povo*, embora por vezes apresentasse um discurso muito próximo ao discurso fascista, parece não ter subscrito à tentativa de expansão imperialista posteriormente levada a cabo pelas potências do eixo em busca de seu “espaço vital”. Desta feita, diante da necessidade de optar por um dos dois pólos envolvidos no conflito espanhol, a defesa do nacionalismo foi uma constante, ainda que tal postura passasse a assumir, a partir de então, um caráter de contingência.

Quer a Itália como a Alemanha e a própria Rússia não escondem praticamente os seus compromissos, as suas intromissões no conflito. Já não se degladiam os simples interesses espanhóis, porque estes se confundiram, direta ou indiretamente, com interesses internacionais, ou pelo menos com interesses manifestos daqueles três países.(...) Dos males, porém, é preferível o de menos efeitos perniciosos, isto é, a vitória nacionalista, embora arraste consigo uma série de conseqüências terríveis entre as forças antipáticas e simpáticas à Rússia.⁷¹

⁷⁰ *Correio do Povo*, 17 de dezembro de 1936, p 5.

⁷¹ *Correio do Povo*, 07 de agosto de 1937, p 5.

Refletindo assim a opção pelos nacionalistas, os editoriais do *Correio do Povo*, ao centrarem-se na Guerra Civil Espanhola, possuíam, na ação imperialista que poderia suprimir a liberdade da nação ibérica, um verdadeiro limite. Segundo o jornal, os destinos da Espanha deveriam ficar a cargo dos “verdadeiros espanhóis”, ou seja, aqueles não identificados com as “ideologias extremistas”, do mesmo modo como aos brasileiros e sul-americanos – de semelhante teor – caberia cuidar de seus próprios destinos.

A doutrina dos sul-americanos deve ser uma só, com o dogma do nacionalismo. E essa doutrina, não especulativa, não experimental, mas decisiva, reconhecerá como dirigentes dos destinos sul-americanos os próprios habitantes da América do Sul, os que lhe teceram a formação histórica, os que lhe estruturaram a organização política, os que lhe consolidaram a posição econômica.⁷²

A simpatia do *Correio do Povo* pelos nacionalistas ante o conflito na Espanha, contudo, não fica visível somente a partir dos textos editoriais, mas também em outros espaços, não tão definidos com a “posição oficial do jornal” ante os acontecimentos e a opinião pública. Assim, passemos agora para a análise destes outros espaços dentro do jornal, onde tal posicionamento encontrava-se, de igual forma, expresso.

3.2- “O Momento Mundial”

A par dos editoriais, o *Correio do Povo* utilizava-se de um outro local a fim de externar sua percepção sobre os acontecimentos políticos daquele período: a coluna “O Momento Mundial”, parte complementar do noticiário internacional e que oferecia uma interpretação das diversas notícias recebidas pelo telégrafo. Embora o caráter ideológico do texto apresentado neste espaço não demonstre alterações significativas em relação aos editoriais, temos aqui um aprofundamento da perspectiva política dos fatos, analisados sempre sob uma ótica conservadora. Os acontecimentos comentados eram aqui percebidos como parte integrante de um conjunto maior e em constante movimento: o cenário das relações diplomáticas internacionais, onde as mais importantes nações desenvolviam estratégias em defesa de seus interesses no conturbado momento que antecedeu à eclosão da segunda guerra mundial.

⁷² *Correio do Povo*, 05 de novembro de 1938, p 5.

Este era, à exceção de poucas notícias assinadas por repórteres de agências internacionais; de compilações de artigos publicados originalmente por jornais estrangeiros e de relatos de viajantes, um dos raros momentos em que as opiniões emitidas pelo jornal vinham subscritas por um autor. No entanto, se atentarmos para as características das outras ocasiões em que tal fato se dava, perceberemos que este era o único local em que o autor identificado é vinculado diretamente ao jornal, ainda que tal vínculo possa ter se dado apenas na condição de colaborador e não necessariamente de empregado. Convém ressaltar ainda que a existência desta coluna e de seu responsável passa despercebida pela bibliografia específica sobre o *Correio do Povo*.⁷³

Há, todavia, um detalhe que demanda certa atenção na análise desta coluna: são duas as assinaturas responsáveis pelo seu conteúdo durante o período analisado. O nome de Christóvão L. Paledzki, autor da maior parte dos textos durante o período de nosso interesse, só aparecerá a partir de 20 de abril de 1937, sendo que, nas aparições anteriores deste espaço, o responsável era identificado apenas por “Léchech”. Infelizmente, não nos foi possível aferir com certeza se se trata da mesma pessoa em ambos os casos. Se, por um lado, sutis diferenças de estilo podem ser apontadas após a mudança de assinatura dos textos, temos, por outro, o depoimento de Paledzki, que afirma escrever continuamente para o *Correio do Povo*, a partir do ano de 1932, tendo executado semelhante função anteriormente para o *Estado do Rio Grande*.⁷⁴

Façamos aqui um pequeno parêntese a fim de oferecer uma idéia do primeiro periódico a colocar Paledzki no cenário jornalístico. O *Estado do Rio Grande* é considerado por Francisco Rüdiger como “o último grande jornal político partidário lançado no Rio Grande do Sul”, sendo vinculado ao Partido Libertador,⁷⁵ organização fundada em 1928 e herdeira da oposição política gaúcha a Borges de Medeiros no movimento armado que opôs, cinco anos

⁷³ Não há qualquer referência a esta coluna ou ao seu responsável nas obras citadas de Galvani, Dillenburg, ou no livro-depoimento de Breno Caldas e Pinheiro Machado.

⁷⁴ Cfe. *Correio do Povo*, 22 de março de 1938, p 7.

⁷⁵ RÜDIGER, Francisco. **Op. Cit.**, p 43. É curioso notar, entretanto, que dois dentre os voluntários brasileiros que embarcaram rumo à Espanha a fim de agrupar-se às tropas republicanas (os irmãos Delcy e Eny Silveira) eram filhos de um líder do Partido Libertador no município de Santa Vitória do Palmar, que era, ao mesmo tempo, admirador da figura de Luís Carlos Prestes, pois a Coluna Prestes seria vista pelos libertadores como uma verdadeira continuação de seu movimento. Cfe. FERNÁNDEZ, Jorge Christian. **“Voluntários da liberdade”: militares brasileiros nas Forças Armadas Republicanas durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939)**. São Leopoldo: UNISINOS – Dissertação de Mestrado, 2003, p 90.

antes, chimangos e maragatos,⁷⁶ tendo, portanto, uma forte vinculação classista, especialmente com setores pecuaristas da região da fronteira e antigos membros da Aliança Libertadora. É em suas páginas que, em 26 de outubro de 1931, surgirá pela primeira vez a coluna “O Momento Mundial”, assinada por Paledzki e tendo já a mesma configuração gráfica encontrada posteriormente nas páginas do *Correio do Povo*. No cabeçalho deste primeiro artigo, apresentando o novo espaço, encontra-se um texto expondo as credenciais do colunista.

Inicia hoje sua colaboração para o “Estado do Rio Grande” o ilustre jornalista Cristóvão L. Paledzki, grande conhecedor da política internacional e especializado em estudos de finanças e economia. O sr. Paledzki, que granjeou justa reputação por seus artigos e trabalhos, manterá semanalmente no “Estado” uma secção sobre estes assuntos, de magno interesse, no atual momento mundial.⁷⁷

A transferência do colunista para o *Correio do Povo*, mantendo o mesmo título e formato gráfico de seu espaço; a indicação dada pelo próprio autor de haver colaborado de forma ininterrupta com o *Correio* a partir desta transferência; bem como a referência de que pretendia lançar um livro com o título da coluna, reunindo a totalidade de seus artigos,⁷⁸ apontam para uma relação de identidade, ou mesmo de propriedade, entre autor, título e espaço, motivo pelo qual acreditamos serem Léchec e Paledzki a mesma pessoa. Algumas possibilidades podem ser aqui aventadas: Léchec poderia representar, por exemplo, um pseudônimo sob o qual Paledzki teria escrito por algum tempo⁷⁹ – algo muito comum à época –, sendo que este, por algum motivo, resolveu mais tarde colocar novamente seu verdadeiro nome sob o texto. Outra possibilidade, a qual consideramos mais remota, seria a de Léchec ser o primeiro sobrenome de Christóvão L. Paledzki.⁸⁰ Todavia, por uma questão de

⁷⁶ Maragatos: Oposição ao governo de Borges de Medeiros em 1923. Defendendo inicialmente uma política voltada para a pecuária, setor que enfrentava grave crise naquele momento, acabaram por levantar armas, exigindo a renúncia do governador Borges de Medeiros e uma revisão da constituição gaúcha. Chimangos: partidários de Borges de Medeiros; defendiam a idéia de um governo com poderes fortemente centralizados. Este movimento armado acaba por relacionar-se com o ocorrido no final do século XIX, opondo maragatos e pica-paus. Ver Introdução, nota 19.

⁷⁷ *Estado do Rio Grande*, 26 de outubro de 1931, p 9.

⁷⁸ Cfe. *Correio do Povo*, 22 de março de 1938, p 7.

⁷⁹ Do francês *l'échec*, significando “o fracasso”, “o revés”, mas também o “cheque-mate” no jogo de xadrez, o que soaria bem significativo em uma coluna de análise política internacional. Agradeço ao professor Temístocles Cezar por esta observação.

⁸⁰ Não tendo datas de referência sobre a vida do colunista a fim de procurar documentos que comprovassem esta possibilidade, e sabendo ser o mesmo estrangeiro (ver citação referente à nota seguinte), percorremos os principais cemitérios de Porto Alegre, em busca de algum registro de Paledzki. Esta empreitada foi realizada sem sucesso.

prudência metodológica, trataremos ambas as assinaturas como se representassem pessoas distintas.

Se o nome Léchec pouco nos diz, sobre Paledzki somos ainda informados, para além de sua posição política conservadora, sobre algumas poucas notas de sua vida particular, publicadas em virtude de seus planos profissionais em Porto Alegre.

O professor Christovão Paledzki que, há anos, mantém nesta capital um curso de línguas, vem se notabilizando, também, como um profundo conhecedor da política mundial, sobre a qual, em artigos no *Correio do Povo* e noutros jornais do Estado, têm bordado oportunos e lidos comentários.

Por isso mesmo foi recebida com o maior agrado e o máximo interesse a notícia de que esse professor irá em breve abrir um curso de política mundial contemporânea, destinado a iniciar a nossa mocidade estudiosa nos conhecimentos da alta política internacional, aprestando-a a bem julgar e discernir os fatos em toda a extensão do seu alcance.

Um curso dessa natureza é, segundo supomos, o primeiro no Brasil. Por isso mesmo resolvemos ouvir o professor Christovão Paledzki, abordando-o ontem, ante duas xícaras de café (...).

-E o que nos pode adiantar sobre seus planos?

-O amigo deve saber que estou no Brasil há doze anos. Já há vinte eu me dedicava ao estudo das cousas políticas, principalmente atendo-me no intrincado labirinto da diplomacia, observando seus manejos e seus ardis (...).⁸¹

O nome Léchec é responsável pela coluna até a data de 23 de março de 1937, abrangendo, portanto, o período no qual se inserem os lances iniciais da Guerra Civil Espanhola. Sua análise, assim como a de Paledzki, considerará o conflito entre Republicanos e Nacionalistas como apenas mais um movimento no complexo jogo político europeu, envolvendo interesses que ultrapassavam as fronteiras nacionais e que remontavam, em certa medida, à Primeira Guerra Mundial. Sob sua ótica, a Espanha estaria “totalmente ausente do concerto europeu das potências. Incapaz de fazer o jogo de Roma, nem o de Moscou, ambos inconvenientes”.⁸² Contudo, em outros momentos, o aspecto ideológico de seu texto assumia um caráter menos dissimulado, apresentando mesmo, no que se refere à percepção das principais problemáticas mundiais existentes naquele período, uma confusa mistura de sentimentos anti-comunistas, anti-semitas, sionistas e conservadores, alinhando, de certa feita, sua perspectiva aos regimes de força.

Terminada a grande guerra as previsões nietscheanas concernentes aos judeus tornaram-se claras. Dum lado gerou a guerra o monstro voraz do bolchevismo, que

⁸¹ Idem.

⁸² *Correio do Povo*, 01 de janeiro de 1937, p 5.

aniquilou as classes cultas da Rússia para poder reduzir a massa popular russa a uma escravidão absoluta e que ameaça despedaçar da mesma maneira todas as outras nações. O comunismo é evidentemente uma arma dos judeus, tendente a estabelecer uma servidão bárbara em escala mundial.

Doutro lado, porém, a mesma guerra criou os remédios anti-comunistas e anti-semitas indispensáveis e que no fundo dão no mesmo, visto serem os judeus os portadores e disseminadores principais da lepra vermelha (...).

O velho problema judeu está amadurecendo para uma solução total. Trata-se de terminar a dispersão dos judeus, e de restabelecer uma nação israelita sadia, soberana, com todas as suas classes sociais normais e em território livre.⁸³

A partir do instante em que recebeu a assinatura de Paledzki, a coluna passou a apresentar uma análise um pouco mais sofisticada, aprofundando o aspecto político em detrimento de explicitações ideológicas exacerbadas.⁸⁴ Evidentemente, seu texto refletia o conservadorismo de seu autor – fato a que já nos referimos –, afinando-se assim com a perspectiva política que guiava o jornal. Encontramos a partir de então uma percepção não tão ligada ao fascismo, ao mesmo tempo em que a defesa do sentimento de nacionalidade e a necessidade de manutenção da ordem social passaram a integrar o discurso apresentado pela coluna de maneira mais constante. A perspectiva da Guerra Civil Espanhola como elemento integrante de um imbricado cenário político europeu é reforçada. O seu valor pedagógico para o povo brasileiro, desta forma, permanecia, posto que, seguindo a linha discursiva dos editoriais, também aqui fascismo e comunismo passaram a ser encarados como forças antagônicas, ainda que idênticas em sua natureza imperialista e expansionista, ao mesmo tempo em que eram consideradas incapazes de concretizar qualquer promessa de libertação do proletariado.

Felizmente todos os mais eminentes estadistas brasileiros não se cansam de condenar peremptoriamente tanto o fascismo como o comunismo, tendo francamente ambos esses violentos credos sociais na devida conta de doutrinas perigosíssimas, porque totalmente contrárias à índole da Nação Brasileira. (...) Como exemplo terrível para todas as nações, arde a Espanha, vítima dos seus próprios erros. Oxalá que nenhuma nação deixe de tirar deste incêndio pavoroso as conclusões acertadas. (...) A violenta repulsa que o comunismo e o fascismo sentem por si é a melhor prova de que eles são idênticos na sua substância. A extrema facilidade com o qual o comunismo acaba de se transformar numa nova variação do fascismo vem apoiar a tese da identidade. O comunismo e o fascismo tiram a sua força e a sua atração magnética exercida sobre as massas da mesma fonte. Ambos prometem libertar de um golpe a classe operária, que

⁸³ *Correio do Povo*, 20 de janeiro de 1937, p 5.

⁸⁴ Em tratando-se da mesma pessoa, esta alteração pode ser entendida como uma adequação do discurso do colunista às circunstâncias do momento, seguindo o mesmo processo verificado em relação aos textos editoriais.

infelizmente só lenta e gradualmente pode ser liberta de sua fatal condição de escrava social.⁸⁵

Convém aqui notar que esta identidade de natureza entre fascismo e comunismo não era então um argumento novo, remontando sua elaboração, segundo Leandro Konder, à década de 1920. Segundo este autor, o principal fator de parentesco entre as duas ideologias seria a atribuição (errônea e/ou proposital) de um “espírito revolucionário” ao fascismo, elemento que o distanciaria das classes conservadoras. Ainda conforme Konder, este argumento “tinha, portanto, todas as condições para agradar as forças intrinsecamente conservadoras que não haviam chegado a se comprometer com o fascismo e que nutriam pelo socialismo uma visceral aversão”.⁸⁶

Embora Paledzki buscasse por vezes oferecer uma análise puramente técnica do contexto político mundial, não deixou de oferecer, em determinados momentos, seus próprios juízos de valor quanto às ações das partes em disputa. Este somatório de análise política e juízos pessoais criavam situações em que ações bélicas deveriam ser compreendidas, ainda que se sobrepondo a qualquer lógica humanitária. É exemplar, neste sentido, que o bombardeio da cidade de Almeria, levado a cabo pela aviação nazista, em represália a um ataque aéreo anteriormente efetivado pelos republicanos contra um cruzador alemão, seja visto como uma atitude não apenas perfeitamente justificável do ponto de vista das relações internacionais, mas mesmo “correta”, uma vez que não seria de se esperar outra medida por parte de uma nação verdadeiramente “grande” em tal situação. Assim, em que pese o caráter civil dos habitantes desta cidade em contraposição à natureza militar de um navio cruzador envolvido em conflito externo, esta demonstração de força foi interpretada como um ato plenamente justificável e mesmo recomendável do ponto de vista das relações internacionais, uma vez que explicitaria uma afirmação de grandeza por parte da nação alemã.

Mau grado a desumanidade da represália foi a atitude da Alemanha perfeitamente correta. Não há potência que possa permitir-se o luxo de não reagir na altura das ofensas recebidas. Um país que leva desaforo para casa não pode ser considerado grande potência. O respeito é um conceito abstrato que por si só não existe. O respeito deve ser imposto. É ridículo implora-lo.

Do ponto de vista puramente humano é o bombardeio de Almeria, assim como qualquer outro ato de guerra, um feito simplesmente selvagem. Mas do ponto de

⁸⁵ *Correio do Povo*, 02 de julho de 1937, p 3.

⁸⁶ KONDER, Leandro. **Op. Cit.**, p 69. Para Konder, esta idéia de identidade natural entre fascismo e comunismo foi arquivada com o desencadeamento da guerra, colocando em lados opostos a Alemanha e a URSS. Todavia, teria sido retomada, no ocidente, com o desencadear da Guerra Fria.

vista das relações internacionais, tais como elas são, foi a referida represália fundamentalmente sã. As normas de ação de uma nação diferem muito das de um indivíduo. (...) É apenas natural que os líderes do violento credo vermelho procurem criar conflitos novos e com isto circunstâncias novas que, talvez, lhes permitissem escapar à queda inevitável.⁸⁷

A concepção do colunista sobre as perspectivas políticas espanholas a partir do momento em que o término do conflito se tornou previsível, bem como sobre a maneira como deveriam ser guiados os destinos da Espanha após o final dos combates, segue os passos apresentados nos editoriais, evidenciando a oposição ao estabelecimento de qualquer projeto que significasse a inclusão da Espanha a um processo de expansão imperialista. Uma vez que já considerara anteriormente que “um fim da guerra civil, uma estabilidade política, uma continuação da nação espanhola e o seu restabelecimento” eram possíveis apenas “com a vitória decisiva da direita conservadora e moderada”,⁸⁸ foi praticamente uma consequência o fato de vislumbrar-se, no discurso de Paledzki, a reprovação a uma possível ligação do franquismo com os governos fascistas e suas diretrizes ideológicas, agitando este agora, em seu texto, a bandeira do republicanismo e da democracia.

Há diversos indícios veementes que Franco aspira à ditadura total, paralela à ditadura exercida por Benito Mussolini e Adolfo Hitler. Isto significa que Francisco Franco pretende ligar a sorte e o futuro da Espanha à sorte e ao futuro do eixo “Roma-Berlim-Tóquio”. É a isto que os chefes republicanos se opõem. Esta oposição não pode deixar de merecer a simpatia e o apoio dos governos democráticos em Paris e Londres.⁸⁹

Desta forma, os textos apresentados pelos Editoriais e pela coluna “O Momento Mundial” apresentam aos leitores do *Correio do Povo* perspectivas semelhantes sobre a política internacional, incluindo aqui a Guerra Civil Espanhola. Se o anti-comunismo externado nestes locais pode ser compreendido a partir da linha conservadora que regia o jornal, associada ao clima de exaltação nacionalista criado por parte do governo Vargas a partir de 1935, a simpatia oscilante em relação à intervenção dos governos italiano e alemão acompanha, de certa forma, o posicionamento ambíguo das relações internacionais brasileiras em relação a estes países. Deve ficar evidente, porém, que esta não é uma relação que se dá de forma imediata ou maniqueísta, pois, se assim fosse, estaríamos diante de um cenário próximo ao “Ministério da Verdade”, descrito por George Orwell, onde a história e o passado seriam

⁸⁷ *Correio do Povo*, 06 de junho de 1937, p 2.

⁸⁸ *Correio do Povo*, 15 de setembro de 1937, p 3.

⁸⁹ *Correio do Povo*, 25 de março de 1939, p 2.

permanentemente reescritos em função das contingências do momento.⁹⁰ O que queremos ressaltar aqui é que a defesa que por vezes encontramos, por parte do jornal, de um governo fortemente centralizado, bem como o efetivo desenvolvimento por parte do governo Vargas de tal postura, tiveram, no perigo comunista, o fator comum de justificativa, servindo a Guerra Civil Espanhola como o exemplo a ser apresentado ao grande público quanto ao que poderia suceder ao Brasil se um movimento esquerdista por ventura fosse levado a bom termo. Uma vez afastado este perigo, tornava-se possível defender a idéia de um governo politicamente mais moderado, sem descuidar, contudo, a manutenção da ordem social.

3.3-Agências de notícias

O trabalho efetuado pelas agências de notícias possuía uma dupla perspectiva. Por um lado, embora suas informações fossem sempre publicadas com uma referência à agência responsável, constituíam-se, na grande maioria dos casos, em textos curtos e anônimos (é importante notar que o tamanho geralmente pequeno não deixa de ser uma adequação à realidade do telégrafo), sendo, portanto, um texto geralmente caracterizado pela síntese e impessoalidade. Por outro lado, sendo largamente difundidas pelo círculo do jornalismo, tais informações constituíam-se em um poderoso instrumento para a construção de “uma versão única”, uma vez que o mesmo texto poderia ser enviado para diversos periódicos que celebrassem contratos com uma mesma agência.

Este fato não parecerá estranho se retornarmos à definição de imprensa. Antes, é verdadeiro elemento constituinte de sua natureza o operar de forma permanente e sutil na modelação da opinião pública, conforme diretrizes ideológicas que lhe forem convenientes. Agilizando a transmissão da informação desde o fato gerador até o leitor, são tais empresas, ainda, verdadeiros agentes viabilizadores do jornalismo moderno, uma vez que possibilitam a cobertura de eventos espacialmente distantes, sem tornar proibitivo o custo de publicação. Analisando o surgimento de tal sistemática a partir do século XIX, Nelson Sodré comenta:

⁹⁰ Em “1984”, de George Orwell, a personagem principal, Winston Smith, tem como função reescrever permanentemente os antigos jornais, a fim de que a memória criada a partir deles seja adequada às constantes mutações nas alianças políticas de uma guerra entre as três grandes potências que então comandariam o mundo. Assim, a nova situação criada poderia ser apresentada não como uma novidade, mas como algo que sempre foi daquela maneira. Ver: ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Nacional, 1985.

Logo a grande imprensa capitalista compreendeu, também, que é possível orientar a opinião através do fluxo de notícias; as associações especializadas em colhê-las, prepara-las e distribuí-las facilitaram o trabalho dos jornais, quando o custo do serviço telegráfico se tornou proibitivo para cada um, isoladamente, e conflitante com a necessidade de baixo preço unitário para a venda avulsa.⁹¹

Quando da cobertura que ofereceu sobre a Guerra Civil Espanhola, utilizava-se o *Correio do Povo* de quatro “siglas” diferentes sob as quais vinculava o noticiário internacional: Agência Brasileira (A.B.), *Associated Press* (A.P.); *United Press* (U.P.); e, por fim, um conjunto de notícias identificado com o próprio jornal (C.P.) ou simplesmente como “especiais”. No entanto, quando tomados isoladamente, percebemos que os textos identificados com a A.B. e com o próprio jornal possuem traços específicos, motivo pelo qual propomos uma análise, ainda que sucinta, em três blocos distintos, a fim de que detalhes importantes não sejam por nós negligenciados.

3.3.1-Agências de notícias: A Agência Brasileira

Embora predominem numericamente nos anos de 1936 e 1937, as notícias publicadas sob responsabilidade da “Agência Brasileira” (A.B.) aparecem durante todo o período que analisamos. Devido ao seu acentuado caráter propagandístico, reflete, em boa medida, a orientação então predominante na imprensa nacional, de exaltação ao conservadorismo e ao anticomunismo, então características do governo de Getúlio Vargas. Assim, não deixa de ser ao menos curioso que, à aproximação política nacional com as potências do Eixo, bem como à instauração do DIP e das DEI's baseando-se em moldes adotados na Alemanha nazista, corresponda, por parte da A.B., a prática de reproduzir matérias e comentários de jornais alemães, em um momento que, conforme Nilo Castro, o exercício do monopólio e total controle dos meios de comunicação pelo governo nacional-socialista garantiam uma só versão para os fatos: a versão oficial.⁹²

Assim, as notícias publicadas sob esta agência mostram-se permanentemente favoráveis ao êxito franquista, utilizando-se continuamente de mecanismos tais como juízos de moral e valor, uma visão de polarização entre os beligerantes, ou ainda, em outros momentos, de uma

⁹¹ SODRÉ, Nelson Werneck. **Op. Cit.**, p 4.

⁹² Cfe. CASTRO, Nilo André Piana de. “A ascensão do nazismo e a construção do III Reich”. In: PADRÓS, Enrique; RIBEIRO, Luis Dario; GERTZ, René (orgs.). **Segunda Guerra Mundial: da crise dos anos 30 ao Armagedón**. Porto Alegre: Folha da História-CDAIB/PRP-Palmarina, 2000, p 78.

interpretação da existência de diferentes matizes políticos entre os republicanos como um indicativo de caos e desordem, contrapondo isto a uma pretensa unicidade entre os sublevados. Justificavam de forma permanente a intervenção ítalo-alemã na Espanha, apresentando-a como uma ação em defesa da civilização contra o avanço do bolchevismo soviético. Esta atitude de exaltação ao fascismo já era uma constante nas matérias publicadas pela A.B., antes mesmo da eclosão da Guerra Civil, em junho de 1936, o que certamente deve ser compreendido no contexto da luta levada a cabo contra o comunismo pelo governo brasileiro, em um momento em que o alinhamento à Alemanha Nazista ainda apresentava-se como uma possibilidade no horizonte diplomático.

ROMA, 13 (A.B.) – Nos meios corporativos romanos acentua-se o fato curioso de que a Bélgica, a França e a Espanha serem governadas pelos partidos populares e que, apesar disso, são justamente as nações mais atormentadas por agitações operárias. (...)

Como se explica estas graves contradições? Julga-se nos círculos corporativos que as massas destes países, no fundo, não se satisfazem com as conquistas materiais, mas aspiram, indistintamente a mais alta justiça social, sem terem em conta, entretanto, que é somente com uma nova atmosfera espiritual, com novas instituições e guiados por novos homens que isto poderá ser realizado, conforme foi provado pela Itália Fascista.⁹³

Os textos da Agência Brasileira apresentam também um forte teor propagandístico, devido ao alto grau de sensacionalismo que, em não poucos momentos, apresentam. Assim, por vezes, são oferecidas interpretações claramente distorcidas de informações, visando manipular de forma visível e grosseira a opinião pública para que a mesma tivesse em boa conta a ação nacionalista na Espanha e todos os valores que a ela eram identificados. Para tanto, não havia maiores pudores em “demonizar” o inimigo, criando a respeito dele uma visão totalmente desprovida de qualquer sentimento de humanidade, moral ou justiça. Não havia aqui espaço para a apresentação de problemáticas sociais, fato natural se considerarmos o alinhamento existente entre o discurso fascista e esta agência.

PARIS, 13 (A.B.) – O discípulo de Moscou, que se diz ministro dos estrangeiros, Del Vayo, declarou ontem de noite, diante de uma reunião da juventude comunista, que não era conveniente exagerar o otimismo, mas que era preciso ao contrário encarar as coisas de frente e recrutar todas as forças para salvar Madrid. Isto quer dizer que as crianças também devem morrer nas barricadas para maior glória de Moscou.⁹⁴

⁹³ *Correio do Povo*, 14 de junho de 1936, p 2.

⁹⁴ *Correio do Povo*, 14 de outubro de 1936, p 3.

A sintonia existente entre o discurso fascista e os textos apresentados pela Agência Brasileira, todavia, não se limitavam ao elogio àquela forma de regime político ou à exaltação de valores conservadores. Com efeito, sob a responsabilidade desta agência, são apresentados comentários de matérias originalmente publicadas em jornais alemães e italianos, sempre tendo em vista a legitimação da ação franquista, bem como a constante apresentação daqueles que constituíam as forças republicanas como representantes do comunismo, devendo ser assim encarados como um verdadeiro perigo à ordem mundial.

BERLIM, 24 (A.B.) – Referindo-se a brigada internacional, que combate na Espanha, o “Angriff” acentua que é formada por homens alistados pelo Komintern, que combatem sobretudo pelo triunfo da idéia da revolução. Ninguém ainda perguntou, acrescenta o jornal, o que se tornarão estes homens quando tiver terminado a guerra na Espanha. Tudo faz prever que voltando ao seu país, ali representarão um exército perigoso e aguerrido pronto a aproveitar a primeira ocasião para instaurar a ditadura, às ordens de Moscou.⁹⁵

No mesmo dia e na mesma página, encontramos este outro exemplo, publicado sob a manchete de “Os jornais alemães denunciam a remessa de voluntários franceses para a Espanha”:

BERLIM, 24 (A.B.) – Os jornais de Berlim comentando o comunicado da agencia noticiosa sobre as declarações de oficiais russos presos pelas tropas do general Franco, pergunta o que a França e a União Soviética dirão em defesa dessa flagrante violação do acordo de não intervenção. Simultaneamente, o “Voelkischer Beobachter” publica sensacional notícia da remessa para a Espanha Vermelha, de um transporte com oitocentos voluntários franceses e estrangeiros (...).⁹⁶

⁹⁵ *Correio do Povo*, 25 de julho de 1937, p 1. O periódico *Der Angriff (O Ataque)*, foi lançado por Goebbels em 1927, e era por ele dirigido, sendo utilizado para atacar os inimigos do Partido Nazista (NSDAP) durante o governo de Weimar. Após 1930, Goebbels transforma-o em um veículo diário de propaganda. Cfe. RHODES, Anthony. **Propagand: the art of persuasion in World War II**. New York: Chelsea, 1976, p 30. Agradeço esta referência e informação ao pesquisador Jorge Christian Fernández. Em que pese à orientação seguida pelo *Angriff*, é pertinente a observação de que a Brigada Internacional tenha sido formada pela *Komintern*, posto que esta organização solicitou aos diversos PC's pelo mundo que preenchessem cotas de voluntários a serem enviados para a Espanha a fim de enfrentar o fascismo. Da mesma forma, muitos brigadistas, ao término da Guerra Civil, viram-se impossibilitados, por razões políticas, de retornarem aos seus países de origem, como os alemães, italianos, austríacos e tchecos. Mesmo os brasileiros que retornaram ao país, embora nutrissem esperanças de serem aproveitados no combate ao fascismo quando Vargas decidiu-se, posteriormente pela entrada do Brasil na Segunda Guerra ao lado dos aliados, acabaram presos e tendo seus planos frustrados. Sobre isto ver FERNÁNDEZ, Jorge Christian. **Op. Cit.**

⁹⁶ *Correio do Povo*, 25 de julho de 1937, p 1. O *Völkischer Beobachter (Observador Popular)* surgiu em princípios dos anos 20, como jornal oficial do Partido Nazista. Cfe: KONDER, Leandro. **Op. Cit.**, p 44.

Esta prática de publicar notas enviadas pela Agência Brasileira, reproduzindo comentários originalmente emitidos pela imprensa alemã, igualmente remonta ao período em que a Guerra Civil encontrava-se ainda em fase de gestação. Com efeito, já quando da vitória da Frente Popular nas eleições de fevereiro de 36 e da posterior eleição do socialista Manuel Azaña para a presidência da república, os textos com tal característica manifestavam a preocupação e a contrariedade nos meios diplomáticos alemães com os rumos tomados pela política espanhola.

Se tais comentários, tomados pelo seu original, expressam bem a divergência entre os rumos que então tomavam a Espanha Republicana e a Alemanha nazista, serviam, quando transcritos pela Agência Brasileira como um fator de reforço do sentimento de nacionalismo a ser apresentado para o conjunto de leitores dos periódicos brasileiros, servindo-se para tal, inclusive, de significativos elementos simbólicos caros a tal idéia de unicidade, como o ato de executar-se a “A Internacional” e canções separatistas regionais ao invés do hino nacional espanhol em uma cerimônia oficial. Conforme Eric Hobsbawm, os hinos nacionais – verdadeiras formas políticas de música – são, ao lado das bandeiras, os mais poderosos símbolos de pertencimento a uma comunidade imaginada, utilizados pelos regimes políticos. Já “A Internacional” teria sido elaborada como um genuíno “contra-símbolo” por parte de movimentos de massa, destituídos de caráter oficial, a partir do momento em que a “Marselhesa” foi absorvida pelo poder estatal, passando a não mais representar o sentimento de revolução.⁹⁷ Assim, estamos diante de uma verdadeira transposição do confronto entre o conservadorismo e a idéia de revolução para o campo do simbólico, a qual poderia, inclusive, fazer-se acompanhar de parágrafos que, sob um clima de ameaça, prefiguram o desfecho que os acontecimentos na Espanha viriam a tomar nos meses seguintes.

BERLIM, 12 (A.B.) – O jornal “Berliner Tageblatt” em seu comentário a respeito [da organização do novo gabinete espanhol] diz que nada caracteriza melhor a atual situação de que o fato de uma vez terminado tão sério ato como a eleição do chefe de Estado, a assembléia entoasse a “Internacional”, hino de Moscou, e canções separatistas catalãs, esquecendo por completo o hino espanhol (...).

A única esperança que podem abrigar os amigos da Espanha no interior e exterior é que todos os bons espanhóis, conscientes do perigo em que se encontra sua pátria, consigam unir-se e colocar-se acima das diferenças que os separam e colaborar sem egoísmo no futuro da Espanha.⁹⁸

⁹⁷ HOBBSAWM, Eric. **A era dos impérios (1875-1914)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p 155-6.

⁹⁸ *Correio do Povo*, 13 de maio de 1936, p 2.

A publicação de matérias originárias de jornais europeus com um forte vínculo político, no entanto, não se limitava à realidade alemã. Por vezes, eram reproduzidos textos atribuídos ao periódico francês *Action Française*, ou ainda ao italiano *Popolo d'Italia*. Talvez o exemplo mais significativo neste sentido tenha se dado no dia três de julho de 1937, quando, deste último, foi extraído um texto de Benito Mussolini, publicado em duas páginas – e que aqui não reproduziremos em sua totalidade dada a sua extensão – atribuindo aos governos de França e Inglaterra a responsabilidade sobre a existência de voluntários estrangeiros entre os republicanos, ao passo que os contingentes italianos “não foram enviados pelo governo para a Espanha, de sorte que o governo não dispõe de meios para chamá-los”.⁹⁹

No entanto, a análise do conjunto dos textos publicados sob a sigla da A.B. permite, ainda que apenas ao final do conflito, a constatação de elementos contraditórios em seu conteúdo. Assim, a intervenção ítalo-alemã, tomada durante o desenrolar da Guerra Civil como uma resposta à ingerência soviética, será, ao final, apresentada como existente desde as primeiras semanas do combate, exercendo nos rumos tomados pela luta um papel fundamental, seja através da condução de tropas para o front, seja através da participação direta nos combates. Devemos destacar que é esta última versão apresentada pelas notas provenientes da Agência Brasileira, que encontra sustentação na historiografia sobre o conflito espanhol. Segundo Rizzoni, Franco, diante da impossibilidade de contar com a marinha e a aeronáutica espanhola, que, ao início do conflito, se declararam de forma geral fiéis à República (o apoio na marinha veio sobretudo dos elementos da tropa), obteve de Hitler e Mussolini, a título de “ajuda”, uma dezena de aviões Savoia-Marchetti 81 e cerca de cinquenta Junker 52, com os quais estabeleceu uma verdadeira ponte aérea entre a Espanha e seus territórios no Marrocos.¹⁰⁰

BERLIM, 22 (A.B.) – O redator chefe do “Frankfurter Zeitung”, Dr. Rudolf Kircher, que esteve em Salamanca e conferenciou com o general Franco, aborda o problema dos voluntários da guerra civil espanhola, que desempenha tão importante papel nas negociações internacionais em torno da política de não-intervenção. (...) O General Franco declarou expressamente ao próprio autor do artigo que recusou qualquer auxílio estrangeiro até o momento em que brigadas internacionais foram

⁹⁹ *Correio do Povo*, 03 de julho de 1937, p 2-3. O *Popolo d'Italia* foi fundado por Mussolini após sua saída do Partido Socialista. Embora inicialmente ostentasse o sub-título de *Giornale Socialista*, passou, após o término da Primeira Guerra, a se apresentar como *Organo dei combattenti e produttori*. Sobre o tamanho da referida matéria, convém lembrar que o jornal apresentava o formato *Standard*, semelhante ao que hoje apresenta a *Folha de São Paulo*. Já a *Action Française* se constitui no primeiro movimento fascista relevante no cenário político europeu. Cfe. KONDER, Leandro. **Op. Cit.**, p 28 e ss.

¹⁰⁰ RIZZONI, Gianni. **Idem**. p 77-79.

lançadas na luta para salvar da derrota o exército vermelho. O governo nacionalista espanhol não via então nenhum motivo para recusar os oferecimentos feitos pelos voluntários estrangeiros e resolveu aceitá-los. A mobilização de elementos de outros países iniciada pelos vermelhos é a única responsável pelo prolongamento da guerra civil.¹⁰¹

BERLIM, 30 (A.B.) – Por parte da Alemanha, foram publicados hoje, pela primeira vez, detalhes sobre sua participação na guerra civil espanhola ao lado de Franco. Segundo essa publicação, o Fuehrer imediatamente depois do levante em Marrocos, verificado em Julho de 1936, resolveu auxiliar os nacionalistas. O auxílio da Alemanha foi iniciado com a remessa de 20 aviões de transporte “Junkers” e respectivas tripulações para levarem ao continente as tropas marroquinas. Os aviões alemães, em poucas semanas, levaram ao continente quinze mil soldados, bem como armas pesadas, artilharia e munições. Esses aviões, mais tarde, entraram em combate bombardeando a frente de Madrid. (...).¹⁰²

Diante da perspectiva sob a qual a Guerra Civil Espanhola era apresentada pelos grandes jornais brasileiros, outro importante ponto de propaganda anticomunista estava em apresentar as instituições mais caras ao conservadorismo como alvo da “sanha” ou ainda da subversão de sua natureza por parte dos bolchevistas. Desta forma, a queima de igrejas; as perseguições aos religiosos; ou ainda a execução de uma reforma agrária por ação direta dos camponeses, por vezes tomando a forma de verdadeiras coletivizações forçadas, eram fatores que encontravam uma ampla divulgação nas notas enviadas pela Agência Brasileira, posto que serviam de forma exemplar como fator explicativo para os perigos que o Brasil correria caso um movimento similar ao de novembro de 1935 encontrasse sucesso. A deturpação do tradicional poderia mesmo ser exemplificada através de ilustrações do cotidiano, demonstrando a secularização de atos da vida que, aos olhos conservadores, deveriam obrigatoriamente estar a cargo dos poderes religiosos.

SANTANDER, 28 (A.B.) – (...) Sessenta mil casamentos, foram realizados nesta cidade durante os últimos três meses, sob o regulamento soviético. A cerimônia de casamento foi nestes últimos tempos, muito simples. Os noivos, dirigiam-se para qualquer comandante, pediam a licença de casamento e então a recebiam, sem mais preâmbulos (...).¹⁰³

A prática de retratar o cotidiano poderia, por outro lado, ser utilizada a fim de demonstrar os vínculos existentes entre Moscou e o governo republicano espanhol. A

¹⁰¹ *Correio do Povo*, 23 de julho de 1937, p 2.

¹⁰² *Correio do Povo*, 31 de maio de 1939, p 1.

¹⁰³ *Correio do Povo*, 29 de agosto de 1937, p 3.

utilização de tais matérias como instrumento de propaganda torna-se mais evidente a partir do momento em que menos plausíveis são as realidades apresentadas pela A.B.

MOSCOU, 12 (A.B.) – As simpatias da população soviética pelos defensores espanhóis manifestam-se em todos os terrenos, e nos mais diversos. Em consequência disso, intensa propaganda em favor da Espanha e do governo de Valência, é feita em Moscou, onde todos os russos recém-nascidos recebem nomes espanhóis, como José, Dolores, etc., podendo-se dizer que é uma verdadeira epidemia em Moscou.¹⁰⁴

Outra característica das matérias vinculadas sob identificação com a Agência Brasileira é a utilização de uma linguagem verdadeiramente romanceada, a fim de classificar aqueles que lutavam ao lado dos Republicanos como “aventureiros”, “soldados da fortuna” ou ainda qualquer outra denominação que pudesse apresentá-los como elementos destituídos de maiores compromissos com o sentimento de nacionalidade do povo espanhol. Tal leitura atingia especialmente dois importantes alvos naquele momento: por um lado, oferecia uma desqualificação dos elementos engajados nas Brigadas Internacionais, que se constituíam na grande vitrine na luta contra o fascismo no mundo, e em especial na Europa. Por outro lado, proporcionava uma maior oposição entre tais contingentes – e por extensão, entre os ideais por eles apregoados – e a idéia de pertencimento a uma nacionalidade, coisa àquela altura tão em conta por parte do governo brasileiro. Exemplificamos com a matéria abaixo que foi veiculada sob o título de “As aventuras de um operário holandês na Espanha”:

AMSTERDAM, 28 (A.B.) – O jornal “National Dagblad” publica um relato das aventuras do jovem operário têxtil holandês Martin Broerre na Espanha vermelha. Estando há muitos anos sem trabalho, Martin deixou-se convencer por uma pessoa desconhecida, a qual lhe relatou a falta de braços existente na indústria têxtil espanhola, onde facilmente encontraria colocação. Tendo recebido dinheiro para a viagem, apresentou-se em Paris, na sede do Socorro Vermelho Internacional. Dali, com numerosas outras vítimas, foi transportado em ônibus para a Espanha Vermelha, via Perpignan. Apesar de seus protestos, foi imediatamente alistado na brigada internacional e enviado depois de 4 dias de instrução, para o “front” de Guadarrama, onde pouco depois recebeu um balaço. Curado, tentou fugir novamente, como já o quis fazer em agosto de 1937, mas fracassou em seu intento, sendo condenado à prisão e advertido de que se repetisse a fuga seria condenado à morte. Sob severa vigilância, foi enviado depois para a frente de Guadalajara, onde tentou, em vão, passar para as fileiras nacionalistas, até conseguir evadir-se em Valência, com o auxílio do foguista de um barco inglês. Do sul da França, onde escalou o vapor, empreendendo a marcha a pé para o seu país. São horríveis as cenas desumanas por ele presenciadas. Chefes ébrios levavam a morte certa milhares de infelizes enganados, vindos de todos os países. Em Guadalajara viu como foram encostados 400 prisioneiros a uma parede, sendo fuzilados com metralhadora. Até os

¹⁰⁴ *Correio do Povo*, 13 de maio de 1937, p 1, grifo nosso.

feridos graves recolhidos no campo de batalha, que ainda davam sinais de vida, eram enterrados sem piedade na fossa comum.¹⁰⁵

Com tais posicionamentos diante dos acontecimentos na Espanha, era natural que não somente a posição do governo brasileiro diante da Guerra Civil, mas da própria opinião pública nacional fosse vista como favorável aos nacionalistas espanhóis. Mesmo a colônia espanhola residente no Brasil, que embora observando à distância os acontecimentos, sofreu internamente as divisões do conflito, era apresentada como sendo um homogêneo bloco pró-franquista, ou, ao menos, destituído de qualquer simpatia pelo governo republicano.

SALAMANCA, 20 (A.B.) – O general Franco, anunciou que aumenta dia a dia a simpatia da colônia espanhola no Brasil, pela causa revolucionária, principalmente na cidade de Belém, no Pará, onde foi organizada uma comissão destinada a arrecadar fundos para os revolucionários. Esta comissão já enviou ao general Franco a quantia de 16 contos, proveniente de uma subscrição pró-nacionalistas.¹⁰⁶

É interessante notar aqui que notícias deste tipo poderiam representar um estímulo para que organizações similares fossem efetivadas em outras partes do país a fim de auxiliar materialmente a causa franquista, ou ainda para que aquelas porventura já existentes se empenhassem ao máximo a fim de receber tal tipo de reconhecimento. Naturalmente, dadas às condições políticas brasileiras naquele momento, bem como as diretrizes ideológicas que norteavam não somente o *Correio do Povo*, mas o conjunto da grande imprensa brasileira, as organizações que porventura se formaram em benefício da causa republicana, ou mesmo manifestações em apoio à mesma, foram alvo do mais absoluto silêncio por parte dos jornais, construindo não somente o desconhecimento de suas existências naquele instante, mas também auxiliando na formação de um esquecimento histórico sobre as mesmas, ao não deixar registros sobre elas em suas páginas.

3.2-Agências de notícias: as agências internacionais (*United Press e Associated Press*)

Ao contrário dos textos publicados pela Agência Brasileira, as notícias vinculadas às agências internacionais *Associated Press* e *United Press* costumavam apresentar um caráter

¹⁰⁵ *Correio do Povo*, 01 de março de 1938, p 2.

¹⁰⁶ *Correio do Povo*, 20 de abril de 1937, p 2. Sobre as relações entre o *Correio do Povo* e a colônia espanhola estabelecida no Rio Grande do Sul e, especialmente em Porto Alegre, ver o sub-capítulo referente às matérias locais sobre a colônia espanhola.

mais informativo, sem assumir tão claramente uma posição entre Republicanos e Nacionalistas. Tal fato não significa que, por vezes, não encontremos matérias favoráveis a um ou outro lado. Todavia, o material enviado por estas agências encontrava-se bem mais próximo à pretensa neutralidade política tão decantada pelo *Correio do Povo*.¹⁰⁷

Todavia, defendemos aqui que o principal elemento a justificar as diferentes abordagens proporcionadas pela Agência Brasileira e por estas agências internacionais não está em um maior ou menor comprometimento com a verdade – posição que, acreditamos, seria por demais ingênua – uma vez que entendemos que o trabalho sobre a opinião pública, através das informações, é, em verdade, elemento constituinte da natureza e do poder das grandes empresas jornalísticas inseridas no capitalismo. Referindo-se a atuação de tais agências no Brasil durante o período da Revolução Russa, Sodré comenta como o grau de inverdades levadas a público chegava a provocar descontentamentos mesmo entre setores diversos do jornalismo nacional: “As informações fornecidas pelas agências telegráficas estrangeiras eram tão notoriamente falsas que Gilberto Amado, pela *Gazeta de Notícias*, estranhava que ‘a *United Press* e a *Havas* continuem a nos julgar indignos da verdade, pobres bugres que convém manter no alheamento completo do que se passa no mundo’”.¹⁰⁸

Desta forma, defendemos que a atuação de tais agências refletia, em última instância, o próprio posicionamento político norte-americano, que durante todo o conflito manteve-se entre os países que defendiam uma posição de não-intervenção – fruto de sua postura de isolamento internacional –, muito embora a existência de brechas em sua legislação permitisse aos franquistas o abastecimento de gasolina e a aquisição de caminhões, bem como a obtenção de créditos substanciais junto a instituições financeiras norte-americanas.¹⁰⁹ Ao mesmo tempo, buscava a política externa estadunidense estabelecer, neste período, uma maior penetração na América Latina, não apenas compensando a pouca desenvoltura que possuía até então no cenário político europeu, mas igualmente ocupando um espaço que se apresentava como importante também aos planos do expansionismo alemão, visando assim garantir o continente americano como área exclusiva de influência para seus interesses

¹⁰⁷ Em seu depoimento ao jornalista José A. P. Machado, Breno Caldas comenta: “Eu sempre gostei mais da AP, mais sóbria, mais cautelosa... eu diria... mais *Correio do Povo!*” In: CALDAS, Breno; PINHEIRO MACHADO, José A. **Op. Cit.**, p 20.

¹⁰⁸ SODRÉ, Nelson Werneck. **Op. Cit.**, p 320.

¹⁰⁹ Cfe. FERNÁNDEZ, Jorge Christian. A Guerra Civil Espanhola: prelúdio sangrento da Segunda Guerra Mundial. In: In: PADRÓS, Enrique; RIBEIRO, Luis Dario; GERTZ, René (orgs.). **Op. Cit.**, p 97

externos.¹¹⁰ Assim, não deve causar espanto o fato de que, por vezes, o noticiário apresentado por estas agências acabe por servir como verdadeira propaganda dos ideais americanos tanto quanto como informativo sobre os acontecimentos na Espanha, ainda quando, de forma semelhante à Agência Brasileira, apresentasse uma visão crítica sobre determinados pontos da estratégia republicana, como, por exemplo, quanto ao processo de formação e atuação das Brigadas Internacionais.

BOSTON, 8 (Associated Press) – Procedente da Espanha chegou hoje a esta cidade o jovem Edgar Lehman, estudante da Universidade de Chicago, que afirmou voltar “desiludido e contente por se achar novamente na terra onde a democracia é um verdadeiro ideal”.

Lehman, que aqui chegou pelo transatlântico “Excalibur” declarou que há seis meses atrás dirigiu-se à Espanha juntamente com vários outros colegas a fim de oferecer os seus serviços aos governistas. Depois de participar de várias ofensivas, nas quais muitos deles pereceram, os estudantes americanos compreenderam que ali só existia uma tendência que era a negação daquilo “pelo que supúnhamos estar combatendo – a democracia” (...).¹¹¹

Esta utilização de matérias enviadas a partir do cenário de guerra espanhol como meio de exaltação da democracia norte-americana deve logicamente ser entendido a partir da verdadeira disputa política que então existia, onde o fascismo ítalo-germânico e o bolchevismo de Stálin disputavam influência no mundo com um liberalismo econômico que procurava afirmar sua recuperação após a grande crise do final dos anos 20. Contudo, embora a ação política soviética ou tudo o que pudesse ser a ela associada fosse apresentado como um perigo eminente, encontramos, em alguns momentos, sob a responsabilidade destas agências, notícias “favoráveis” àqueles que se posicionavam ao lado da República, o que não inviabilizava a existência de outros textos redigidos a partir de uma perspectiva nacionalista. Embora à primeira vista tal situação possa parecer tão somente ambígua, devemos notar que, para além do pretenso não-intervencionismo norte americano, a publicação de notas aparentemente contraditórias entre si poderia servir como um instrumento de legitimação da imparcialidade propagada pelo *Correio do Povo* ou qualquer outro periódico, mesmo que a posição deste quanto ao conflito já estivesse clara a partir dos textos editoriais.

MADRID, 23 (United) – A Frente Popular publicou um manifesto chamando para a linha de frente todos os que se encontram em condições de lutar.

¹¹⁰ Cfe. MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana**. São Paulo: Brasiliense, 1991, p 19.

¹¹¹ *Correio do Povo*, 09 de dezembro de 1937, p 2.

Diz o manifesto em referência: ‘Chegamos agora a um dos momentos decisivos da luta com os fascistas. Estes, desejosos de armas a fim de dominarem o povo espanhol adquiriram as mesmas sob promessas de que o território espanhol será dado a potências estrangeiras.

Os rebeldes desejam Madrid, avidamente, mas Madrid é inexpugnável. O povo que derrotou os insurretos nos quartéis e que os dizimou nas montanhas de Guadarrama é invencível!

Nos primeiros dias da luta dissemos: Eles não passarão! Hoje bradamos em voz alta: Eles nunca passarão! (...) ¹¹²

Igualmente contraditórias entre si eram as primeiras informações enviadas por tais agências aos jornais, fato que certamente deve ser creditado ao quadro de confusão reinante e aos boatos desencontrados que são produzidos em tais circunstâncias. Sobre a criação de tais boatos, um dos melhores testemunhos que nos é oferecido deve ser atribuído ao jornalista católico Soares d’Azevedo. Em seu livro, publicado ainda em 1936, d’Azevedo, ao comentar o fato de ser o único representante da imprensa brasileira em Madrid ao iniciar a Guerra Civil, não hesita em fazer referência aos “imaginosos correspondentes de jornais estrangeiros” que, distantes dos palcos de batalha, “hão de estar telegrafando coisas fantásticas, descrevendo cenas que não viram, combates a que não assistiram”.¹¹³ Como saber, a título de exemplo, se alguma das notas abaixo, publicadas na mesma edição e na mesma página, foi fruto de tal processo? O fator mais importante aqui, com efeito, talvez seja a manchete “A Espanha está empolgada pela revolução”, elemento construído pelo próprio jornal, estampado sobre o conjunto das notícias internacionais e revelador de seu posicionamento ante as diversas leituras que poderiam ser realizadas ante o teor das notas enviadas pelo telégrafo.

MADRID, 21 (U.P.) – O quinto dia da mais extensa revolução na Espanha durante o presente século iniciou-se com a continuação de freqüentes boletins irradiados pelo governo, o qual insiste que está senhor da situação e prevê para brevemente o restabelecimento da normalidade (...).

MADRID, 21 (U.P.) – (...) As tropas rebeldes, desde Saragoça, Valência, Pamplona, Lograno, Burgos e Valladolid, convergem para a capital da Espanha, a qual conta somente para a sua defesa com os elementos da polícia e os civis, a quem o governo entregou armas e munições, por carecer de forças regulares disponíveis (...).

Em Barcelona a situação não é tampouco calma, pois os próprios sindicalistas acham-se aborrecidos com o governo central, pelo fato dele ter negado armas para os mesmos.¹¹⁴

¹¹² *Correio do Povo*, 24 de setembro de 1936, p 2.

¹¹³ d’AZEVEDO, Soares. **Espanha em Sangue: o que vi e sofri**. Rio de Janeiro: Cruzada da Boa Imprensa, 1936, p 32-3. A grafia está atualizada.

¹¹⁴ *Correio do Povo*, 22 de julho de 1936, p 2.

A posição assumida pela *Associated Press* e pela *United Press* permitia ainda que expressões de apoio e apreço às forças posicionadas ao lado republicano, emitidas por líderes políticos e personalidades de destaque internacional viessem a público, fato que contrariava a imagem por vezes produzida de uma Espanha legalista submetida a um governo anárquico criado por influência soviética e contando tão somente com a simpatia desta nação.

BARCELONA, 15 (Associated Press) – O gabinete do sr. Negrin publicou uma carta recebida pelo primeiro ministro do Mahatma Ghandi, expressando simpatia pela causa republicana. “É necessário dizer que meu coração está inteiramente convosco e espero sinceramente que a liberdade completa seja o resultado das provas por que passais”.¹¹⁵

É fato digno de nota que, a partir de determinado momento, algumas notícias enviadas sob crédito da *Associated Press* passaram a ser destituídas de seu caráter de impessoalidade, vindo então sob a assinatura de uma personagem que poderíamos entender como sendo um “enviado especial”. Se tal fato, por um lado, pode ser avaliado como um indicativo da importância que o conflito tomava no cenário político internacional, por outro, pode igualmente significar um acréscimo na importância do noticiário sobre a Guerra Civil Espanhola no conjunto das notícias internacionais. Assim, não somente as ações empreendidas pelos lados em contenda passam a ser apresentadas sob esta forma, como uma certa quantidade de comunicados emitidos a partir das lideranças militares passa a ser publicada com relativa frequência, muito embora o limite entre a veracidade e a propaganda em tais comunicados possa ser facilmente questionado. De semelhante modo, alguns acontecimentos dotados de maior importância passam também a dispor desta cobertura com autoria identificada.

BARCELONA, 28 (Por R. Okin, correspondente da Associated Press) – O governo deu a despedida oficial á sua brigada internacional com uma parada que foi provavelmente a mais importante desde que começou a guerra. Os membros da brigada, marchando sem armas, mas com suas bandeiras, foram passados em revista pelas ruas cobertas de flores, perante o presidente Azaña, o primeiro ministro Negrin, ministros do gabinete e chefes do exército. Desfilaram durante uma hora, sob constantes aplausos. Enquanto isto, esquadrilhas de aviões cortavam os ares, prestando-lhes homenagens.¹¹⁶

¹¹⁵ *Correio do Povo*, 16 de novembro de 1938, p 2.

¹¹⁶ *Correio do Povo*, 29 de outubro de 1938, p 2.

A ação de tais enviados especiais por parte das grandes Agências de Notícias parece conferir um significativo avanço para a execução da cobertura jornalística, fato que, ainda hoje, nos proporciona exemplos claros e recentes. Com efeito, a julgar pela localização creditada nas notas que produziam, tais enviados tinham a vantagem de uma mobilidade extra ao desempenhar o seu trabalho, o que possibilitava o acompanhamento das tropas, tanto nacionalistas como republicanas, em suas ações nos campos de batalha – característica que parece se constituir em uma verdadeira antecipação das modernas coberturas oferecidas pelas grandes cadeias de televisão norte-americanas. Se tal fato, por um lado, pode ser entendido como um esforço adicional no sentido de oferecer uma melhor cobertura dos acontecimentos, devemos também levar em conta que mesmo tais relatos são frutos de uma produção intelectual, sujeitas aos mesmos desvios e preconceitos que qualquer outra. Mais do que isto, a presumida presença de um observador/narrador diretamente no palco do conflito certamente era um fator que já então serviria para reforçar o sentimento de credibilidade das notícias emitidas por tais empresas.

Com o exército insurgente nas proximidades de Lérida, 31 – Associated Press – Por Dwight Pitkin – Os exércitos do general Franco estão agora lutando na parte externa de Lérida. A aviação e a artilharia insurgente batem vigorosamente todas as posições fortificadas dos governistas, desde Saragoça até a rodovia para Barcelona, na parte oeste da cidade. Diz-se que os republicanos mandaram vir a toda a pressa duas brigadas internacionais de Madrid a fim de reforçar as suas fileiras e evitar a queda da capital da província (...) ¹¹⁷

JUNTO DAS TROPAS GOVERNAMENTAIS NO ARAGÃO, 5 (Por Robert Okin, da Associated Press) – (...) Na estrada, um pouco adiante, encontrei um transporte médico norte-americano e o médico que era o seu diretor declarou-me que havia estado na frente de batalha durante um mês, adiantando que as mortes e os ferimentos entre os combatentes da Brigada Internacional aparentemente eram o menor número do que o que se verificou em Teruel. Disse-me ainda que a moral dos homens que “lutam de mãos nuas” é excelente. ¹¹⁸

Outra característica ainda para a qual devemos chamar a atenção quando analisamos o conjunto das notícias enviadas pelas agências internacionais é a da existência, em alguns poucos momentos, de textos que, ao mesmo tempo em que são publicados, expõem a condição de haverem sido retardados no telégrafo, o que faz com que sua publicação ocorra no mínimo um dia após o prazo normal (sendo praticamente um diário, posto que apenas as segundas-feiras o *Correio do Povo* não circulava, as notícias costumavam ser publicadas na

¹¹⁷ *Correio do Povo*, 01 de abril de 1938, p 2.

¹¹⁸ *Correio do Povo*, 06 de abril de 1938, p 2.

edição posterior à data de sua emissão). Os motivos para que tal fato ocorresse seriam difíceis de serem hoje levantados, sendo-nos permitido apenas levantar algumas possibilidades, tais como: submissão do texto às vistas da censura (tanto na criação da notícia na Espanha, como em sua recepção no Brasil); excesso de notícias a serem enviadas – não era incomum encontrar-se mais de uma nota versando sobre o mesmo assunto, o que certamente deveria gerar uma carga desnecessária de trabalho – ou ainda uma precarização dos equipamentos telegráficos, seja em quantidade ou ainda em suas condições de utilização. Contudo, tais possibilidades ficam tão somente no campo das especulações.

MADRID, 16 (United) – (Retardado no Telégrafo) – Informam de Castellon que foi organizado o primeiro batalhão de voluntários, com o efetivo de 800 homens. Dita coluna encontra-se completamente equipada e foi posta aqui à disposição do comando governista.¹¹⁹

Percebe-se, portanto, que, embora o produto da ação das agências internacionais de notícias não seja isento de aspectos ideológicos ou de deformidades, trata-se de uma informação onde tais características estão geralmente melhor dissimuladas, ocultas, não tendo o caráter propagandístico ostensivo que percebemos nas notas enviadas pela Agência Brasileira. Assim, por vezes, encontramos nos textos enviados por estas agências verdadeiros relatos, ricos em detalhes, sobre o cotidiano do conflito, oferecendo uma perspectiva não tão eivada do anticomunismo que então caracterizava os grandes órgãos da imprensa escrita brasileira. É interessante notar que, ao utilizar uma linguagem que o aproxima de um aspecto que modernamente poderíamos definir como “antropológico”, o texto jornalístico acaba por invadir, se não o campo ficcional, ao menos o campo da crônica sobre o cotidiano, trazendo ao leitor dos periódicos as mutações que o conflito provocou na forma com que os espanhóis levavam sua existência. Embora extenso, cremos que o texto abaixo seja exemplar neste sentido:

MADRID, 30 (Associated Press) – “Salud Camarada” esta é a expressão mais usada em toda a Espanha governista desde as encostas dos Pirineus na alta Catalunha, Montil e Madrid. Dizem que ela granjeou imediatamente a grande popularidade que hoje desfruta em vista de seu cunho essencialmente proletário muito de acordo com o caráter da própria guerra civil, pelo menos do lado governista. Ambas as palavras fazem parte dos cânones gramaticais da língua espanhola. Salud (Saúde) antigamente só era ouvida quando dos discursos nas festas ou nos almoços enquanto que

¹¹⁹ *Correio do Povo*, 18 de setembro de 1936, p 2.

camarada, se bem que apareça nos dicionários era um vocábulo quase desconhecido para os espanhóis, tanto aqui como no exterior.

Essas palavras servem agora para saudar, tendo substituído integralmente o velho cumprimento de “buenos días”; também são empregadas na saudação militar como réplica virtual ao “lealismo”, e, nas relações comuns, substitui o “adeus” que foi completamente banido em vista de seu fundamento religioso.

Em alguns círculos o humilde e simples “hasta luego” ainda está sendo usado, mas o “salud camarada” prepondera francamente tanto mais que diga-se de passagem, muitas vezes o não emprego dessa saudação nova tem trazido dissabores às pessoas registrando-se mesmo algumas acusações claras e mais vezes suspeitas veladas quando se a não emprega.

A guerra veio trazer certas inovações quase inacreditáveis para a linguagem. Entre elas a mais interessante é a que elimina por completo certas e determinadas palavras somente porque o outro lado as emprega ou porque as empregou antes do seu contendor. A esse respeito o caso mais característico é o que se passa com a saudação máxima, tanto dos governistas como dos franquistas.

Os primeiros, ao saudarem-se uns aos outros nas grandes ocasiões dizem “Viva Espanha” e os nacionalistas também em seus grandes dias saúdam-se mutuamente, ou à bandeira ouro-vermelha com o brado de “Arriba Espanha”, o que, virtualmente, quer dizer mais ou menos a mesma coisa, mas uma coisa é certa, em cada um dos lados constitui crime de traição usar-se a saudação do outro.

Outro caso interessante se passa com o vocábulo “faccioso”, que não quer dizer “fascista” mas sim “desordeiro”, está sendo usado nos dois lados em lutas para designar-se o outro. Essa palavra não era do domínio particular antes da guerra civil e, pode-se dizer, ainda hoje, apesar dela estar tão vulgarizada desde a Catalunha até Madrid e desde o Levante até a extrema da fronteira de Portugal, a maior parte da população espanhola que a emprega não conhece o seu significado, julgando que ao emprega-la contra o seu adversário o está chamando de fascistas.¹²⁰

De modo semelhante ao que aconteceu às notícias enviadas pela Agência Brasileira, também os textos enviados pelas agências internacionais após o término do conflito confirmaram que a intervenção ítalo-alemã, ao contrário do que foi propagado pelos meios conservadores, deu-se a partir do momento em que o conflito foi deflagrado, fato que recebeu do *Correio do Povo* manchetes como: “Franco não se julga desligado dos compromissos assumidos com Hitler e o Duce”, ou “A Itália interveio desde o início da guerra”.¹²¹ Porém, com relação aos acontecimentos que se deram após a entrada de Franco em Madrid, a atenção das agências internacionais atingiu ainda os desdobramentos mais imediatos do conflito,

¹²⁰ *Correio do Povo*, 31 de dezembro de 1937, p 2. Em seu livro chamado “O povo em armas: Buenaventura Durruti e a Guerra Civil Espanhola” (2 vols.), Abel Paz, testemunha ocular de muitos dos acontecimentos que narra, assim descreve uma visita daquele líder anarquista à uma aldeia da província de Lérida: “Durruti atravessa a Plaza. É cerca de meio-dia. Não há transeuntes, apenas algumas mulheres que saem da igreja com um saco de provisões. Durruti pergunta-lhes qual o caminho para ir até ao Comitê. E porque passam elas pela igreja? Não, já lá não está padre nenhum. O padre está nos campos e trabalha a terra com os outros camponeses. Matá-lo? Porquê? Ele não é perigoso. Ele até fala em unir-se a uma rapariga da aldeia. Ele está contente com a nova situação. E a igreja? Ah sim, a igreja. Pois eles queimaram todos os santos de pau. Expulsaram Deus e, posto que Deus já não existe mais, a assembléia decidiu substituir a palavra “Adeus” pela palavra “Salud”. In: PAZ, Abel. **O povo em armas: Buenaventura Durruti e a Guerra Civil Espanhola**. Lisboa: Assirio & Alvim, v 2, 1974, p 56.

¹²¹ *Correio do Povo*, 01 de junho de 1939, p 1.

trazendo assim, embora sob uma linguagem que denote ao menos simpatias ao movimento franquista, um novo retrato do cotidiano, desta vez relativo a uma realidade onde as diferenças construídas durante todo o processo que culminou na guerra civil encontravam solução através da delação, de perseguições e de processos sumários de julgamento e execução. Conforme o historiador Hugh Thomas, “*el verano de 1939 fue una fiesta para los delatores, para los vengativos y para los sedientos de sangre. La crueldad de los conquistadores contaba con el apoyo de una clase media que era consciente de que habia estado a punto de extinguirse*”.¹²²

MADRID, 23 (A.P.) – (...) As prisões e os campos de concentração estão repletos. Tribunais especialmente constituídos, ou conselhos de guerra, trabalham dia e noite, levando a justiça de Franco, diariamente, a 3 mil pessoas (...).

Tais informações são baseadas grandemente no testemunho dos membros da “Quinta Coluna” de Franco – uma organização dos simpatizantes de Franco nas vilas e cidades da antiga zona vermelha e que arriscou a vida dos seus componentes para conseguir informações para os agentes de Franco. Os membros da “Quinta Coluna” agora estão dizendo tudo o que sabem das atividades criminosas durante a dominação republicana (...).

Todo cidadão espanhol que ama o seu país foi mobilizado na guerra contra o crime. As autoridades diariamente apelam para todos os cidadãos para investigarem e examinarem as atividades de todos os vizinhos e prontamente denunciá-las, se suspeitos, às autoridades policiais e militares.

Diariamente, as revistas e jornais noticiam onde e quando o publico poderá fazer suas denúncias (...).¹²³

Não obstante, cinco dias após, outro texto vinculado à *Associated Press*, informava através de uma nota emitida em Madri: “os jornais dizem que Franco substituiu a fome e a destruição pela alegria, a fartura e a reconstrução em apenas três meses de governo”.¹²⁴

Cabe, por fim, esclarecer que a incidência das notícias sob a responsabilidade de cada uma destas agências internacionais tem uma localização temporal diferente dentro de nosso recorte cronológico. Assim, as notícias publicadas sob a sigla da *United Press* se farão presentes, sobretudo, durante o ano de 1936, abrangendo, portanto, o período de gestação e o início do conflito. Já a *Associated Press* aparecerá a partir do final de 37, enfocando o conflito a partir do momento em que o mesmo já se encontrava com mais de um ano de duração, estendendo-se até o seu final. Supomos que tal fato deva ser atribuído ao estabelecimento de contratos com tais agências, bem como ao vencimento dos mesmos.

¹²² THOMAS, Hugh. **La Guerra Civil Española**. Barcelona: Grijalbo Mondadori, 1996, vol 2, p 990.

¹²³ *Correio do Povo*, 24 de junho de 1939, p 1-2.

¹²⁴ *Correio do Povo*, 29 de junho de 1939, p 2.

Durante o período em que os textos de tais agências foram publicados, bem como durante o lapso temporal existente na transição entre um e outro, o espaço reservado ao noticiário internacional foi ocupado não somente pela *Agência Brasileira*, mas também com textos que integram um último grupo, publicados sob a sigla do próprio *Correio do Povo*, ou ainda identificados simplesmente como “especiais”.

3.3.3-Agências de notícias: a sigla “*Correio do Povo*” e as matérias “especiais”

Embora predominantes no espaço temporal marcado pela ausência de notícias vinculadas à A.P. e a U.P., (dezembro 36/agosto 37), quando então dividia o espaço das informações internacionais com a Agência Brasileira, as notícias publicadas sob a própria sigla do *Correio do Povo*, bem como aquelas identificadas simplesmente como “especiais”, aparecem, com maior ou menor incidência, durante todo o período analisado. Como não se trata, ao contrário dos casos anteriores, de agências de notícias no sentido estrito do termo, devemos estar atentos a algumas especificidades apresentadas por este conjunto de informações.

Em primeiro lugar devemos salientar a origem destas informações, tanto no que tange ao mecanismo que a fazia chegar até as páginas do jornal, bem como ao que diz respeito à fonte que em última instância está na raiz deste conjunto de notícias. Para tanto, mais do que recorrer à bibliografia específica sobre o *Correio do Povo*, valemo-nos aqui de informações obtidas através de entrevistas realizadas junto a antigos jornalistas deste periódico – quando da elaboração de nosso projeto de mestrado.¹²⁵ Segundo as informações que obtivemos nestes diálogos, tais notícias eram remetidas, via telégrafo, da sucursal do jornal, localizada na cidade do Rio de Janeiro, então capital federal.

Todavia, o que mais nos intrigava era saber qual a fonte produtora de tais notícias, publicadas sob a sigla do próprio jornal. A resposta mais afirmativa que tivemos a esta questão foi-nos dada pelo jornalista Lauro Hagemann, que, embora salientando o fato de pertencer, assim como nossos demais interlocutores, a uma geração de jornalistas posterior ao período que analisamos, afirmou que na raiz de tais notícias pode estar o texto de qualquer

¹²⁵ Foram nossos interlocutores neste processo: João Aveline (06/11/01); Lauro Hagemann (21/11/01) e Edmundo Soares (04/12/01). Os dois primeiros, além de jornalistas, são “membros históricos” do Partido Comunista Brasileiro. Além destes, tivemos um momento muito breve com o jornalista Walter Galvani (24/08/01). A estes expresso aqui meus agradecimentos.

agência internacional, servindo a sigla “C.P.” ou a denominação “especial” apenas como um indicativo de que aquela informação procederia da sucursal do *Correio do Povo*. Isto talvez explique porque em tais notícias encontramos posturas muito diversas sobre as partes em luta na Espanha, apesar da posição francamente nacionalista assumida pela direção do jornal. As duas indicações apareciam ainda de forma conjunta, fato somente perceptível em tais notas identificadas com a sigla do próprio periódico.

PARIS, 8 (C.P.) – (Especial) – Uma personalidade política espanhola, chegada recentemente a esta capital, informou que a situação atual de Madrid é devida ao ânimo da população que ainda permanece naquela cidade, suportando o terrível bombardeio dos rebeldes, sem admitir qualquer possibilidade de rendição. “(...) O general Kleber comanda a Brigada Internacional, revelando-se um chefe de alta autoridade moral e grande capacidade técnica na utilização do material moderno. (...)”¹²⁶

PARIS, 15 (C.P.) – (...) Enganar-se-ia completamente quem acreditasse em algum “alto ao fogo”. Os vermelhos terão ou não ilusões acerca deste alto dos nacionalistas em seu avanço sobre Madrid; entretanto, sabem melhor que ninguém o valor estratégico das posições que perderam entre os dias três e dez de janeiro, para que não façam o impossível em recuperá-las. Para isso as vidas humanas não parecem significar grande cousa. Significam ainda menos pelo fato de tratar-se de vidas de voluntários estrangeiros da Brigada Internacional!¹²⁷

É igualmente importante notar aqui que a publicação, sob a sigla do próprio jornal, de notícias aparentemente díspares entre si poderia servir como um elemento de legitimação de sua pretensa imparcialidade política. Assim, para além do caráter informativo, tais notícias poderiam também desempenhar um papel verdadeiramente estratégico para o *Correio do Povo*, auxiliando na constituição da imagem do mesmo diante de seu público leitor.

Em alguns poucos momentos, um curioso detalhe acompanha as matérias publicadas sob as identificações em questão. Trata-se de um indicativo de que tais notas estão sendo publicadas sem que tenham se submetido a um processo prévio de censura. Não temos aqui como afirmar com certeza se tal indicativo refere-se ao momento de produção e envio do texto, a partir do exterior, ou se é referente a afrouxamentos ocorridos na censura brasileira durante a vigência da Lei de Segurança Nacional (a partir de 1935) ou do Estado Novo, conforme o caso. Contudo, como tais indicativos fazem parte integrante do texto, somos levados a crer que se tratam de notícias que, por alguma razão qualquer, não foram submetidas a um processo de fiscalização quando de sua produção por correspondentes

¹²⁶ *Correio do Povo*, 09 de dezembro de 1936, p 3.

¹²⁷ *Correio do Povo*, 16 de janeiro de 1937, p 2.

estrangeiros estabelecidos de alguma forma próximos ao cenário dos acontecimentos, muito embora o conteúdo de tais matérias pudesse também ir em sentido contrário às perspectivas políticas do governo brasileiro naquele momento.

MADRID, 21 (C.P. – Especial – Sem censura) – Mario Nicoletti, secretário político da Legião Internacional Anti-fascista, lançou hoje uma proclamação assegurando que Madrid será o túmulo do fascismo, não somente na Espanha como no mundo inteiro. Esses exageros, entretanto, têm certo visor de verdade. Madrid é hoje a experiência comunista no Ocidente da Europa (...) Ao conselho de defesa de Madrid, formado por jovens e entusiastas revolucionários marxistas e conselheiros militares, a capital deve uma enorme dívida. Em sua primeira semana de poder, o Conselho de Defesa restaurou o moral das milícias (...).

Nada, porém, tanto ânimo deu aos legalistas de Madrid como a bem equipada força aérea, com excelentes aviões de observação e bombardeio, pilotados por aviadores franceses, russos e norte-americanos. Desde então toda Madrid espera que aqui se repita o que ocorreu em Petrogrado, quando em 1919 os bolchevistas conseguiram frustrar o assalto do general Yudemipch. O general Franco mostrou-se até agora muito cauteloso e é possível que esteja preparando uma surpresa. Agora, entretanto, terá de se enfrentar com forças muito superiores às de vinte dias atrás.¹²⁸

A prática de publicar informações originárias de quaisquer agências pode ainda estar por trás de notícias advindas de origens não necessariamente ligadas ao cenário de conflito espanhol, mas que o utilizavam como elemento gerador de análises que se desdobravam sobre outras realidades. Se o contexto político brasileiro ocupava um local privilegiado dentro desta lógica, também a América Latina como um todo se apresentava como um foco de tensão passível de ser atingida pelos desdobramentos ocasionados pela situação espanhola, uma vez que também aqui os partidos políticos de esquerda se organizaram sob a forma de Frentes Populares, seguindo a orientação do Komintern em sua política internacional de estabelecer frentes ao crescimento mundial do fascismo. Nesta situação específica, o grande interesse despertado pelo choque entre pólos políticos opostos que se enfrentavam na Espanha, e que reproduzia em boa medida a situação ideológica em que se encontrava o mundo, somava-se à influência histórica que a Espanha tem sobre a região, evocada especialmente através de uma origem comum aos povos (brancos) de ambas regiões.¹²⁹ Paralelamente, dada à proximidade geográfica, interessava saber e divulgar os ecos produzidos pela Guerra Civil Espanhola entre nossos vizinhos continentais.

¹²⁸ *Correio do Povo*, 22 de novembro de 1936, p 3.

¹²⁹ Sobre isto, ver: ANGELL, Alan. La izquierda en América Latina desde c. 1920. In: BETHELL, Leslie. **História de América Latina. Política y sociedad desde 1930**. Barcelona: Crítica, 1997, vol 12, p 88. Conforme este autor, na reprodução das situações ocorridas na Espanha em solo Latino Americano, chegamos a ter inclusive a divisão entre stalinistas e trotskistas, devido ao oferecimento, por ambos os grupos, de interpretações antagônicas do conflito internacional, bem como de estratégias distintas para responder a este momento.

BUENOS AIRES, 27 (Especial) – Diretamente, devido à revolução na Espanha, as forças esquerdistas da política latino-americana estão hoje em franca retirada e é evidente que a luta espanhola tenha fatais conseqüências para os grupos políticos radicais em toda a América Latina.

Tanto no Chile como na Argentina verifica-se uma debandada nas Frentes Populares. A derrota das esquerdas políticas nas próximas eleições no Chile e Peru parece inevitável. Em todas as partes os radicais, partido do Centro e da Esquerda, de grande potência política em muitas nações latino-americanas, preparam-se para negar toda a relação ou aliança com os socialistas e comunistas, enquanto que as Direitas, partidos chamados conservadores e liberais na maioria dos casos, estão muito satisfeitos pelo grande número de novos filiados que ingressam em seus partidos (...).

(...) Certo ou não, as notícias que acusam a Frente Popular Espanhola de haver cometido desmandos e toda a classe de atos terroristas causaram tremenda impressão em toda a América Latina e embora triunfe o governo espanhol na luta, é pouco provável que os liberais e intelectuais avançados latino-americanos continuem identificados com a combinação política similar à Frente Popular Espanhola.¹³⁰

A partir do momento em que as notícias vinculadas a *Associated Press* passam a predominar no noticiário internacional, os textos publicados sob a sigla do próprio jornal diminuem de intensidade, sem, contudo, desaparecer por completo. Entretanto, as notícias transmitidas a partir da sucursal continuarão ocupando um espaço importante, ao publicarem não somente textos de origens diversas, mas também relatos de viagens, onde a situação espanhola era narrada a partir da ótica de cronistas diversos. É interessante notar que, em tais relatos, não notamos a ambigüidade que existe nas notícias propriamente ditas, havendo, ao contrário, eco permanente com a posição assumida pelo *Correio do Povo*.

RIO, 2 (C.P.) – O sr. Antonio Larragoiti, chegado, ontem, da Europa, fez as seguintes declarações à imprensa: (...).

A guerra no meu modo e pensar – prossegue o nosso entrevistado – e na opinião dos observadores mais abalizados já devia ter terminado.

Isso não aconteceu em virtude do extensivo auxílio de certas potências ao governo de Barcelona, o que determinou uma mudança nos planos do generalíssimo, e ocasionando um atraso. Entretanto se não surgirem outros fatores, que venham alterar a marcha dos acontecimentos, é possível que a luta esteja terminada com a vitória de Franco, antes do fim do ano (...).¹³¹

Temos, desta forma, um pequeno panorama da apresentação das notícias referentes à Guerra Civil Espanhola publicada na seção “internacional” do *Correio do Povo*. Todavia, este periódico apresentava ainda mais duas formas de referir-se ao conflito, sem que para tal fosse necessário recorrer ao trabalho das agências de notícias: a republicação de matérias

¹³⁰ *Correio do Povo*, 28 de agosto de 1936, p 3.

¹³¹ *Correio do Povo*, 03 de junho de 1938, p 1.

oriundas de jornais de outras partes do mundo, e as notícias referentes à colônia espanhola em Porto Alegre.

Matérias do mundo

A publicação de matérias oriundas de outros jornais do mundo, embora não fosse um fato diário no *Correio do Povo*, ocorreu ao longo de todo o conflito, desde o momento de sua gestação até o desenlace. Embora a citação de matérias de outros jornais não fosse algo incomum – como vimos acima no caso da *Agência Brasileira* – há alguns diferenciais aqui que merecem ser destacados. Trata-se geralmente de matérias extensas, não vinculadas às agências de notícias, compiladas por iniciativa do próprio *Correio do Povo* por serem consideradas como relevantes para o correto entendimento do processo que se desenrolava na Península Ibérica. Tais matérias, evidentemente, apresentavam uma visão que se coadunava com o posicionamento do jornal sobre o conflito, emitindo não somente opiniões sobre o acontecimento em si, mas também sobre as personalidades nele envolvidas.

Devemos lembrar, porém, que tal sistemática de “importar” matérias de outros periódicos não se constituía em nenhuma novidade na prática jornalística, sendo fato já amplamente apontado por pesquisadores que se atém às fontes jornalísticas. Márcia Janete Espig, por exemplo, ao trabalhar com a fonte jornalística aplicada ao caso do conflito conhecido como “Contestado”, na segunda década do século XX, salienta:

Um aspecto curioso dos jornais com os quais trabalhamos é o costume de transcrever-se literalmente ou simplesmente citar as matérias de outros periódicos. Esta utilização poderia ser em função da qualidade do texto, considerado bom, em função de trazer informações novas (mesmo quando aparentemente não são fidedignas) ou para criticar as posturas e opiniões colocadas por algum jornal que expressa uma linha editorial diversa.¹³²

É importante notar que, através desta ação, o *Correio do Povo*, além de apresentar ao seu leitor um produto final “reforçado” por textos provenientes das grandes capitais do mundo, legitimava, ao mesmo tempo, o seu posicionamento político. Apresentando-se aos olhos do público como possuidor de uma opinião que ia ao encontro dos grandes órgãos da imprensa mundial, o periódico inseria assim a sua luta pela conservação da ordem social

¹³² ESPIG, Márcia Janete. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. **Estudos Ibero-Americanos**, v XXIV, n 2, Porto Alegre: PUCRS, 1998, p 285.

dentro de um contexto maior, de combate mundial às “ideologias alienígenas” que deveriam ser definitivamente erradicadas do planeta. Ao mesmo tempo, este conjunto de matérias permitia apresentar o sentimento de defesa da nacionalidade como algo que ultrapassava fronteiras, havendo outras nações a enfrentar inimigos semelhantes aos quais se deparava, naquele momento, o Brasil. Reforçava-se assim a idéia da luta na Espanha como um ato de defesa de um sentimento de “nacionalismo ibero-americano” a englobar as nações nos dois continentes.

O nacionalismo como realidade da vida humana.

Manuel Garcia Morente

(...) Ano de 1931: proclamada a república na Espanha, os Soviets – o Komintern – decidem incorporar o solo espanhol ao comunismo mundial; quer dizer: aniquilar a nação espanhola, anular hispanidade, apagar da terra o espírito espanhol e converter Madrid em sucursal de Moscou, ameaçando de passagem, a nacionalidade francesa pelo flanco. Anno de 1938: A Espanha é um montão de ruínas. Sim. Mas sobre essas ruínas (bem depressa restauradas) tremula a bandeira nacional. Na Espanha recuperada, ergue-se, triunfante, o secular espírito da pátria. A unidade nacional foi restabelecida mais forte do que nunca. Aos propósitos de desespanholiza-la, a Espanha respondeu afirmando a renovada força de vitalidade de seu espírito secular. (...).
(De ‘La Nación’, de Buenos Aires).¹³³

Dentro desta prática de publicar artigos oriundos de outros jornais, os textos provindos do *La Nación*, de Buenos Aires, recebiam uma atenção especial, aparecendo com uma freqüência maior do que periódicos de outra parte do mundo, como os europeus. Com efeito, a existência de uma influência do jornalismo portenho sobre os responsáveis pelo *Correio do Povo* parece ir um pouco mais além da simples publicação de matérias opinativas. Segundo Galvani, dentro desta mesma época, o segundo jornal da Companhia Caldas Júnior – a *Folha da Tarde* – teria sido lançada seguindo os moldes de publicações argentinas, especialmente a *Crítica*, do qual fora retirada inspiração para o formato tablóide. A prática de “importar” profissionais de Buenos Aires, a partir de então, também foi desenvolvida, visando, sobretudo, a modernização dos dois periódicos da empresa.¹³⁴

Outro aspecto a chamar a atenção no conjunto de matérias sobre a Guerra Civil Espanhola, provindo do *La Nación*, é a identificação de um de seus mais freqüentes cronistas – Coronel Carlos A. Gómez – com uma origem militar e uma perspectiva francamente

¹³³ *Correio do Povo*, 01 de maio de 1938, p 5.

¹³⁴ Cfe. GALVANI, Walter. **Op. Cit.**, p 320-4. A *Folha da Tarde*, assim como o *Correio do Povo*, teve sua publicação suspensa com a falência da Companhia, em junho de 1984, mas, ao contrário deste, não veio, até ao dia de hoje, a ser publicada novamente pelos novos proprietários da Caldas Junior.

conservadora e anticomunista, conforme a linha adotada pela grande imprensa brasileira ante o conflito. Assim, a par de diferenças existentes nos contextos nacionais dos dois países, reforçava-se a noção do inimigo comum capaz de suplantar fronteiras. Conforme Alan Angell, a influência do marxismo em solo argentino foi, até os anos sessenta, muito débil, embora a situação da Espanha republicana – vista como exemplo negativo das conseqüências de um crescimento descontrolado do comunismo – aliada a uma percepção positiva sobre a Itália de Mussolini – que soubera controlar as agitações sociais e as forças políticas de esquerda – fosse suficiente para provocar um real temor nas elites quanto ao crescimento do comunismo na Argentina.¹³⁵ Assim, em um texto intitulado “A tradição heróica da Espanha”, após discorrer longamente sobre exemplos históricos de “grandes feitos da raça espanhola”, o cronista arremata:

Como é possível não amar a Espanha conhecendo estas cousas? Elas nos ensinam, por outro lado, que a raça espanhola não degenerou no decorrer dos séculos, em sentido algum, e que, sobretudo na ordem patriótica e espiritual, conserva puro o manancial que a tornara célebre há dois mil anos e através de todas as épocas, até mesmo agora. E ante os renovados exemplos de Toledo, do Santuário da Virgem da Cabeça, de Oviedo, de Huesca, de Jaca e de tantos outros, nos diz, por fim, de que lado estão os espanhóis, os verdadeiros espanhóis, na infortunada contenda que ensangüenta o solo de Espanha nestes momentos.¹³⁶

Os textos oriundos de jornais de grandes capitais do mundo, no entanto, não se limitavam àqueles publicados originalmente no *La Nación* ou ainda em solo americano. Também de periódicos europeus eram selecionados artigos considerados pelo *Correio do Povo* como exemplares em sua análise, sempre obedecendo, evidentemente, a orientação ideológica por ele seguida. É curioso notar que tal sistemática não aguardou o espocar do conflito, sendo presente já nos momentos de conturbação social que ocorrem de forma lindeira às eleições de fevereiro de 1936. Exemplificamos com o texto abaixo, que se prende detidamente em algumas personagens políticas importantes naquele momento e tem, por fim, um caráter quase profético.

A Espanha entre a democracia, o fascismo e o marxismo.

Escrito pouco antes das recentes eleições espanholas e publicado na “*Tribune des Nations*”, de Paris, por Pierre Dominique, este artigo que reproduzimos, esclarece perfeitamente a situação política na Espanha (...)

ALCALA ZAMORA

¹³⁵ ANGELL, Alan. **Op. Cit**, p 92.

¹³⁶ *Correio do Povo*, 07 de junho de 1938, p 5.

Presidente da República, depois de ter sido presidente do Conselho, Alcalá Zamora é um burguês e um católico (...). A revolução achou-o preso e fe-lo presidente do Conselho. Era um homem honesto. A escolha pareceu boa. Mas, Alcalá Zamora, que eu tive a honra de ver no ano de 1931, em Madrid, é um desses políticos que acreditam na virtude da união. Não leva bem em conta a violência das paixões, nem a força dos partidos (...).

QUEM É GIL ROBLES

Quem, pois, era esse Gil Robles, cuja entrada para o poder determinou tão furiosa reação das esquerdas? Um antigo discípulo dos jesuítas e que se convencera de que já não se devia bater como monarquista conservador ou monarquista liberal; que era preciso transportar a luta do plano político para o plano social. Em sua opinião, era preciso salvar os valores essenciais da civilização e que eram valores cristãos: que se podia fazer-lo pela tríplice aliança de uma Igreja Remoçada, de camponeses libertados e das classes médias protegidas contra as idéias marxistas que começavam a invadir. Era preciso, sobretudo, aceitar deliberadamente a República, agrupar candidatos, fazer entrarem deputados no Parlamento e, aí, visar o poder (...)

LARGO CABALLERO

(...) Na esquerda, o grande homem é Largo Caballero. Era ele ministro do Trabalho, no ministério Alcalá Zamora. De um exterior calmo, de aspecto que em coisa alguma lembra o dos grandes revolucionários, como o “Lenine Espanhol”, como o chamam, deus, no entanto, provas quando foi da revolução nas Astúrias. Dizem que fora ele quem a dirigira e, sem dúvida, a prova não pôde ser feita, resultando na soltura de Largo Caballero. Nem por isso, deixa de ser o chefe da revolução espanhola (...).

Seu programa, que me expôs em 1931, quando era ministro do Trabalho, é o programa marxista: colecionador dos meios de produção e de troca.

E é o que, ainda há dias, exprimia em Madrid, exclamando: “De nada me arrependo. Fico sendo socialista, marxista e revolucionário”.

Mas, logo acrescentava que lhe parecia necessária a aliança dos partidos proletários com os republicanos da esquerda (...).

CONCLUSÃO

(...) as eleições nada decidirão proximamente, porque, se as esquerdas forem vencidas, procurarão a desforra na rua. E se as direitas saírem vencidas, tampouco se poderá imaginar se eles ficarão nisso ou não.

Tais são as perspectivas políticas na Espanha. Não são muito lisonjeiras, mas na verdade, elas não o são em parte alguma. O mundo inteiro é uma convulsão. Sente-se que vai nascer uma nova ordem de cousas. Todo parto é laborioso e muitos deles se tornam prolongados.¹³⁷

A publicação destas matérias provenientes de outros jornais poderia também ocorrer obedecendo a uma lógica de propaganda da Espanha Nacionalista, utilizando, para tanto, relatos de viajantes recém retornados da Espanha e que se mostrassem favoráveis à causa franquista. Lembremos, porém, da advertência feita por Espig quanto à fidedignidade de tais matérias, posto que tais relatos, observados a partir de um ponto de vista prático, poderiam apresentar situações por vezes questionáveis.

COMPLETA NORMALIDADE NO GOVERNO DE FRANCO

Ellery Sedgwick

(Exclusividade da North American Newspaper para o Correio do Povo)

¹³⁷ *Correio do Povo*, 28 de fevereiro de 1936, p 3.

(...) Acabo de fazer uma viagem de três mil quilômetros (...). Os espanhóis são os que melhor comem na Europa. Os adultos comem quatro pratos à hora do almoço e cinco à hora da ceia, sem incluir antipastos e frutas deliciosas. Nos hotéis de primeira classe servem uma dessas refeições pelo equivalente a um dollar(...).¹³⁸

3.5-Matérias locais sobre a colônia espanhola

Talvez tão elucidativos quanto os editoriais, sobre a posição do *Correio do Povo* no que tange à Guerra Civil Espanhola, seja o conjunto de matérias publicadas sobre a ação da colônia hispânica em Porto Alegre. Com efeito, cabem aqui algumas considerações sobre as questões de política interna deste grupo durante o período em questão para que possamos ter uma medida exata da parcialidade com que o conflito foi apresentado à sociedade gaúcha.

As divisões existentes no seio da colônia espanhola em Porto Alegre, sentidas desde os primeiros anos da década de 1930, acentuaram-se com o agravamento da situação política na Espanha ao longo deste período. Inicialmente organizada em torno de uma única entidade – a Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos (SESM) – de caráter assistencial e apolítico, a colônia espanhola radicada na capital gaúcha teve, na manifestação das paixões políticas, a reprodução da situação existente em sua terra natal. Referindo-se ao ano de 1932, Iolanda Vargas comenta:

Até este momento, oficialmente, não encontramos registro, na Sociedade, de qualquer manifestação que fomentasse desavenças políticas no seio da colônia. Sabemos, no entanto, que a Sociedade continha, em seu seio membros de todos os matizes políticos e que a política, a estas alturas, já se encontrava fervilhando, na Espanha e aqui.¹³⁹

A eclosão do conflito, quatro anos depois, veio a agravar a existência de uma ruptura dentro deste grupo, ficando a colônia espanhola local, a exemplo do que acontecia em sua terra natal, dividida entre “republicanos” e “nacionalistas”. A áspera discussão extravasava seu fórum, chegando às páginas dos jornais. Assim, embora não se configure como o tipo de documentação mais adequada para tal, as páginas do *Correio do Povo* acabam por servir como uma pequena janela, a partir da qual se pode vislumbrar, ainda que de forma parcial, a divisão que se operou no seio da comunidade espanhola aqui radicada.

¹³⁸ *Correio do Povo*, 24 de março de 1938, p 5.

¹³⁹ VARGAS, Iolanda Guimarães. **História da Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos de Porto Alegre**. Porto Alegre: PUCRS – Dissertação de mestrado, 1979, p 342.

Junta Nacionalista Espanhola no Brasil

A propósito de uma notícia publicada em nossa edição de ontem, sob o título acima, recebemos a seguinte carta do sr. Alvaro Raya Ibañez, chanceler do Consulado da Espanha em nossa capital.

(...) Embora seja certo que o chanceler que subscreve esta tenha há muito aderido ao movimento libertador da Espanha, nem por isso deixou de atender um só dia ao Consulado que agora se encontra sob sua direção. O funcionamento do mesmo não sofreu solução de continuidade e sua missão não foi descuidada, embora, em sua organização interna, obedeça unicamente à orientação do governo nacional de Burgos.

A Delegação da Junta Oficial Nacionalista no Brasil, que acaba de ser organizada, também nesta capital, não veio portanto, substituir ao Consulado, como foi noticiado, sendo sua missão, como disse a notícia a que me refiro, a de coordenar o movimento de adesão moral e material à causa do nacionalismo espanhol (...)¹⁴⁰

Retomemos agora um pouco da história do *Correio do Povo*, para melhor vislumbrarmos sua opção pelo nacionalismo e o papel de verdadeiro “órgão divulgador” das atividades deste grupo em Porto Alegre¹⁴¹. Seu fundador, Francisco Caldas Júnior, sergipano de nascimento, veio, ainda criança, para o Rio Grande do Sul, criando-se no município de Santo Antônio da Patrulha. Em 1908, casou-se em segundas núpcias com Dolores Alcaraz, uma ex-professora, natural de Barcelona, aprofundando, a partir de então, sua ligação com a colônia espanhola, existente desde 1903, ano em que travara conhecimento com o então mecânico Joaquim Alcaraz, irmão de Dolores. Cinco anos mais tarde, quando da morte de Caldas, Dolores assumiu o controle do jornal, momento em que a sobrevivência do periódico foi posta em risco devido às dívidas que existiam por conta dos constantes investimentos na modernização de seu equipamento gráfico. Foi neste momento que Joaquim Alcaraz passou a atuar de forma direta no jornal, assumindo na prática o controle do mesmo em nome de sua irmã e tratando de sanear financeiramente a empresa em um processo que se estendeu por dez anos. Em 18 de dezembro de 1935, após algumas administrações mais ou menos conturbadas, a direção do jornal foi assumida por Breno Caldas, segundo filho do casamento de Caldas Júnior e Dolores Alcaraz, o qual comandou o jornal até sua saída de circulação em 1984 e a subsequente alienação de empresa em 1986.

Tendo assim, além de antigas relações com a colônia espanhola, uma ligação verdadeiramente “sangüínea” com a Espanha, é natural que tanto o conflito na península ibérica quanto à movimentação dos migrantes aqui estabelecidos interessasse ao *Correio do*

¹⁴⁰ *Correio do Povo*, 13 de novembro de 1936, p 2.

¹⁴¹ As informações esboçadas neste parágrafo são retiradas de: GALVANI, Walter. **Op. Cit.**

Povo. Todavia, se faz interessante notar que nas páginas do periódico apenas a organização dos elementos ligados ideologicamente ao nacionalismo tenha sido objeto de notícias, sendo ignorada, em contrapartida, qualquer manifestação em favor dos republicanos. Tal fato é ainda mais sintomático a partir do momento em que sabemos da fundação, no seio da colônia espanhola, do “Centro Republicano”, órgão que objetivava “manter e avivar os ideais democráticos da República entre os espanhóis distantes da pátria”, difundindo “os feitos e realizações do novo sistema político da Espanha através de folhetos, boletins, revistas e jornais que relatassem com honestidade os acontecimentos de sua pátria de origem”.¹⁴² Além disto, ao menos em um momento, encontramos uma referência bibliográfica explícita de manifestação popular ocorrida em Porto Alegre em apoio à República Espanhola, manifestação esta que acabou sendo reprimida por forças policiais.¹⁴³

Em contrapartida, através das páginas do *Correio do Povo* encontramos um verdadeiro histórico da atuação do Centro Espanhol Nacionalista em Porto Alegre, abrangendo mesmo seu processo de organização.

ESPAÑOLES NACIONALISTAS

Un grupo de españoles nacionalistas convoca a sus correligionarios para la reunion que tendrá lugar en la calle Riachuelo, 1070, a las 9 de la noche del día 27, a fim de tratar de asuntos de interesse para la accion nacionalista.
Arriba España!¹⁴⁴

Embora a publicação de notícias contrárias ao sentimento nacionalista – tão caro ao governo de Vargas naquele momento – fosse alvo da atenção e repressão oficial já a partir de 1935, quando um projeto de lei foi apresentado, vedando à imprensa a veiculação de doutrinas contrárias ao Estado, ainda que não contivessem propaganda de guerra ou de processos violentos para a tomada do poder – fato a que já nos referimos –, a postura de apoio do *Correio do Povo* aos nacionalistas espanhóis acabou por se mostrar como coerente dentro de seu arcabouço ideológico que, como vimos, era fortemente pautado pelo conservadorismo. Esta postura se faz ainda mais natural a partir do momento que temos em mente a ampla gama de forças políticas – socialistas, comunistas e anarquistas, entre outros -

¹⁴² VARGAS, Iolanda Guimarães. **Op. Cit.**, p 349-50.

¹⁴³ Cfe: FREITAS, Décio. Getúlio Vargas e o Conde de Saint Simon. In: SILVA, José Luiz Werneck (org.). **O feixe e o prisma: uma revisão do Estado Novo; vol. 1: o feixe: o autoritarismo como questão teórica e historiográfica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991, p 102.

¹⁴⁴ *Correio do Povo*, 27 de outubro de 1936, p 2.

que na Espanha, lutavam a favor da República, e que integravam, no Brasil, o grupo dos “subversivos da ordem” que deveriam ser combatidos através da mão forte do Estado.

Uma vez que o CEN encontrava-se em processo de constituição, tiveram início ações em benefício às forças nacionalistas entre a sociedade porto-alegrense, possivelmente aproveitando-se de relações existentes entre seus membros e a sociedade local. Embora a matéria abaixo não faça referência aos integrantes da comunidade espanhola, identificados com o movimento nacionalista, é bastante plausível que tenham tomado parte na organização e realização do evento descrito, acontecido em um dos lugares então mais representativos da elite social gaúcha.

Conforme já tivemos oportunidade de noticiar por mais de uma vez, realiza-se hoje à noite, no aristocrático grill-room do Cassino Farroupilha um imponente baile à fantasia em benefício do soldado nacionalista espanhol patrocinado por uma grande comissão de senhoras e senhoritas da elite porto alegrense. O preço do ingresso será, apenas de cinco mil réis por pessoa, apelando a comissão organizadora da festa a todos os que se interessam pela causa dos Nacionalistas para que seja adquirido o maior número possível a fim de que a renda compense os esforços despendidos.¹⁴⁵

A cobertura das programações desenvolvidas a partir de então pelos nacionalistas espanhóis em Porto Alegre nos fornece, especialmente para o ano de 1937, um verdadeiro relatório das atividades desenvolvidas pelo seu centro, atividades estas que englobam desde a organização de conferências e palestras até almoços e sessões de cinema em benefício do exército franquista. Não deixa de ser pertinente perceber que tais eventos poderiam também estar reproduzindo, ao menos em tese, as ligações existentes entre o levante dos generais espanhóis e seus apoiadores no cenário político europeu.

Favorecido por um tempo magnífico se realizou domingo último, o “Puchero” de benefício aos hospitais de sangue nacionalistas.

Cerca de 300 pessoas se associaram a esse benefício, comparecendo no aprazível local do Turner Bund, de São João, gentilmente cedido por sua diretoria. Os elementos de ordem da Colônia Espanhola sentiram satisfação nesse dia de ver-se rodeados de pessoas de destaque da sociedade porto alegrense. (...)

No próximo dia 11 o CEN realizará uma importante sessão para a qual convida muito especialmente a todos os seus associados. Um dos assuntos a tratar será a comemoração do dia 18 de julho.

Como se sabe, nessa data passará o primeiro aniversário do glorioso levante nacional. O dia é de Festa Nacional, decretada pelo Chefe do Estado Espanhol,

¹⁴⁵ *Correio do Povo*, 02 de fevereiro de 1937, p 12.

generalíssimo Franco, e se trata de combinar a sua comemoração nesta capital, de uma maneira digna, a altura do acontecimento histórico que se festeja.¹⁴⁶

As notas relativas à ação do grupo nacionalista espanhol em Porto Alegre demonstram, ainda, as ligações que este possuía com outros órgãos da sociedade, bem como as manifestações de solidariedade e simpatia de que era alvo. Percebemos, através destas manifestações, que o Centro Espanhol Nacionalista acabava por manter contatos com grupos sociais que representavam, naquele momento, o pensamento conservador na sociedade porto-alegrense, podendo reproduzir de alguma forma as alianças existentes entre a direita espanhola. Este fato contrasta, ainda, com a constante vigilância e perseguição que sofriam, por parte das forças policiais, os Centros Republicanos existentes no país.

Ante ontem foram celebradas na Igreja Santa Terezinha solenes funerais em memória do valoroso General Emilio Mola. (...) O comando da Brigada Militar do Estado se fez representar na cerimônia, que contou outrossim, com a presença de outras autoridades. O Fascio a “Deutsches Haus” tomaram parte, gentilmente, na solenidade representados por seus presidentes. (...) Na noite de ante ontem, ainda, se realizou na sede social, à rua Vigário José Ignacio 308, a primeira conferência do ciclo organizado pelo CEN. Inaugurou brilhantemente essa série de conferências o revdo. padre Aurélio de San José, superior dos carmelitas, que desenvolveu um tema de palpitante atualidade: “Deber de los buenes españoles en los actuales momentos” (...).¹⁴⁷

Além de se integrar ideologicamente ao movimento franquista e auxilia-lo materialmente através de atividades aqui levadas a cabo, o CEN permanecia atento também para os acontecimentos mais imediatos que se sucediam no cotidiano espanhol, preocupando-se não apenas com o plano político, mas chegando até às relações de personalidade estabelecidas por seus membros com aqueles que permaneciam em sua pátria natal. Assim, em 13 de agosto de 1937, o CEN anunciou, através das páginas do *Correio do Povo*, a criação de um serviço denominado “*Paradero*”, que objetivava buscar informações sobre a situação de pessoas que se encontrassem, naquele momento, em solo espanhol. Já no plano político, a implantação do monopartidarismo em meados do mesmo ano propiciou não somente uma conferência a respeito do assunto, mas inclusive a criação de uma representação do partido único em Porto Alegre.

¹⁴⁶ *Correio do Povo*, 07 de julho de 1937, p 10.

¹⁴⁷ *Correio do Povo*, 20 de junho de 1937, p 13. Sobre a sistemática de repressão aos Centros Espanhóis Republicanos e seus integrantes no Centro do país, especialmente nas localidades Santos e Sorocaba, ver SOUZA, Ismara Isepe de. **República Espanhola: um modelo a ser evitado**. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa oficial, 2001.

Foi aprovada pela superioridade a proposta levada pela representação do governo do Estado Espanhol nesta capital para a designação do presidente do CEN, para o importante cargo de delegado regional da Falange Española Tradicionalista y de las JONS. Os membros até agora admitidos e ingressados no único partido que milita no campo nacionalista se reúnem semanalmente às quartas-feiras. Esta noite, portanto, se reúne a FET y de las JONS de Porto Alegre, núcleo oficial do Partido Inspirador da Causa Nacional. Também foram aprovadas as nomeações do secretário geral e tesoureiro, a favor dos srs. Pedro Vives e Juan Paz Moreira (...)¹⁴⁸

É possível que a proclamação do Estado Novo, em novembro de 1937, tenha representado uma surpresa para os integrantes do Centro Espanhol Nacionalista, uma vez que matéria do dia 10 daquele mês dava conta da inauguração de uma nova sede, com espaços mais amplos, localizada na Av. Otávio Rocha. A nova situação, contudo, parece não haver provocado maior comoção na entidade, uma vez que a mesma matéria ressalta ainda a continuidade das atividades da organização, temporariamente suspensas devido ao Estado de Guerra, contanto para tal com a devida autorização dos órgãos competentes. De igual forma, a Falange permanece com suas funções normalizadas, ao menos até abril do ano seguinte, quando são proibidas as atividades políticas aos estrangeiros estabelecidos no Brasil. Assim, a edição de 26 de novembro de 1937 do *Correio do Povo* noticia a remessa para a Espanha, por parte do CEN e da Falange, das importâncias arrecadadas nos diversos eventos organizados pelos nacionalistas, sendo prometida nova remessa ainda para aquele ano. Moto contínuo, à entrada de 1938, em que pese o tenso clima político vivido no Brasil, encontramos os nacionalistas espanhóis residentes em Porto Alegre não somente em plena atividade, mas também expandindo sua área de atuação dentro da cidade e diversificando as formas de arrecadação de recursos.

Continuam os preparativos para o festival que promoverá o Círculo Espanhol Nacionalista no próximo dia 10 de fevereiro em benefício das crianças órfãs da guerra espanhola.

Esse festival se realizará, como já foi anunciado, no local do Cine-Teatro Gioconda, no bairro de Tristeza, gentilmente cedido por seu proprietário.

O presidente da Comissão do festival, sr. German Garcia, com a eficiente colaboração das senhoras e senhoritas que a compõe, vem encontrando a mais favorável acolhida a esta humanitária empresa de proteção e ajuda às crianças que perderam seus pais em defesa do ideal cristão que anima a nossa civilização.

O programa organizado tem todas as condições para agradar ao público. Acha-se o mesmo dividido em duas partes. A primeira na tela, com a projeção da película “Conheceram-se n’um táxi”, com ótima interpretação e argumento cômico, precedida por um complemento nacional e de um desenho animado. Este programa

¹⁴⁸ *Correio do Povo*, 22 de setembro de 1937, p 6.

cinematográfico é cedido pela Agência Columbia e cabe dizer que é completo e atraente.

Da mesma forma o ato variado, que, entre outras atrações, contará com a colaboração do conhecido ilusionista professor Atkinson, que organizou para esse fim um dos seus espetáculos mais interessantes. “No reino da fantasia” se denominará. O professor Atkinson atuará neste programa com seus “paternaires”, Miss Glory Nemosin e Príncipe Igor e suas provas científicas de ilusionismo, magia, prestidigitação, telepatia e transmissão de pensamento hão de obter o sucesso de que vêm revestidas.

No mesmo ato variado, colaborarão o elegante dueto “Estrelas mundiais, Irmãs Íris”, em seu repertório de tangos e rancheiras, a duas vozes.

As entradas para esse benefício estão sendo vendidas ao preço de 2\$000 e podem ser solicitadas na secretaria do Circulo Espanhol Nacionalista, á Av. Otávio Rocha, nº 236.¹⁴⁹

Se a proibição para que elementos estrangeiros desempenhassem atividades políticas parece colocar um termo às atividades da Falange em Porto Alegre, o mesmo não se dá em relação ao Centro Nacionalista. Todavia, é curioso notar que, após este momento, as notícias, até então freqüentes sobre suas atividades nas páginas do *Correio do Povo*, tornam-se raras, muito embora saibamos que sua atuação não tenha encontrado maiores problemas em sua continuidade. Devemos, no entanto, salientar o fato de que a esta altura, a entidade nacionalista não respondia mais de forma oficial pela representação consular no Rio Grande do Sul, posto que, em algum momento não divulgado pelo *Correio do Povo*, esta lhe fora suprimida. Conforme notícia publicada no jornal católico *Estrella do Sul*, em maio de 1938, o governo republicano havia designado representantes para que as atividades consulares voltassem a ser aqui desempenhadas.¹⁵⁰ No entanto, com o reconhecimento do governo franquista por parte do Brasil e com a proximidade iminente do final do conflito na Espanha, o Centro Nacionalista volta a adquirir o status anterior, sendo seu líder, Alvaro Raya Ibañez, reconduzido ao posto de cônsul em Porto Alegre. Este, com efeito, parece ser talvez o único momento em que o *Correio do Povo* deixou entrever a existência de uma oposição política ativa aos franquistas dentro da colônia espanhola.

Conforme noticiamos amplamente, o presidente da República reconheceu o governo nacionalista espanhol.

A propósito, realizou-se ontem, com início às 18 horas, a cerimônia de posse do novo cônsul daquele país nesta capital sr. Álvaro Raya Ibanez, representante do general Francisco Franco.

O ato revestiu-se de grande solenidade, ali comparecendo os elementos mais influentes da colônia espanhola aqui radicada, diretores de entidades de classes,

¹⁴⁹ *Correio do Povo*, 22 de janeiro de 1938, p 5.

¹⁵⁰ “O consulado espanhol daqui vai ser reaberto; ao menos, a legação do governo vermelho destacou para cá um seu funcionário para este fim. Será para pouco tempo, em face do rumo que vão tomando as coisas na Espanha”. In: *Estrella do Sul*, 26 de maio de 1938, p 1.

representantes dos governos da República, do Estado e do Município, altas autoridades civis, militares e eclesiásticas e pessoas gradas (...).

Por outro lado – prossegue s.s. – com relação também à entrega dos bens, valores efetivos pertencentes ao Consulado de Espanha nesta capital. Assim, de acordo com essa Delegacia, e com as pessoas que até agora representavam o governo vermelho, essa entrega será procedida amanhã, estando presentes ao ato as autoridades competentes (...).

–“Há mais de um ano, os serviços consulares do governo nacionalista e seus interesses no Rio Grande do Sul, e resto do país, estavam suficientemente atendidos, com o normal funcionamento da representação do Governo Nacionalista Espanhol, que hoje, passa a denominar-se, legalmente, “Consulado Geral da Espanha”.¹⁵¹

Tendo-se em mente que a escolha das notícias que compõem um periódico não se dava de forma aleatória, é natural que, em alguns casos, as ações de solidariedade ao governo republicano, porventura acontecidas em solo brasileiro, simplesmente não fossem noticiadas, posto o seu não enquadramento dentro da política oficial brasileira, nem da ideologia que norteava a grande imprensa nacional. Assim, toda uma gama de atividades revestidas de um caráter de solidariedade internacional acabou por cair em um “esquecimento histórico”, uma vez que simplesmente deixaram de ser registradas nas páginas da grande imprensa. Tal parece ser o caso do *Correio do Povo*, que, durante o período de duração do conflito na Espanha, silenciou, seja por vontade própria, seja por razões externas a sua vontade, as atividades acontecidas em Porto Alegre a favor do governo republicano espanhol, ou mesmo quanto à simples existência de divergências dentro da colônia hispânica aqui estabelecida. Já os adeptos do nacionalismo franquista não deixaram de encontrar nas páginas deste jornal, sempre que se fez necessário, um forte elemento de divulgação para suas atividades e suas propostas políticas.

¹⁵¹ *Correio do Povo*, 08 de março de 1939, p 7.

4-NO CALOR DOS FATOS: ANÁLISE DE ALGUNS EPISÓDIOS DA GUERRA CIVIL ESPANHOLA ATRAVÉS DO *CORREIO DO POVO*.

Seguindo uma característica comum aos conflitos bélicos, a Guerra Civil Espanhola se apresentou como um acontecimento pródigo na criação de fatos e acontecimentos que, ao final, acabaram por compor um verdadeiro conjunto de mitos a ela associados. Uma vez que uma guerra não é ganha unicamente nos campos de batalha, mas também através da produção e exploração de signos, republicanos e nacionalistas procuraram, por vezes, criar e expor fatos que, por possuírem um forte apelo, justificassem e legitimassem suas ações e pretensões aos olhos do mundo. A resistência da cidade de Madrid às investidas e aos bombardeios patrocinados pelos fascistas, e que desembocou na criação do conhecido lema “*No Passarán!*”¹⁵², bem como o acontecimento conhecido como “O Cerco do Alcázar de Toledo” servem como exemplificação para ambos lados. Em outros momentos, tais imagens não eram o resultado de atos praticados por aqueles que colhiam os frutos de sua carga simbólica, derivando antes da exploração das práticas de seus opositores, servindo aqui como exemplos o bombardeio à cidade de Guernica ou ainda os saques e incêndios sofridos por templos e ordens religiosas em diversas partes da Espanha – talvez não por acaso exemplos que se perpetuaram ao longo do tempo como imagens de referência sempre que o conflito é evocado. Por fim, o culto a personalidades que teriam sucumbido na defesa de suas posições políticas apresenta-se como integrante deste conjunto de mitos surgidos ao longo do conflito e que permanecem como referenciais de sua crueldade, sendo aqui sem dúvida a figura do poeta Garcia Lorca um dos exemplos universalmente mais conhecidos, embora as diversas correntes políticas envolvidas em ambos os lados tenham criado com o tempo seu próprio panteão.

A criação e perpetuação de imagens que se tornam verdadeiros ícones das guerras muito se deve à repercussão proporcionada pelas páginas da imprensa. Esta, ao assumir uma postura de publicização de tais imagens, acaba por fomentar um campo imagético capaz de ser utilizado conforme a situação e os interesses em jogo. Isto não impede que em dados momentos seja perceptível a existência de um verdadeiro silêncio quando do acontecimento, silêncio este que pode vir a ser rompido em um momento posterior, quando novas condições

¹⁵² Embora o lema seja comumente atribuído à deputada Dolores Ibarruri (*La Passionária*), Rizzoni atribui sua criação, de forma genérica, ao povo de Madri. Cfe: RIZZONI, Gianni. **Op. Cit.**, p 89-90.

fazem com que a imagem possa ser percebida de uma forma favorável ou ao menos inofensiva.

A apresentação feita pela imprensa brasileira quanto aos acontecimentos da Guerra Civil Espanhola se deu conforme o contexto no qual os grandes jornais estavam inseridos e os interesses que representavam, sempre se considerando a situação política vivida no contexto interno a partir da “Intentona” em 35 e da posterior promulgação do Estado Novo, bem como no cenário externo a partir da indefinição diplomática do Brasil, ora colocando-se em uma órbita de influência das potências fascistas, ora mirando com simpatia os interesses norte-americanos no continente. Centrando-se sobre a forma com que tal apresentação se deu no jornal *O Estado de São Paulo*, João Henrique Negrão comenta:

... assim como na Espanha, no Brasil, o inimigo viceral estava representado também, pelo comunismo internacional que, a mídia ligada às direitas classificava como o inimigo número um da humanidade, ao teme-lo justificava-se todas as armas usadas no seu combate que vão desde a censura à repressão, o que por outro lado, acaba justificando também a permanência de Vargas no poder, como o único capaz de, assim, como Franco, recolocar o Brasil nos trilhos da normalidade.¹⁵³

Como já vimos no capítulo anterior, o *Correio do Povo*, ao noticiar a Guerra Civil Espanhola aos seus leitores, utilizava-se de espaços diversos dentro de seu corpo, da mesma forma como diversas eram as origens das matérias por ele publicadas, muito embora oficialmente sua posição ao lado de um projeto nacionalista e conservador fosse abertamente declarada. Importa-nos agora analisar mais detidamente como alguns fatos e personalidades emblemáticas do conflito foram apresentados nas páginas do jornal. Para tanto, selecionamos seis exemplos entre acontecimentos e personalidades que julgamos significativos para ilustrar de forma mais detalhada o tratamento dado pelo periódico ao que se desenvolvia na Espanha. Será composto tal conjunto pelo Cerco ao Alcázar de Toledo; o bombardeio da cidade de Guernica; a figura do poeta Garcia Lorca; a ação das Brigadas Internacionais; a idéia da ação nacionalista enquanto forma de defesa da civilização cristã e ocidental; e a figura do anarquista Buenaventura Durruti. Evidentemente outros elementos poderiam ser aqui arrolados, mas acreditamos que tal grupo seja capaz de oferecer uma análise suficiente quanto ao tratamento dado pelo periódico aos fatos que acabaram por se constituir como emblemáticos, seja no exato instante de seu acontecimento, seja em um momento posterior.

¹⁵³ NEGRÃO, João Henrique Botteri. As notícias da Guerra Civil Espanhola no jornal *O Estado de São Paulo* e a construção das verdades históricas. In: **Revista Histórica**, n 4, São Paulo: Imprensa Oficial, p 43.

4.1-O Alcázar de Toledo: símbolo da resistência nacionalista

A figura dos cercos militares, das cidades e populações sitiadas por forças inimigas e que ainda assim resistem, por vezes ao custo da própria vida, possui um forte apelo para a construção de mitos de origem de uma população, proporcionando a exaltação de valores de heroísmo, coragem e amor pela liberdade. Para Gabriel Cardona, “a defesa até a morte tem sido um dos grandes recursos da propaganda patriótica e, freqüentemente, o símbolo da cidade cercada tem representado o próprio país, assediado pelos estrangeiros”.¹⁵⁴ Tal é o caso do cerco promovido pelos republicanos, aos primeiros dias da Guerra Civil, contra o Alcázar de Toledo, uma fortaleza erigida na Idade Média pelos mouros e que, após a expulsão destes, passou a servir como palácio real. Localizado no alto de um monte, dominava completamente o cenário da urbe, sendo uma referência obrigatória na paisagem através de sua arquitetura pesada e evocativa de tradições.

Deve-se salientar que, se a figura do Alcázar, por sua localização e estilo, se destacava sobre o restante da cidade, estava, por outro lado, plenamente integrado em uma região onde o culto às tradições e ao religioso ocupava um espaço fundamental da vida cotidiana. Com efeito, Toledo possuía, quando do início do levante, noventa igrejas e dezoito conventos em uma cidade de tão somente trinta mil habitantes. Seu Arcebispo acumulava o título de Primaz da Espanha e as pinturas de El Greco encontravam-se espalhadas por museus e igrejas. Enquanto isto, o Alcázar, desempenhando a função de academia militar – e orgulhando-se de ter formado, entre outros, Afonso XIII, o rei deposto em 1931, além do próprio Franco –, acrescentava a este cenário um expressivo número de cadetes e militares graduados, agrupando assim um significativo conjunto de forças que se apresentavam contrárias à República Espanhola. É apropriada a observação de Cecil Eby:

¹⁵⁴ CARDONA, Gabriel. O cerco na simbologia da História de Espanha. In: **O Olho da História: revista de história contemporânea**. Salvador/UFBA, V 2, n 2, 1996, p 105. Cardona cita vários exemplos de cercos que vieram a tornar-se emblemáticos: Tróia; Jerusalém; Masada; Numância. Esta última constitui-se em uma aldeia arévaca que, após anos de resistência, foi destruída pelos romanos em princípios do segundo século de nossa era. Conforme Cecil Eby, os defensores do Alcázar passaram, durante o cerco, a tratar a fortaleza por “Nova Numância”, em referência explícita àquele acontecimento. Cfe: EBY, Cecil D. **O Cerco do Alcázar de Toledo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d, p 143.

Diz o provérbio: na Espanha há duas Espanhas, uma que trabalha mas não come e outra que come mas não trabalha. Para o trabalhador, o clero e o exército estão claramente na segunda categoria. Com seu Alcázar e sua catedral, Toledo é um símbolo dessa Espanha.¹⁵⁵

Esta cidade, símbolo das tradições e das contradições espanholas, localizada tão somente a sessenta quilômetros ao sul de Madrid, viu-se integrando, quando da deflagração da Guerra Civil em julho de 1936, o território sob domínio republicano.

Segundo os cronistas que se debruçam sobre o acontecimento, o diretor da Escola Central que funcionava no Alcázar, coronel José Moscardó, ao tomar conhecimento da existência do levante militar, apressou-se em buscar refúgio dentro das muralhas da fortaleza, levando consigo cerca de 1760 pessoas – dentre os quais 1200 combatentes militares –, incluindo aí alguns poucos cadetes, vários integrantes da *Guardia Civil*, familiares dos combatentes e, fato que a historiografia simpática ao nacionalismo freqüentemente omitiu, cerca de cinquenta reféns que possivelmente foram fuzilados durante o cerco, dentre estes o governador civil da província de Toledo. A alimentação dos sitiados durante os 70 dias em que durou o cerco – 21 de julho a 28 de setembro de 1936 – consistiu basicamente em pão (incursões a um celeiro de trigo próximo à fortaleza durante a noite garantiam uma boa quantidade de farinha) e carne dos cavalos e mulas que estavam no estábulo durante o cerco.

Tendo a cidade de Toledo sob seu controle e restando apenas desalojar os nacionalistas refugiados na fortaleza, o governo de Madrid não tardou em divulgar a notícia de seu domínio sobre a cidade, incluindo aí o Alcázar. Conforme o relato de Eby, os sitiados dentro da fortaleza ficaram sabendo da divulgação de tal notícia apenas no dia 25 de julho, através de um aparelho de rádio sintonizado em uma emissora da capital. A ciência deste fato teria produzido inquietações, pois, se os generais que comandavam a revolta nela acreditassem, não haveria aos sitiados a menor possibilidade de contar com reforços que pudessem acudi-los.

MADRID, 22 (A.B.) – Toledo foi capturada pelas tropas do governo de Madrid, que foram apoiadas pelas tropas da milícia da frente popular e por unidades da aviação, segundo comunicação feita hoje de noite pelo governo espanhol. O Alcázar, isto é, a velha fortaleza de Carlos V onde os insurretos se fortificaram, foi ocupada pelas tropas do governo, sendo feitos numerosos prisioneiros (...).¹⁵⁶

¹⁵⁵ EBY, Cecil D. **Op. Cit.**, p 19. As informações sobre Toledo e o cerco à fortaleza apresentadas no parágrafo anterior e nos seguintes são extraídas desta obra.

¹⁵⁶ *Correio do Povo*, 23 de julho de 1936, p 5.

Ao que tudo indica, o maior aliado dos sitiados na divulgação de sua situação ao mundo acabou sendo sua proximidade geográfica em relação à capital. Distanto pouco mais de uma hora de carro de Madrid, o Alcázar e sua resistência não tardaram em ser descobertos pela imprensa estrangeira. O cerco não representava apenas um fato passível de ser noticiado. A resistência de 1200 combatentes sitiados em uma cidade tomada por forças hostis evocava imagens de heroísmo. Ainda em finais do mês de julho a situação já era conhecida através do mundo e o mito começava a tomar forma pelas palavras da imprensa.

A RESISTÊNCIA HEROICA DOS CADETES DE TOLEDO

LONDRES, 29 (A.B.) – Os jornais fazem ressaltar a resistência heróica dos cadetes de Toledo, contra os revolucionários comunistas.¹⁵⁷

Diante da resistência dos rebeldes dentro do Alcázar, o governo de Madrid não hesitou em, por diversas vezes, anunciar a queda iminente da fortaleza e de seus ocupantes, que seriam vencidos pela fome, pelo cansaço ou pelas armas. Os sitiados, no entanto, formavam uma espécie de réplica em menor escala da composição da Frente Popular espanhola: militares leais à República; anarquistas; comunistas e socialistas mesclavam-se em uma mistura volátil onde a substituição de regras e hierarquias por uma democracia direta na qual tudo era objeto de discussão e votação conferia um aspecto pouco ortodoxo às forças legalistas. Para Hugh Thomas, a resistência do Alcázar não deve ser atribuída somente à obstinação de seus ocupantes, mas também à incompetência dos milicianos que promoviam o cerco, capazes somente de derrubar seus próprios chefes.¹⁵⁸ O sucesso final da empreitada, ainda assim, não era objeto de dúvidas, e utilizava-se como justificativa para a demora da consumação do fato o respeito às vidas das mulheres e crianças refugiadas juntamente com os nacionalistas, bem como a preocupação com o destino das obras de arte existentes na cidade de Toledo. A improbabilidade quanto à execução de uma ação de resgate por parte do exército franquista visando libertar os sitiados igualmente conferia certa tranquilidade aos milicianos, posto que Toledo se constituía em um alvo de menor importância diante de cidades como Madrid ou Barcelona, além de estar protegida por tropas legalistas e obstáculos naturais. Havia, portanto, uma verdadeira relação de custo-benefício que parecia jogar ao lado dos republicanos.

¹⁵⁷ *Correio do Povo*, 30 de julho de 1936, p 2.

¹⁵⁸ THOMAS, Hugh. **La Guerra Civil Española**. Barcelona: Grijalbo Mondadori, 1996, vol 1, p 418.

MADRID, 30 (U.P.) – (...) Os elementos oficiais, fiéis ao governo, interpelados sobre o fato de não ter sido ainda bombardeado o Alcázar, respondem que não desejam fazer isso para não sacrificar as mulheres e crianças que lá estão. Calcula-se que os soldados do exército, as tropas de choque e os milicianos que sitiaram [o Alca]çar elevam-se ao total de 3.000 (...).¹⁵⁹

NA TRADICIONAL FORTALEZA DE ALCAZAR DE TOLEDO OS REBELDES ESTÃO DECIDIDOS A LUTAR ATÉ O FIM

(...) Acrescenta, todavia, o general Ovello (chefe da milícia em Toledo), que as forças da Frente Popular não tardarão em ocupar esse ponto que representa como uma ilha rebelde em um setor que se encontra totalmente em poder do governo. A esperança de uma ofensiva rebelde do sul, que liberte os prisioneiros voluntários do Alcazar do cerco legalista, desvanece-se ante as dificuldades que se opõem a um avanço rápido através da serra Moreno e dos altiplanos da Castella das tropas que comanda o general Francisco Franco, ora de re[gr]esso a Sevilha, onde instalou seu quartel general.¹⁶⁰

Poucos dias após a publicação das matérias acima, apareceu nas páginas do *Correio do Povo* uma curiosa crônica, atribuída originalmente a um periódico argentino chamado *Aqui Está*, e intitulada “*O Alcázar de Toledo continua sendo um vigia da história de Espanha: a jornada trágica dos mil rebeldes sitiados*”. O texto, compilado abaixo, deixa entrever a dimensão épica que o cerco do Alcázar já havia tomado aos olhos do mundo. Com efeito, a descrição dos eventos e personagens históricos associados à fortaleza, ao lado das frequentes referências às “mães corajosas e tristes avós” parece ter a pretensão de transmitir ao leitor a sensação de que um novo fato histórico de grandes dimensões associado ao nome do Alcázar está se passando naquele exato instante. No entanto, o fato mais curioso deste texto está em um dos desfechos imaginados por seu autor, onde as personagens femininas e infantis são salvas enquanto os homens rebeldes tomariam devido ao seu ato de traição. A publicação deste texto, expressamente pró-republicano, apenas pode ser compreendida à luz do que anteriormente expusemos quanto à pretensa neutralidade política defendida pelo *Correio do Povo*, que se utilizava para tal de matérias e textos enviados por agências de notícias e periódicos de outros países, em especial da Argentina.

As forças leais cercaram Toledo e os rebeldes, derrotados, somente pensaram em um refúgio seguro. Olharam para o alto da colina, olharam para o Alcázar. Muitas vezes na história da Espanha serviu o famoso castelo para essas oportunidades de fuga impossível. E eis que se abriram os grandes portões, pesados e enormes, e ficaram fechados e defendidos 450 guardas civis, 700 cadetes da escola militar, centenas de freiras e sacerdotes, crianças e mulheres. Mães corajosas e tristes avós. Entraram com as armas e os víveres que puderam. E foi pouco o que levaram, a ponto de temer a fome e a morte. Não se entregaram, não se renderiam –

¹⁵⁹ *Correio do Povo*, 31 de julho de 1936, p 1.

¹⁶⁰ *Correio do Povo*, 01 de agosto de 1936, p 2.

exclamavam – e a última metralhadora deixava escapar sua trágica notícia sobre as forças leais ao governo da República.

Recordaram então os chefes governistas e também os soldados fiéis à Espanha; recordaram a história do magnífico Alcazar. Ali esteve presa dona Blanca de Bourbon. Por ali passaram figuras da lenda. Pisaram nesses salões os romanos, primeiro, e os visigodos e os árabes depois. Brilhantes cortejos. Reis e rainhas. Princesas e pajens. Todo o fasto régio de todas as épocas. Foi morada de luxo e foi jóia de admirável beleza. Recordaram os chefes governistas e também os soldados, que essas quatro torres orgulhosas fê-las levantar Affonso X, o sábio, enquanto dizia suas cantigas. Por ali andou Cervantes, por ali passou Lope de Vega.

Espanhóis estavam refugiados no Alcazar de Toledo. Espanhóis, seus irmãos, sitiados, angustiados. Mulheres e crianças, mães corajosas e tristes avós. Homens orgulhosos, sem armas e com fome, que não acatavam a ordem de rendição. Que se devia fazer? Seria necessário atirar contra eles?

Teria-se que reduzir a ruínas o famoso palácio. Queimaram-no muitas vezes através dos séculos. Relíquias queimaram-se com ele. História, ternura de Espanha. Os austríacos o incendiaram em 1710 e, cem anos depois, as tropas napoleônicas tornaram a fazer o mesmo e quando o restauraram novamente, quando se torna a erguer suas torres sobre a colina, frente às covas de Peña del Moro, levantando seu orgulho sobre as régias muralhas, a 9 de fevereiro de 1887, outro incêndio o reduz a ruínas.

Muito mais de 1.000 homens, soldados monarquistas, freiras e sacerdotes, mulheres e crianças estão agora sitiados. E as forças leais esperam às portas, a hora da rendição. Não querem fazer dano ao Alcázar. Não querem matar as mães, as avós e as criaturas refugiadas. Os homens sim, contra eles atirarão: um a um cairá, por traidor, quando apareça.

Há um pranto lá dentro. Nos ricos salões atapetados. Nas salas magníficas. Nos calabouços do medo. Como se fora o pranto de dona Blanca encerrada por seu esposo, Pedro I de Castella. Um pranto que é uma súplica.

Atentos, os soldados esperam. De dia e de noite. O Alcázar está aí, provocando-os. Não esperarão muito. Um dia mais, talvez, e os canhões tombarão as quatro torres orgulhosas, como se elas significassem os últimos sinais do feudalismo, da monarquia, do catolicismo, do fascismo hispano. Porém, após uma espera angustiada os rebeldes se rendem.

É o pranto das crianças e as orações das mulheres quem ganhou a batalha da paz. De cinco em cinco vão saindo os refugiados, sem armas, lábios ressequidos, pupilas baixas, caídos os braços.

Porém os que confiam olham o sol de frente, como se soubessem que eles representam a Espanha nova, a Espanha da República, grande, prometedora [de] um alto destino.

Salvaram-se mais de mil vidas e salvou-se outra vez o magnífico Alcázar de Toledo, por cujos labirintos continuarão passeando figuras de lenda. Enquanto o Tejo murmurar a seu lado a canção do que há de vir.¹⁶¹

Outra evidência que atesta a repercussão obtida pela resistência dos rebeldes em Toledo é o envio de um telegrama, em 19 de setembro daquele ano, por parte dos deputados integrantes do Congresso Nacional brasileiro, prestando homenagens às vítimas do cerco, fato

¹⁶¹ *Correio do Povo*, 06 de agosto de 1936, p 2. Os números apresentados pelo artigo são refutados pelos estudos sobre o Cerco. Conforme Eby, apenas cinco freiras asilaram-se no Alcázar e, de forma surpreendente, nenhum sacerdote encontrava-se entre os sitiados. Já os cadetes seriam uma minoria ante seiscentos e noventa integrantes da *Guardia Civil* que se constituíram no principal suporte de defesa do Alcázar. O total de pessoas dentro das muralhas chegaria ao montante de 1760. Conforme Thomas, por aqueles dias, acreditava-se que a maioria dos defensores era constituída pelos jovens cadetes da academia. Cfe: EBY, Cecil D. **Op. Cit.**, p 71; THOMAS, Hugh, **Op. Cit.**, p 418.

que serve como verdadeiro indicativo da posição de simpatia que boa parte dos políticos brasileiros nutria pela causa nacionalista. Conforme Eliana Silveira, tão somente três congressistas recusaram-se a assinar o documento por considerar ilegítimas as relações do Brasil com um governo não constituído de forma legal.¹⁶² O gesto dos políticos brasileiros, contudo, parece não ter passado despercebido por aqueles que, no cenário político internacional, alinhavam-se naquele momento ao seu lado nas trincheiras contrárias à causa republicana.

BERLIM, 24 (A.B.) – Os jornais alemães se referem com viva simpatia à atitude da Câmara dos Deputados do Brasil, rendendo homenagem aos combatentes nacionalistas de Alcázar de Toledo. “Não há a menor dúvida”, escreveu um desses jornais, “que esses heróis merecem aquelas homenagens pela bravura com que combateram por seu ideal, a libertação da pátria da onda vermelha”.¹⁶³

Três dias mais tarde, o cerco ao Alcázar de Toledo encontraria seu termo. Após setenta dias de combates, tropas mouras, lideradas pelo general Varella, suplantaram a resistência oferecida pelos milicianos republicanos. No dia seguinte, o próprio general Franco entraria no Alcázar. Não nos cabe aqui traçar o panegírico dos resistentes ou ainda apontar todos os motivos pelos quais os republicanos fracassaram após mais de dois meses de ataque incessante. Os desacordos entre as diversas facções que compunham as milícias da Frente Popular, especialmente nos primeiros dez meses da Guerra Civil, são conhecidos; e já anteriormente apontamos para a observação de Hugh Thomas quanto à incapacidade de coordenação que havia entre os sitiados em decorrência de tais diferenças. Há, contudo, um detalhe que não nos deve passar despercebido: conforme Eby, ao penetrar na fortaleza conquistada, Franco, que até então se encontrava às portas de Madrid, se fez acompanhar por jornalistas e cinegrafistas. Enquanto o líder rebelde pretendia que o acontecimento fosse devidamente registrado para a posteridade, os jornalistas mostravam-se ávidos por encontrar, entre as ruínas, a figura de um El Cid contemporâneo, legitimador da figura heróica já criada àquela altura. Neste sentido, a figura bonachona e desgastada do líder da Academia, coronel José Moscardó, nada mais teria criado entre os jornalistas do que decepção.¹⁶⁴ Contudo, as notícias vindas da Europa, a esta altura, já asseguravam a grandiosidade do acontecido,

¹⁶² SILVEIRA, Eliana Ávila. **Op. Cit.**, p 177. Ainda conforme esta autora, foi enviada uma resposta, por parte de Franco, aos congressistas brasileiros. Os textos dos documentos se encontram na obra citada.

¹⁶³ *Correio do Povo*, 25 de setembro de 1936, p 3.

¹⁶⁴ EBY, Cecil, **Op. Cit.**, p 254 e ss.

ressaltando sempre o aspecto do heroísmo e a equiparação do acontecimento aos maiores feitos que compunham até então a história espanhola.

A DEFEZA HERÓICA DO ALCÁZAR É DIGNA DAS MAIORES GLORIAS DO PASSADO

LISBOA, 28 (A.B.) – O general Queipo de Llano confirmou ontem de noite pela estação de rádio de Sevilha, a tomada de Toledo pelas tropas nacionalistas. O entusiasmo pelos heróis do Alcázar e sua libertação é geral.

Numerosas mensagens de congratulações estão chegando da Espanha e do mundo inteiro. A defesa heróica do Alcázar, declarou o general Queipo del Llano, continuará a viver na história espanhola como um feito de heroísmo digno das maiores glórias dos séculos passados.¹⁶⁵

Segundo a historiografia tradicional,¹⁶⁶ o mito criado em torno do Alcázar de Toledo possui duas raízes diversas, mas nem por isto contraditórias. Em primeiro lugar, o maior valor do Alcázar era, para ambos os lados, simbólico, e sua conquista ou libertação valeria pontos preciosos na propaganda a ser feita aos olhos do mundo. Conquistá-lo equivalia a derrubar um poderoso bastião do conservadorismo e do poder militar, expondo suas eventuais fraquezas. Libertá-lo significaria a libertação destes mesmos valores diante dos perigos patrocinados pelo vasto conjunto ideológico que compunha a Frente Popular, que supostamente punham em risco as tradições, a religiosidade e, aos olhos de alguns, a propriedade privada. Assim, se o deslocamento, rumo a Toledo, de tropas que se preparavam para atacar Madrid, parecia um movimento errôneo do ponto de vista militar, dar cabo ao cerco criaria uma das maiores peças de ideologia e propaganda a ser utilizada ao longo do conflito. Para Cardona, “depois da guerra o Alcázar se transformou em território sagrado e suas ruínas demoraram anos a serem reconstruídas, como testemunho da perversidade dos ‘vermelhos’. Seu pátio serviu de cenário para atos do franquismo mais puro”.¹⁶⁷ A repercussão da criação deste verdadeiro mito de guerra pode ser sentida, por exemplo, quando nos deparamos com a alocução feita pelo então já Cônsul da Espanha, Álvaro Raya Ibañez, em virtude das celebrações em Porto Alegre, do terceiro aniversário do levante militar na Espanha.

(...) O que foi este gesto heróico está na memória de todos. Dois anos e meio de duro batalhar, recolhendo um rosário de incessantes vitórias, com símbolos como os do Alcázar, o Santuário da Virgem da Cabeza, Oviedo, onde o valor dos soldados espanhol lutou contra todas as forças confabuladas da revolução universal,

¹⁶⁵ *Correio do Povo*, 29 de setembro de 1936, p 1.

¹⁶⁶ Ver, a título de exemplo: VILAR, Pierre. *A guerra da Espanha*, p 49; THOMAS, Hugh. *Op. Cit.*, p 445.

¹⁶⁷ CARDONA, Gabriel. *Op. Cit.*, 109. Mantemos na citação o termo “Alcázar”, utilizado na obra citada.

representadas pelas Brigadas Internacionais e todos os meios bélicos facilitados por Moscou (...).¹⁶⁸

A outra perspectiva a partir da qual a criação de um mito em torno do Alcázar de Toledo pode ser interpretado – já parcialmente citado acima – é como justificativa ou legitimação para um verdadeiro erro estratégico cometido por Franco que, ao resolver socorrer os refugiados da fortaleza, permitiu que os defensores de Madrid pudessem melhor estruturar suas linhas de defesa. Com isto, a tomada da capital espanhola – verdadeira obsessão de Franco e elemento chave para um desfecho do conflito – tornou-se uma missão ainda mais árdua, quiçá prolongando a Guerra Civil por um período bem mais amplo do que até então era previsível. Para Hugh Thomas, a decisão de Franco em libertar o Alcázar não era uma atitude irrefletida, mas fruto da consciência de que na Espanha os símbolos eram objetos de muito valor. Assim, a importância espiritual ou propagandística de Toledo e seus refugiados naquele momento era algo mais importante.¹⁶⁹

Esta perspectiva, porém, parece não ter passado despercebida aos órgãos de imprensa da Europa. A julgar por uma notícia publicada em inícios de fevereiro de 1937 e intitulada “O gal. Franco explica os motivos porque Madrid ainda não foi ocupada”, o próprio Franco utilizava-se de tal argumentação a fim de justificar as dificuldades em tomar a capital espanhola, ressaltando a importância política e simbólica do Alcázar. Apenas acrescentava à discussão mais um importante fator: o auxílio estrangeiro recebido pelos legalistas neste momento.

LONDRES, 6 (C.P.) – (Especial) – (...) Quando as tropas nacionalistas já tinham ocupado as linhas interiores de Madrid, tendo assim tomado uma cidade aberta, da qual apenas as linhas exteriores estavam em estado de defesa, o general Franco teve de libertar, primeiro, a qualquer preço, o Alcázar, a fim de não fornecer a Del Vayo uma prova da supremacia militar vermelha, que pudesse ser explorada em Genebra. O general Franco reconheceu ter cometido assim uma grave falta estratégica, pois, nesse meio tempo Madrid foi preparada adequadamente para a defesa, graças sobretudo ao grande auxílio estrangeiro (...).¹⁷⁰

¹⁶⁸ *Correio do Povo*, 20 de julho de 1939, p 11.

¹⁶⁹ Cfe: THOMAS, Hugh, **Op. Cit.**, p 445.

¹⁷⁰ *Correio do Povo*, 07 de fevereiro de 1937, p 2. Para Thomas, os primeiros navios carregados com auxílio material para a Espanha partiram do porto de Odessa em finais de setembro de 1936, mais ou menos pela mesma época em que terminava o cerco em Toledo. Neste mesmo mês as Brigadas Internacionais, contingente do qual falaremos mais adiante, passaram a ser organizadas, visando criar um corpo de voluntários inspirado em grupos que prestaram apoio à Revolução Russa. Jacques Bayac ressalta que o envio de tais contingentes para Madrid se dá após iniciarem os bombardeios alemães sobre esta cidade em 29 de outubro de 1936, embora seus líderes considerassem que as Brigadas ainda não estivessem devidamente preparadas. Cfe: THOMAS, Hugh. **Idem**, 479, 488; BAYAC, Jacques Delperrie. **Las Brigadas Internacionales**. Madrid: Júcar, 1980, p 90.

Porém, nem todos os acontecimentos que acabaram por se tornar verdadeiros ícones da Guerra Civil espanhola receberam a mesma cobertura ampla por parte da imprensa. Alguns receberam apenas umas poucas linhas, sendo sua importância simbólica uma decorrência do tratamento posteriormente recebido. Tal parece ser o caso do bombardeio sofrido pela cidade de Guernica.

4.2-Guernica: a memória bombardeada

No dia 26 de abril de 1937, a cidade basca de Guernica, símbolo do sentimento autonomista da região,¹⁷¹ foi alvo do maior ataque aéreo produzido pelo homem até aquele momento contra uma única localidade. Patrocinado e levado a cabo pela Legião Condor alemã, o bombardeio, que durou cerca de três horas e meia, destruiu completamente o centro urbano do vilarejo, repleto não apenas de refugiados provenientes da frente de guerra que avançava ao norte, mas também de moradores locais, uma vez que era dia e hora de feira em sua região central.¹⁷²

A devastação e a morte causadas pelas bombas incendiárias, pelas bombas convencionais de grande poder de destruição, e pelo ataque de metralhadoras aéreas sobre o povo em fuga, embora tenha causado revolta nos meios diplomáticos internacionais, encontrou sua forma mais eficiente de denúncia e protesto através da famosa obra de Pablo Picasso, feita no ano seguinte por encomenda do governo republicano e destinada a compor o cenário do estande espanhol na Exposição Internacional de Paris.

Embora apresentem especificidades, os casos de Guernica e do Alcázar de Toledo guardam alguns pontos em comum: ambas cidades eram importantes centros religiosos regionais; ostentavam certa importância “tradicional”, conferida por suas histórias; e possuíam, em virtude disto, um forte valor simbólico, utilizado como instrumento de propaganda não somente durante o conflito, mas também após o término do mesmo.

¹⁷¹ Conforme Padrós, Guernica era considerada “um vilarejo sagrado para os bascos, pois a sombra de seu histórico carvalho reuniram-se, durante séculos, as assembléias locais, assim como ali reis e senhores juravam seus compromissos com as províncias bascas”. In: PADRÓS, Enrique Serra. Guernica: tragédia, versões, história. In: PADRÓS, Enrique; RIBEIRO, Luis Dario; GERTZ, René (orgs.). **Segunda Guerra Mundial: da crise dos anos 30 ao Armagedón**. Porto Alegre: Folha da História-CDAIB/PRP-Palmarinca, 2000, p 110-1.

¹⁷² A versão aceita pela historiografia é de que o bombardeio teria iniciado por volta das 16:30, tendo uma duração de aproximadamente três horas e meia.

Conforme Eby, a tela “O Alcázar em chamas”, de Ignácio Zuloaga, se constitui em objeto de análise entre os nacionalistas que discutiam (ou discutem) sua superioridade ante a “decadência da ‘Guernica’ de Picasso, sem conseguir converter a opinião pública mundial”.¹⁷³ Mais do que isto, ambos episódios podem, por fim, serem considerados símbolos da vitória da tradição e do reacionarismo ante os ideais de transformação e autonomia da humanidade ante a opressão. Há, contudo, uma diferença básica quando analisamos as narrativas e notícias da época sobre os dois acontecimentos: ao contrário do cerco ao Alcázar de Toledo, Guernica não permitiu a construção de uma figura heróica, comparável à do Coronel Moscardó ou das pessoas que passaram os setenta dias entre as muralhas da fortaleza. Guernica deixou apenas vítimas, dúvidas e perplexidade. Tal perplexidade fez com que fossem necessários apenas três dias para que o bombardeio se transformasse em notícia e alcançasse o outro lado do oceano.

BILBAO, 28 (C.P.) – (Especial) – Em vez de deprimir o espírito dos bascos com o bombardeio de Guernica, os rebeldes conseguiram um efeito contrário, fazendo-os reagir contra o invasor. Todos os jornais mostram-se indignados com a destruição de uma cidade na retaguarda.¹⁷⁴

No entanto, tão rapidamente quanto às notícias do bombardeio, também os desmentidos e as versões que negavam a evidência dos testemunhos aportaram nas páginas da imprensa no continente americano. Conforme Padrós, ao longo da Guerra Civil e do posterior período da Guerra Fria, quando a Espanha passaria pelo período de dominação franquista, três versões distintas foram elaboradas a fim de que a responsabilidade do massacre não atingisse a figura do generalíssimo. A primeira destas versões tentou simplesmente inverter a autoria dos fatos, atribuindo a responsabilidade aos republicanos, que teriam dinamitado e incendiado a cidade ao fugirem para a retaguarda, dado que o avanço da frente nacionalista tornara-se previsível. A segunda versão, contextualizada no cenário da derrota do nazi-fascismo, buscava jogar a responsabilidade unicamente sobre a Legião Condor e o oficialato alemão – cuja presença na Espanha era negada pelos nacionalistas em 1937 – e, por fim, uma terceira versão, que, ante a abertura de arquivos alemães que comprovavam a participação de espanhóis no planejamento do bombardeio, buscou culpados no segundo escalão do franquismo.¹⁷⁵

¹⁷³ EBY, Cecil, **Op. Cit.**, p 265.

¹⁷⁴ *Correio do Povo*, 29 de abril de 1937, p 2. Bilbao acabou caindo perante os nacionalistas em 19 de junho.

¹⁷⁵ Cfe. PADRÓS, Enrique Serra. **Op. Cit.**, p 118-9.

As escusas nacionalistas que chegaram até nós através do *Correio do Povo*, igualmente apenas três dias após o bombardeio apresentam alguns traços interessantes. Em primeiro lugar, não partem de um segundo escalão, sendo atribuídas, pelo contrário, diretamente ao quartel general rebelde e ao alto oficialato franquista. Em segundo lugar, buscam, através de exemplos retirados da própria Guerra Civil em andamento, atribuir a culpa da destruição da cidade aos republicanos, encaixando-se assim plenamente na primeira das versões produzidas que objetivavam eximir os nacionalistas de qualquer responsabilidade. Por fim, como comprovação da “mentira republicana” divulgada no exterior, foi alegada a falta de condições meteorológicas naquela data, impossibilitando qualquer ação aérea.

SALAMANCA, 28 (A.B.) – Referindo-se as notícias publicadas no estrangeiro sobre a pretendida destruição da cidade de Guernica pela força aérea nacionalista, o quartel general rebelde publicou o seguinte comunicado: “os fugitivos das linhas vermelhas que se juntaram às forças nacionalistas perto de Lequeitio, que ainda não foi ocupada, informam que esta cidade e a de Guernica foram completamente incendiadas pelos vermelhos, como Eibar e Irun. Como a artilharia e a aviação nacionalistas não puderam operar devido ao mau tempo, desta vez será impossível aos vermelhos culparem os nacionalistas de destruição por bombardeio.”¹⁷⁶

SEVILHA, 28 (C.P.) – (Especial) – O general Queipo del Llano desmentiu o bombardeio de Guernica por aviões nacionalistas. “Os governistas agem com selvageria e procuram acusar-nos. Dispomos de numerosos exemplos em que os vermelhos bombardeiam localidades de que nenhum modo constituem objetivos militares e aonde se encontram centenas de mulheres e crianças. Portanto, mesmo que a aviação tivesse bombardeado Guernica, estaríamos em nosso direito, mas não chegamos até este ponto, pois colocamos a dignidade acima de nosso direito. Além disto, em vista do mau tempo, a aviação nacionalista não participou das operações militares nos últimos dias (...)”.¹⁷⁷

Cabe aqui destacar que a afirmativa do general Queipo del Llano, quanto a “estar no direito” dos nacionalistas bombardear a cidade de Guernica, não se constitui em um exemplo isolado. Tal general – um dos líderes máximos do movimento franquista –, tornou-se famoso por utilizar uma arma até então pouco explorada na guerra: o rádio. A partir de uma estação de Sevilha, Queipo mandava ao ar discursos inflamados, justificando o levante militar e defendendo o uso da violência contra os republicanos. Em um de seus muitos discursos pelo rádio, Llano teria afirmado que “esta é uma guerra de extermínio. É necessário exterminar os marxistas, ou eles nos exterminarão”.¹⁷⁸

¹⁷⁶ *Correio do Povo*, 29 de abril de 1937, p 2.

¹⁷⁷ *Idem*.

¹⁷⁸ RIZZONI, Gianni. **Op. Cit.**, p 92. Conforme Ian Gibson, Llano ainda controlava um jornal, o *El Correo de Andalucía*. In: GIBSON, Ian. **O assassinato de Garcia Lorca**. Porto Alegre: L&PM, 1979, p 226.

É curioso perceber que, além dos desmentidos oficiais dos líderes nacionalistas, também os desmentidos emitidos a partir da imprensa alemã, que trataram de produzir de forma instantânea uma versão negacionista, atribuindo a responsabilidade do massacre, tal qual o alto comando franquista, aos republicanos, através da contraposição a outros acontecimentos, chegou de forma rápida ao outro lado do oceano.

BERLIM, 28 (A.B.) – (...) Na opinião do “Deutsche Allgemeine Zeitung” as afirmações constituem umas manobras destinadas a fazer esquecer a opinião pública mundial, as brutais destruições cometidas pelos vermelhos em Eibar e Irun, fazendo ressaltar o mesmo diário, que em Salamanca, foi em seguida reconhecida a manobra como tal, sendo imediatamente desautorizada, O jornal “Berliner Tagblatt” faz constar em suas folhas que todas as notícias chegadas ontem da Espanha coincidem em que as condições meteorológicas não permitiam que fossem realizadas operações aéreas de espécie alguma.¹⁷⁹

Da cidade arrasada, contudo, evanesce não somente o fumo das bombas incendiárias, mas também o relato dos sobreviventes e das testemunhas oculares. Relatos sobre o que acabou entrando para a história como “o mais famoso e infame de todos os bombardeios da Guerra Civil Espanhola”,¹⁸⁰ verdadeiro trabalho sistemático de destruição levado a cabo contra uma cidade aberta. Relatos que pelas quatro décadas seguintes seriam silenciados em terras espanholas sob a opressão e o jugo do regime franquista. Mas também relatos de jornalistas e observadores internacionais que possibilitaram a contestação da versão dos militares em vários de seus aspectos, partindo da ausência de condições meteorológicas para o ataque e chegando até a inexistência de aparelhos nazistas na força aérea nacionalista. Um destes relatos é reproduzido por Hugh Thomas, que apresenta, como apêndice ao final de sua obra, uma carta do cônsul britânico em Bilbao, R. C. Stevenson, ao embaixador inglês em Hendaya, onde relata ter encontrado, um dia após o bombardeio, uma cidade quase completamente destruída, onde a maioria das casas ainda ardia e onde novos incêndios estalavam, fruto das bombas incendiárias arremessadas no dia anterior e que, por algum motivo, não haviam explodido naquele momento. Seu relato, apoiado pelo testemunho de um sobrevivente, confere com as versões históricas tradicionalmente aceitas sobre o ataque, e pouco difere do relato abaixo, publicado no Brasil apenas quatro dias após o bombardeio:

¹⁷⁹ *Correio do Povo*, 29 de abril de 1937, p 2.

¹⁸⁰ MATTHEWS, Herbert. **Metade da Espanha morreu: reflexões atuais sobre a Guerra Civil Espanhola**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, p 159.

PARIS, 29 (C.P.) – (Especial) – Chegou a Bilbao o cônego da catedral de Valladolid, Alberto Onaindia, que presenciou o bombardeio aéreo de Guernica e fez a seguinte relação: “Encontrava-me em Bilbao nos últimos dias da semana passada, quando soube que o governo basco havia resolvido a evacuação de Marquina, onde tenho parentes, e decidi sair para aquela direção. Cheguei a Guernica no dia 26 às quatro e meia da tarde, e, contrariamente ao que se disse, o dia era desanuviado e claro. Apenas havia descido do automóvel começou o raid aéreo. A primeira bomba abriu em canal uma casa de três andares, produziu a quebra dos vidros de varias casas.

Como se realizasse uma feira de gente das povoações vizinhas, vi que todos disparavam espavoridos para o campo. Pude observar que apareceu primeiro um aparelho de caça, depois três, e posteriormente sete tri-motores. Os aparelhos depois de realizarem a sua obra destruidora elevaram o vôo, e depois voltavam para continuar com fúria a sua obra terrível de extermínio. O bombardeio durou desde as quatro e meia da tarde até as oito horas da noite. Em todo esse tempo apenas transcorreram períodos de cinco minutos sem que atuassem os aviões mortíferos. O método de ataque parecia ser o mesmo: primeiro o fogo de metralhadoras, depois as bombas ordinárias, e finalmente as bombas incendiárias cuja diferença do estampido não é difícil para quem está acostumado a presenciar bombardeios. O povo refugiou-se em árvores situadas a um quilômetro de distância de Guernica.¹⁸¹

Há que se atentar, contudo, que o tratamento dado pelo *Correio do Povo* ao bombardeio seguiu os padrões das demais ofensivas da Guerra. Assim, Guernica foi apenas um episódio em um acontecimento maior: o avanço nacionalista sobre o norte da Espanha – uma área que havia ficado isolada do restante do território republicano e que interessava aos sublevados por ser uma importante zona produtora de minérios, passíveis de serem utilizados como moeda de troca com a Alemanha em contrapartida ao apoio nazista. Se tal tratamento permitiu os desmentidos nacionalistas sobre o ocorrido, também possibilitou, por outro lado, a publicação de uma nota oficial do governo republicano, através de sua embaixada em Washington, expondo sua versão sobre os fatos, versão esta igualmente próxima aos relatos aceitos pela historiografia, pedindo, ao mesmo tempo, um julgamento por parte da humanidade para o acontecido.

WASHINGTON, 28 (C.P.) – (Especial) – A embaixada espanhola distribuiu, hoje, uma nota relatando o comunicado oficial que recebeu do governo de Valência, contando como os rebeldes destruíram a cidade de Guernica, ponto principal da libertação basca (...).

Os aviadores rebeldes desceram a cem pés para poder com suas metralhadoras matar a população. Calcula-se que os aviões rebeldes deixaram cerca de três mil bombas incendiárias de duas libras cada uma e cem torpedos de duas libras cada um. Durante toda a noite os incêndios continuaram destruindo Guernica e aumentando a consternação e o terror dos habitantes. O número de vítimas especialmente mulheres e crianças é muito crescido. A evacuação da povoação teve de ser feita e os correspondentes estrangeiros foram testemunhas da hecatombe, acentuando que não há na história do mundo crime tão horrível. Os aviadores

¹⁸¹ *Correio do Povo*, 30 de abril de 1937, p 2.

rebeldes não tinham outro propósito senão matar por prazer uma vez que careciam de objetivo militar. O mundo inteiro deve conhecer e julgar estes horríveis fatos, conclui o telegrama do governo comunista espanhol.¹⁸²

Contudo, a memória de Guernica só pôde ser recuperada a partir do momento em que a obra de Pablo Picasso encontrou repercussão no mundo como forma de denúncia das atrocidades cometidas contra uma população desarmada, que serviu como laboratório para o teste de novas táticas de bombardeio, postas em prática poucos anos depois. Apenas alguns dias mais tarde, o bombardeio não encontraria maior repercussão, sendo substituído por outros assuntos relativos à guerra na Espanha, tal como as negociações em torno da não-intervenção – um tema sempre corrente – ou mesmo os combates entre as próprias fileiras republicanas, que ficariam famosas como o “maio de 37”, opondo comunistas a anarquistas e dissidentes.

4.3-Garcia Lorca: a morte atrasada da poesia

A fim de melhor compreender o tratamento dado pelo *Correio do Povo* à morte do poeta Garcia Lorca, convém que tentemos resgatar, através de poucas considerações, alguns aspectos da importância já adquirida por tal personalidade no ano de 1936.

Com efeito, Garcia Lorca já era, quando do início da Guerra Civil Espanhola, uma figura de acentuado renome no meio artístico-literário internacional. Três anos antes, sua presença em Buenos Aires, acompanhando o sucesso da encenação de peças de sua autoria, tornaram-no, segundo Ian Gibson, “o poeta e dramaturgo espanhol mais famoso na América”.¹⁸³ Em suas relações com expoentes da cultura ibero-americana, conquistou a admiração e o reconhecimento de alguns dos melhores poetas latino-americanos que, através da evocação de sua figura em contraposição à ascensão do fascismo, contribuíram mais tarde para fazer de seu nome uma verdadeira referência sobre o poder da barbárie e da desumanidade que cercaram a Guerra Civil Espanhola. A presença de referências ao escritor espanhol em poemas possivelmente datados ainda do início do conflito ou do ano de 1937

¹⁸² *Correio do Povo*, 29 de abril de 1937, p 2.

¹⁸³ GIBSON, Ian. **Op. Cit.**, p 23.

serve como verdadeiro indício da penetração de sua obra em terras brasileiras, ao menos nos círculos de maior sofisticação cultural.¹⁸⁴

A imagem difundida durante o regime franquista, de que Lorca seria uma pessoa não preocupada com questões políticas, parece já haver sido desmontada através do trabalho de Gibson, que reconstrói os últimos dias de vida do poeta espanhol, ressaltando sempre sua participação em eventos anti-fascistas e sua preocupação em que a cultura fosse difundida entre a população, não tornando-se desta forma um patrimônio apenas das elites. Embora fosse filho de uma família abastada, reconhecida como tal em uma das regiões de maior concentração de terras na Espanha, Lorca mostraria ser, ao longo de sua vida, uma pessoa preocupada com a miséria humana e com as condições de sua supressão, o que não significa que pudesse ser rotulado como um radical de esquerda, mesmo porque em momento algum esteve filiado a agremiações políticas.¹⁸⁵

Seria surpreendente que o desaparecimento de uma figura com semelhante biografia passasse despercebido pela imprensa mundial. Embora a data precisa de sua morte, bem como as condições em que a mesma aconteceu, sejam ainda hoje fatos controversos¹⁸⁶, o acontecimento não deixou de criar versões diversas, tal qual ocorreria posteriormente com o já citado bombardeio de Guernica. Em sua obra, Rizzoni cita ao menos quatro versões distintas e correntes na historiografia para o assassinato do poeta cujo corpo até hoje está por ser identificado: Lorca teria sido morto a pancadas logo após ser preso; teria sido um crime perpetrado por pessoas ligadas ao seu círculo de relações pessoais; por falangistas em uma atitude de represália; ou ainda por jovens católicos incitados por autoridades eclesiásticas.¹⁸⁷ A par de tais versões, que creditam o crime aos partidários de Franco, a imprensa nacionalista da época, a partir de seus principais jornais, buscou incutir a culpa aos republicanos, a quem acusavam de desunião e de haverem assassinado Lorca quiçá por motivos passionais, relacionando o fato à sua possível homossexualidade.

¹⁸⁴ Poderíamos aqui citar como exemplos *No vosso e em meu coração*, de Manuel Bandeira (... Espanha republicana / Noiva da revolução! / Espanha atual de Picasso, / De Casals, de Lorca / Irmão assassinado em Granada! / Espanha no coração), ou ainda o *Verso a Federico Garcia Lorca*, de Carlos Drummond de Andrade (Sobre teu corpo, que há dez anos se vem transfundindo em cravos de rubra cor espanhola / aqui estou para depositar vergonha e lágrimas). Cfe: MEIHY, J. C. Sebe-Bom. **Op. Cit.**, p 119. Embora não possamos afirmar com certeza, acreditamos que ao menos o poema citado de Drummond possa ter sido escrito em um momento posterior.

¹⁸⁵ Cfe: GIBSON, Ian. **Op. Cit.**, p 45-6.

¹⁸⁶ Gibson acredita que a detenção de Lorca tenha se dado no dia 16 de agosto de 1936, e seu assassinato, possivelmente, três dias mais tarde. Cfe: **Idem**, p 199-200, 203, 238.

¹⁸⁷ RIZZONI, Gianni. **Op. Cit.**, p 80.

A notícia de sua morte teria sido divulgada pela primeira vez nos jornais republicanos em 30 de agosto de 1936. Já os periódicos identificados com o nacionalismo, na impossibilidade de negar o ocorrido, passaram a divulgar a possibilidade de o poeta ter sido assassinado pelos “vermelhos” em conflitos intra-republicanos, somente a partir de 10 de setembro do mesmo ano.¹⁸⁸

O fato peculiar para nossa análise neste caso não reside em versões díspares que surgiram na imprensa mundial a partir da suspeita do assassinato de Lorca, versões que como vimos, acompanham as próprias posições em antagonismo, mas sim o tempo em que o processo anteriormente apontado por Pierre Nora, para a transformação do fato em acontecimento,¹⁸⁹ levou para se efetivar no caso do *Correio do Povo*, que acompanhava o conflito em praticamente todas as edições, abordando aspectos que por vezes beiravam o detalhismo. Igualmente chama-nos a atenção, para além da demora em surgir a informação da morte do poeta – praticamente um ano – o pouco espaço por ela ocupado: tão somente uma pequena nota, creditada à Agência Brasileira.

MADRID, 17 (A.B.) – Frederico Garcia Lorda (sic), um dos mais brilhantes poetas jovens da Espanha, foi executado pelos rebeldes em sua cidade natal, Granada, conforme informa o jornal nacionalista de Valência, “Adelante”.¹⁹⁰

Já que a notícia do assassinato de Lorca foi divulgada pelos meios noticiosos espanhóis poucos dias após o acontecimento, somos levados a pensar nos motivos que fizeram com que o fato não encontrasse aqui a devida repercussão na mesma época. Embora seja uma tarefa complexa – e fora de nosso propósito – reconstituir aqui o “espírito da época” a fim de estabelecer uma aproximação exata da forma com que as notícias repercutiam, não podemos nos furtar ao dever de cogitar algumas possibilidades quanto ao atraso na divulgação da morte do poeta. Em primeiro lugar, tal fato pode haver sido uma decorrência das fontes que serviam ao *Correio do Povo* e a Agência Brasileira a partir da Europa. Para que tal possibilidade seja plausível, porém, devemos cogitar que as agências internacionais, que telegrafavam diariamente a partir da Espanha, tenham, no ano de 36, simplesmente ignorado o desaparecimento de um renomado homem público ligado à cultura. Assim, a notícia apareceria no ano seguinte, de uma forma “requeitada”, sem informar datas, embora se

¹⁸⁸ Cfe: GIBSON, Ian. **Op. Cit.**, p 269 e ss.

¹⁸⁹ Ver página 22, nota 33.

¹⁹⁰ *Correio do Povo*, 18 de setembro de 1937, p 2.

pretendesse ainda atual. O problema principal, assim, não estaria no periódico em si, mas na ineficácia dos órgãos que lhe serviam a partir de pontos distantes, órgãos estes que, é bom que lembremos, são consideradas por Sodré como os agentes possibilitadores do jornalismo moderno.¹⁹¹

Outro ponto, este não tão ligado ao tempo decorrente entre o acontecimento e a notícia, mas sim quanto à repercussão por ela encontrada, é o destaque mínimo dado ao texto – no caso, poucas linhas, verdadeiramente escondidas em meio a uma página tamanho *standard*, dividida em várias colunas impressas em letras pequenas – embora ostentasse um título em negrito de letras diminutas. O espaço dado à notícia, neste caso, é irrisório, ante a ampla divulgação que encontravam os comunicados emitidos pelos Quartéis Gerais, ou mesmo os constantes avanços e retrocessos de ambos lados nas frentes de combate. Em outras palavras, a morte de Lorca parece ocupar um lugar irrisório na hierarquia do jornal, o que não deixa de ser ao menos curioso, se lembrarmos aqui que o *Correio do Povo* era reconhecido como um espaço de divulgação das letras gaúchas e abrigo aos intelectuais¹⁹².

Podemos ainda pensar aqui se era conveniente ao *Correio do Povo*, naquele momento, oferecer uma ampla repercussão ao assassinato de um expoente cultural identificado com a República Espanhola. Muito embora nossa fonte principal ostentasse publicamente o discurso da neutralidade política, seu posicionamento ante os fatos já estava plenamente afirmado através de seus editoriais. Ao mesmo tempo, à época da divulgação da notícia, o clima de cerceamento às liberdades políticas e a grande repressão contra aqueles elementos que pudessem ser classificados como “comunistas” ou “subversivos” poderia pesar na hora de selecionar-se o que era digno ou não de maior destaque no noticiário internacional. Mais do que isto, Garcia Lorca sabidamente havia colaborado na redação de um manifesto, em março de 1936, exigindo a libertação dos presos políticos brasileiros – entre eles Luís Carlos Prestes – sendo ainda co-assinante de um telegrama enviado por membros da intelectualidade espanhola que protestavam junto ao governo brasileiro pelo reconhecimento dos direitos democráticos. Mais do que isto, Lorca havia acompanhado a mãe de Prestes quando esta passou pela Espanha, divulgando uma campanha internacional pela anistia aos presos políticos do Brasil.¹⁹³ Podemos desta forma levantar a possibilidade de que, aos olhos daqueles setores da imprensa brasileira mais comprometidos com o regime varguista – e o

¹⁹¹ Cfe: SODRÉ, Nelson Werneck. **Op. Cit.**, p 4.

¹⁹² Cfe: GALVANI, Walter. **Op. Cit.**, p 90-3.

¹⁹³ Cfe: SILVEIRA, Eliane Ávila. **Op. Cit.**, p 128.

Correio do Povo seria tão somente um exemplo em um conjunto de periódicos que apoiavam o regime em maior ou menor medida – levantar o assunto da morte de Garcia Lorca equivaleria a levantar a bandeira das causas com as quais sua figura estava envolvida, não sendo desta forma um assunto cuja publicação conviesse naquele momento específico. A publicação tardia pode tanto sinalizar um momento onde a divulgação do ocorrido não mais causaria comoções (e neste sentido o pouco espaço dado à notícia talvez seja mais compreensível), mas talvez igualmente à impossibilidade de ignorar por mais tempo um fato que quiçá já se tornara público, embora ainda não oficializado pelas letras sagradas da imprensa.

Há, contudo, um detalhe que julgamos importante na nota acima citada, e que reflete o cuidado com que devemos nos aproximar das fontes jornalísticas no momento de analisar quaisquer acontecimentos através da visão da imprensa. Trata-se da fonte citada pelo texto atribuído à Agência Brasileira. Com efeito, Valência foi uma das últimas localidades a ceder ao movimento franquista, tendo resistido inclusive após a queda de Barcelona. O texto nos parecerá ainda mais estranho se tivermos em mente que a fonte primordial da informação – o *Adelante* – é aqui identificado como sendo um jornal nacionalista. Ora, sabemos através do trabalho de Gibson que os nacionalistas não tinham o menor interesse em divulgar suas atrocidades, quanto mais em estampá-las nos jornais. Desta forma, acreditamos tratar-se o *Adelante* de uma “fonte republicana”, muito embora não possamos afirmar tal fato peremptoriamente.

4.4-As Brigadas Internacionais: uma imagem ambígua

A ação e a importância das brigadas internacionais, corpo organizado pelo *Komintern*¹⁹⁴ e constituído basicamente por voluntários anti-fascistas oriundos de partes diversas do mundo está indubitavelmente entre os acontecimentos até hoje mais analisados no que tange à Guerra Civil Espanhola. Objeto de culto por seu caráter de desprendimento, mas também de críticas por parte tanto daqueles que defendiam (e defendem) a idéia da formação de milícias populares conforme moldes libertários, como por aqueles que viam nelas tão somente um mecanismo de intervenção soviética na Espanha, as Brigadas não podem ser corretamente compreendidas sem levarmos em consideração o clima mundial de embate ideológico no

¹⁹⁴ Cfe: PAYNE, Stanley. **La revolución y la guerra civil española**. Madri: Jucar, 1977, p 33.

período imediatamente anterior à Segunda Guerra Mundial – já comentado anteriormente –, onde a ascensão dos regimes fascistas na Alemanha e na Itália apresentava-se como verdadeira contrapartida à Revolução Russa e a crise do liberalismo deflagrada a partir da quebra da bolsa de Nova Iorque em 1929.

Representando desta forma um conjunto de idéias antagônicas ao arcabouço ideológico dos regimes de inspiração fascista – caso do Estado Novo –, é presumível que a imagem das Brigadas Internacionais, emitida pelos grandes jornais de então, fosse tão somente uma decorrência de seus discursos marcados por acentuados traços de nacionalismo e conservadorismo. No entanto, quando vislumbramos as matérias publicadas pelo *Correio do Povo* referentes à ação de tal grupo, verificamos a existência de uma verdadeira multiplicidade de facetas, aparentemente contraditórias e desconexas entre si. Acreditamos, porém, que a compreensão destas múltiplas visões sobre um mesmo tema deve necessariamente passar pela compreensão das fontes e locais em que tais textos aparecem no jornal.

Tomemos os editoriais como primeiro espaço de análise. Observando os raros momentos em que tal espaço, ao tratar de política externa, deslocou seu foco da situação européia, ou de forma mais específica, do conflito espanhol, para abordar a ação das Brigadas Internacionais, verificamos a permanência da mensagem anti-comunista predominante nos textos identificados diretamente com o jornal. Assim, se a Guerra Civil Espanhola se colocava permanentemente como um fato didático, a mostrar um caminho a ser evitado pelo Brasil, as Brigadas Internacionais eram apresentadas como o instrumento direto através do qual a Rússia comunista procurava estender seus tentáculos pelo mundo, a fim de impor uma política de sovietação e de luta de classes. Desta forma, ao analisar a atuação do “vermelhismo russo” na Espanha, um editorial de dezembro de 36 comenta:

Trata-se, de fato, de uma obra satânica dos soviets. Estes introduziram na Espanha um aluvião de agitadores, soldados, armamentos e munições. Estão, por isso mesmo, aptos a levar de vencida o plano que traçaram e não cederão facilmente os direitos que usurparam à própria nacionalidade espanhola, procurando não só a expansão como a penetração mais profunda.¹⁹⁵

Apenas três dias depois, esta opinião do *Correio do Povo* era reforçada em novo editorial, onde este afirmava que “deixar, agora, que a Espanha lute desamparada contra a

¹⁹⁵ *Correio do Povo*, 17 de dezembro de 1936, p 5.

Rússia direta e contra a Rússia indireta, isto é, contra as forças que vêm da Rússia e as forças que se encontravam de encomenda dentro do país equivale a desamparar a Europa em sua integridade política e histórica...”¹⁹⁶ Assim, os editorialistas criavam aos olhos de seus leitores uma relação de necessária solidariedade entre Espanha e Brasil, uma vez que a atuação das Brigadas Internacionais e a própria Guerra Civil Espanhola inseriam-se em um contexto maior de expansão soviética, movimento este que, sob seu ponto de vista, ameaçava a ordem vigente no mundo ocidental, aí incluído o continente americano.

Todavia, quando analisadas as notas e matérias publicadas sob identificação das agências de notícias anteriormente comentadas, é possível perceber a existência de visões muito distintas sobre os voluntários, conforme a agência responsável pelo texto. Assim, os integrantes das Brigadas Internacionais por vezes são identificados como homens dotados de um grande senso de desprendimento material, e outras como agentes mercenários pagos pelo ouro de Moscou em prol da revolução mundial. Desta forma, outro “instrumento didático” passível de uso era estabelecer uma comparação entre os voluntários internacionalistas e os militares estrangeiros a serviço de Franco. O texto abaixo, identificado pela sigla da Agência Brasileira e reproduzindo comentários creditados ao jornal alemão “B. Z. Am Mittag” exemplifica bem esta situação:

“(…) Os milicianos que combatem ao lado das forças marxistas devem ser considerados como ‘mercenários’, inimigos que vendem a sua vida em troca de ouro e que pervertidos moralmente pelas doutrinas do comunismo, já não compreendem mais a sua situação de estrangeiros que lutam em terra estrangeira em defesa não de um ideal, mas de uma doutrina que pretende tudo destruir abrindo caminho à tão almejada revolução mundial do ditador da União Soviética. Os voluntários estrangeiros que combatem ao lado do generalíssimo Franco apresentam uma característica moral contrária a [esta] e muito mais elevada. Esses voluntários lutam para impedir que a Espanha perca a sua individualidade mais para impedir que a Península Ibérica não se transforme numa sucursal europeia do comunismo vermelho da Rússia para que o Mediterrâneo não passe a servir amanhã de base dos verdadeiros piratas da marinha internacional.”¹⁹⁷

A par desta perspectiva oferecida pela Agência Brasileira, as agências internacionais de notícias (*United* e *Associated Press*), ao tomar como tema de seus artigos as Brigadas Internacionais e sua atuação ao longo da Guerra Civil Espanhola, ofereciam uma visão bem mais despojada do ranço nacionalista então imposto e/ou existente na imprensa brasileira. Assim, seus textos, ao mesmo tempo em que forneciam uma posição mais próxima da

¹⁹⁶ *Correio do Povo*, 20 de dezembro de 1936, p 5.

¹⁹⁷ *Correio do Povo*, 13 de novembro de 1937, p 2.

pretensa neutralidade do *Correio do Povo*, ofereciam uma idéia da trajetória e da importância dos internacionalistas no conjunto das forças legais, desde a formação de seus contingentes até sua atuação efetiva nos campos de combate. São frequentes, por exemplo, notas referentes ao recrutamento de voluntários e sua penetração, geralmente através da fronteira franco-espanhola, em território governista. Em outros momentos, tais textos poderiam retratar o papel desempenhado pelas Brigadas Internacionais nos momentos mais cruciais da Guerra Civil Espanhola:

HENDAYE, 1º (Associated Press) – Os círculos governistas da fronteira informam que um destacamento da brigada internacional fez um sacrifício que permitiu a travessia do exército legalista através [d]o rio Ebro, há uma semana, afirmando que várias centenas de homens da brigada atravessaram o Ebro pela primeira vez, perto de Amposta, ao amanhecer do dia 25 de junho, atraindo a atenção dos rebeldes e lutando durante horas, enquanto milhares de outros soldados governistas atravessavam o rio mais ao norte (...). O comunicado rebelde confirmou que a maioria dos mortos naquele setor eram internacionais¹⁹⁸

Todavia, em alguns momentos, mesmo estas agências acabavam por apresentar artigos ou notas que se alinhavam com a visão franquista de combate ao perigo soviético, seja imputando às tropas de voluntários internacionais valores negativos, dando ênfase a insucessos no campo de batalha, ou ainda divulgando o conteúdo dos comunicados oficiais nacionalistas:

SALAMANCA, 11 (Associated Press) – O quartel general rebelde publicou o seguinte comunicado:
 ‘No setor do Ebro, as nossas tropas continuaram a avançar e capturaram Sierra de Santa Magdalena. As tropas que a defendiam foram aniquiladas. Capturamos mais de cem prisioneiros, todos de nacionalidade estrangeira e pertencentes a uma das brigadas Lister.¹⁹⁹

É possível observar semelhante forma de acompanhamento quanto à formação e importância das Brigadas Internacionais através das notícias publicadas sob a sigla do próprio *Correio do Povo*. Muito embora tal fato contraste com o posicionamento que o jornal assumia através de seus editoriais, e que realmente o conjunto das matérias identificadas sob sua própria sigla possa parecer algo ambíguo, não devemos nos esquecer que tais notícias provinham de origens diversas, o que se refletia na ausência de uma linha única na

¹⁹⁸ *Correio do Povo*, 02 de agosto de 1938, p 2.

¹⁹⁹ *Correio do Povo*, 12 de agosto de 1938, p 2.

abordagem do tema. Assim, da mesma forma que as Brigadas Internacionais eram exaltadas por constituir-se no principal grupo responsável pela contenção dos avanços nacionalistas, eram, em outros momentos, classificadas como um contingente formado por homens desocupados em seus países de origem, que lutavam em troca de um soldo, ou que simplesmente haviam sido ludibriados através de propostas de trabalho na Espanha.²⁰⁰ Todavia, esta forma dual de abordar a ação dos brigadistas, ainda que útil para quem pretendia se apresentar sob o manto da neutralidade acabou por dar margem a momentos onde os mesmos foram apresentados não como simples milicianos republicanos, mas como verdadeiros exemplos de desprendimento no combate às forças rebeldes, em um visível desacordo com a linha política seguida pelo periódico naquele momento e expressa através de seus textos editoriais. Talvez a melhor amostragem deste fato seja o trecho abaixo, publicado durante o início do conflito:

MADRID, 10 (C.P.) – (...) Os milicianos sentem-se encorajados pela atitude desses voluntários, vindos de toda a parte do mundo, que apesar de não falarem a mesma língua, entendem-se perfeitamente quando lutam. Esta legião é composta por homens curtidos nas lutas de rua, russos, alemães, italianos, franceses e americanos. Espera-se proximamente a chegada de mais voluntários estrangeiros. Esses homens que mantêm sempre um risonho bom humor, atiram-se à luta com furor e tenacidade inauditas. Manejam todas as armas. A metralhadora, a granada de mão, a baioneta e a navalha lhes são igualmente familiares. A legião internacional de voluntários contribuiu decisivamente para que os rebeldes fossem detidos no quarteirão do sul. A ‘Coluna Internacional’ parte de uma frente a outra, onde é preciso combater com segurança e arrojo.²⁰¹

Um interessante aspecto a ser analisado é o referente à presença de brasileiros nas Brigadas Internacionais, sobre o que foi guardado o mais absoluto silêncio até quase o final do conflito. Com efeito, a primeira referência a um brigadista brasileiro acontece apenas na edição de 17 de janeiro de 1939, sem que este seja identificado nominalmente. Exatamente um mês após, foi citada a existência de um grupo de 35 brasileiros nos campos de concentração franceses, sem que sejam, igualmente, identificados.²⁰² Um único brigadista

²⁰⁰ Ver, a título de exemplo, as matérias intituladas “Os ingleses que lutam na Hespanha” e “Nos Estados Unidos alliciam-se voluntários para a Hespanha vermelha”, respectivamente nas edições de 09 de março de 1937, p 3, e 26 de maio de 1937, p 3. Embora tal fato tenha integrado o discurso da direita, o engajamento de homens desempregados era uma realidade em alguns casos.

²⁰¹ *Correio do Povo*, 11 de novembro de 1936, p 2.

²⁰² Este número é considerado elevado segundo alguns relatos. Apolônio de Carvalho, em seu livro-depoimento, comenta que o contingente de brasileiros nas Brigadas Internacionais era composto por “não mais que uma vintena de combatentes” Por outro lado, em seu trabalho de mestrado, Jorge Christian Fernández aponta para a necessidade de se somar a este contingente civis que entraram de forma clandestina em solo espanhol, bem como

brasileiro tem sua identidade revelada em matérias durante o período analisado: o capitão José Gay da Cunha, quando, conforme a edição de oito de fevereiro de 1939, este coordenava a retirada de um grupo de voluntários sul-americanos rumo à França.²⁰³ No entanto, neste momento, refletindo a linha editorial adotada na conjuntura do Estado Novo, as páginas do *Correio do Povo*, valendo-se de um periódico fluminense, utilizaram novamente o contexto espanhol a fim de apregoar o perigo comunista, estabelecendo para tal a associação da figura do protagonista da notícia com esta situação, através do resgate de sua história pessoal:

“RIO, 8 (C.P.) – (...) Procurando esclarecer a verdadeira personalidade deste últi[m]o a ‘A Noite’ procurou o desembargador Barros Barreto, presidente do Tribunal de Segurança Nacional, que declarou: ‘A julgar pelo texto do telegrama deve tratar-se do ex-tenente José Gay da Cunha, pertencente a aviação militar, tendo participado do levante comunista de novembro de 35. Preso, conseguiu recuperar a liberdade em virtude de ‘habeas-corpus impetrado pelo Supremo Tribunal Militar. O processo correu assim – a revelia, tendo sido julgado a 27 de novembro de 1937, quando o ex-tenente foi condenado a oito anos de prisão’.”²⁰⁴

Deve-se, contudo, ter em conta que a existência destes brasileiros integrados às brigadas internacionais não se constituía em segredo para os órgãos oficiais nacionais, nem mesmo para a imprensa do resto do país. A título de exemplo, Apolônio de Carvalho comenta, em sua obra já citada, ter sido acompanhado em sua travessia sobre o Atlântico, por um passageiro “de diálogo fácil”, que viajava a Paris pretensamente por conta de uma bolsa de estudos, mas que em realidade – e Apolônio veio a sabê-lo mais tarde através de arquivos do DOPS – tratava-se de um informante da polícia.²⁰⁵ Por outro lado, o jornal *Diário de Pernambuco*, ainda no ano de 1937, teria publicado um despacho provindo da agência *Europe*, dando conta da participação do brasileiro Alberto Bomílcar Besouchet no Estado Maior do general pró-republicano Miaja.²⁰⁶ Ao mesmo tempo, outro militar brasileiro incorporado às forças republicanas solicitava aos seus superiores, através de documento escrito, que fosse dada publicidade para a chegada de uma delegação de brasileiros a Espanha durante o ano de 1938, argumentando, entre outros motivos, que:

espanhóis que teriam retornado a fim de se engajar no combate, bem como integrantes de uma segunda geração destes, já nascidos em solo brasileiro. In: CARVALHO, Apolônio de. **Vale a Pena Sonhar**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p 122. FERNÁNDEZ, Jorge Christian. **Op. Cit.** (2003).

²⁰³ Ver *Correio do Povo*, 8 de fevereiro de 1939, p 2.

²⁰⁴ *Correio do Povo*, 09 de fevereiro de 1939, p 12.

²⁰⁵ CARVALHO, Apolônio de. **Op. Cit.**, p 85.

²⁰⁶ Cfe: ALMEIDA, Paulo Roberto de. Brasileiros na Guerra Civil Espanhola: combatentes na luta contra o fascismo. In: **Revista de Sociologia e Política**, nº 12, Curitiba, 1999, p 49.

Conviene que en el Brasil y en el Plata se sepa que la representación brasileña fué bien acogida y que el pueblo brasileño, en particular, vea que sus verdaderos representantes están al lado del pueblo y del Gobierno español.²⁰⁷

Não temos certeza se o documento assinado por Costa Leite encontrou a repercussão por ele almejada. Limitando-nos ao campo do plausível, cabe-nos lembrar que a divergência de perspectivas políticas entre o governo Vargas e a República Espanhola já produzira incidentes, como no caso da carta assinada pelos parlamentares espanhóis solicitando a libertação de Luis Carlos Prestes. Não haveria maiores motivos, portanto, para que o pedido de Costa Leite não fosse atendido, exceção feita, talvez, a possíveis dificuldades que a República já viesse enfrentando há menos de um ano da queda de Madrid ante o fascismo.

Desta maneira, a forma como as brigadas internacionais foram apresentadas pelo jornal ao grande público obedecia a lógicas diversas, conforme o espaço onde tal apresentação era executada. A aparente contradição com a opinião emitida a partir dos editoriais pode ser compreendida a partir das origens diversificadas das notícias publicadas nas páginas destinadas ao noticiário internacional, mas pode, por outro lado, servir como um elemento que corroborasse, aos olhos do público leitor, a mística de imparcialidade criada ao redor do *Correio do Povo*.

Já o silêncio mantido pelo periódico quanto à participação de brasileiros nas Brigadas Internacionais pode se configurar não apenas como uma constante, mas mesmo como uma atitude deliberada. A hipótese de que o contingente de voluntários brasileiros (pequeno, mas extremamente visado graças a seu envolvimento no movimento de 35) teria se deslocado até a Espanha e ingressado nos corpos de voluntários de forma quase anônima dificilmente encontrará algum respaldo. Quando rompida tal situação por parte do periódico, foi privilegiado o aspecto da impessoalidade, apresentando-se estes brigadistas simplesmente como grupo, ou ainda, no caso do capitão Gay da Cunha, adequando a informação à linha política seguida pelo periódico, fruto direto do contexto histórico em que o jornal estava inserido.

²⁰⁷ Carta assinada pelo comandante Carlos da Costa Leite, datada de 19/04/1938. A cópia desta foi-nos gentilmente cedida pelo pesquisador Jorge Christian Fernández.

4.5-O Franquismo: agente de salvação da civilização cristã e ocidental

Um dos traços mais característicos da Guerra Civil Espanhola, quando consideramos a polarização política existente entre as partes beligerantes, que perpassava também pela forma de relacionar-se com o catolicismo e sua tradicional força em terras ibéricas, é a concepção de que o levante franquista representaria, entre outros aspectos, o ideal de uma verdadeira cruzada pela salvação da civilização cristã e ocidental diante dos perigos da expansão do ateísmo encarnado na figura do bolchevismo. Esta concepção acabou por enraizar-se ao longo do conflito espanhol, criando um verdadeiro elo entre a figura do caudilho e a Igreja Católica, elo este que ultrapassaria os limites temporais do próprio conflito.

Esta idéia de cruzada contra o ateísmo e a bolchevização, encarnados na figura da República e de seus mandatários, acabou por encontrar, na imprensa, um bom agente de divulgação, especialmente a partir do momento em que as igrejas começam a ser sistematicamente incendiadas nos principais centros urbanos espanhóis, em uma explosão de fúria popular que causava grande apreensão nos meios conservadores mundiais.

CADIZ, 9 (U.P.) – As autoridades policiais declararam que a ordem foi completamente restabelecida, nesta cidade, a meia-noite de ontem, depois de ter reinado, durante todo o dia de domingo o terror estabelecido pelos comunistas e socialistas, que percorreram as ruas desfraldando bandeiras vermelhas.

A polícia domina perfeitamente toda a cidade, que se encontra absolutamente calma.

Foram saqueadas pelos desordeiros 9 igrejas católicas, conventos e escolas.²⁰⁸

Difundiou-se assim, em alguns círculos, a idéia de que a Guerra Civil Espanhola era também uma guerra de religião – ou, ao menos, pela conservação da religião – em um país reconhecido pela grande influência do catolicismo dentre sua população. Entre os fatores que levam a difusão de tal idéia encontra-se, sem dúvida, a existência de um inimigo comum para os dirigentes da Igreja e os militares postados ao lado do conservadorismo, dado que, em um cenário internacional de valorização das idéias conservadoras, um movimento que se posicionasse abertamente contra a União Soviética contaria, imediatamente, com a simpatia e a aprovação dos meios conservadores.

²⁰⁸ *Correio do Povo*, 10 de março de 1936, p 2.

Os valores últimos, escusos por detrás deste espírito de cruzada, parecem-nos ficar corretamente explicitados através de Pierre Vilar, que, ao comentar sobre as vinculações existentes entre tal idéia e o conservadorismo, adverte:

A imputação ao espiritual existe. Mas o que conta, por intermédio do fato político, são as reações passionais aos temores e às esperanças sociais. Com a intervenção daquilo que chamamos “casualidades diabólicas”. Por um lado, só vimos pretensos servidores de Deus defendendo o capital e o Antigo Regime, por outro lado, os inimigos de Deus organizando a Revolução.²⁰⁹

A nova cruzada espanhola, contudo, guardava alguns traços de novidade diante dos acontecimentos que integravam os compêndios de História nacional. Agora, por exemplo, o mouro não se constituía no invasor a ser expulso do país, mas era, ao contrário, um verdadeiro braço armado do conservadorismo, temido por seus inimigos pela sua fúria e crueldade. Em não poucos momentos, o contingente de tropas mouras mostrou-se decisivo a fim de quebrar a resistência oferecida pelos republicanos. Assim, o novo inimigo não se constituía em um povo invasor, mas em compatriotas que se posicionavam nas trincheiras adversárias e que, por motivos diversos, professavam naquele momento uma ideologia contrária ao conservadorismo. Por outro lado, mesmo a Igreja agora não apresentava uma unidade completa, havendo inúmeros casos de padres, vinculados a pequenas comunidades, geralmente formadas por lavradores empobrecidos, que não hesitaram em posicionar-se abertamente em favor da República. Da mesma forma, naquelas regiões onde a autonomia regional possuía um forte apelo popular, os padres por vezes se manifestavam pela República por uma questão claramente política, a fim de tentar assegurar a manutenção da autonomia de suas regiões diante da centralização do poder. Tal parece ter sido o caso dos padres do país Basco, defensores de ideais de autonomia local.

Por outro lado, os inimigos a serem combatidos agora pelo novo movimento não se limitavam aos comunistas, identificados como disseminadores do ateísmo. O discurso próximo do fascismo permitia que outros grupos, tais como os maçons, viessem a ser igualmente identificados como perigosos, ainda que tal se desse de uma forma mais velada ante o quadro de combates abertos que ocorreram a partir de julho de 1936.

BURGOS, 26 (Associated Press) – Os diários publicam a mensagem do Grande Oriente dos maçons espanhóis residentes em Paris, dirigida aos maçons dos países

²⁰⁹ VILAR, Pierre. **A guerra da Espanha**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p 24.

hispano-americanos, solicitando acolhimento para os mesmos. Os maçons que desejarem residir no Chile, empreenderão viagem sendo garantida sua subsistência. Também os maçons da Argentina acolherão os irmãos que queiram estabelecer-se naquele país. Os diários espanhóis advertem aos respectivos governos, que evitem a emigração dos maçons que tratam de preparar na América, a guerra civil, nas mesmas características da Espanha, trabalhando em favor do Komintern.²¹⁰

Aqui, se atentarmos bem, está talvez um dos grandes paradoxos quanto à cobertura oferecida pelo *Correio do Povo* sobre a Guerra Civil Espanhola. A maçonaria naquele país, com efeito, posicionou-se favoravelmente à República, havendo mesmo muitos maçons dentre os mandatários máximos do novo regime. Tal fato, em momento algum pareceu sensibilizar minimamente o *Correio do Povo*, cuja fundação – lembremos – se deu através de apoio direto da maçonaria, e que tinha naquele momento, como diretor-presidente, um dos filhos do fundador do jornal, figura que, a exemplo de seu pai, também gozava de grande inserção dentro da maçonaria porto alegreense.²¹¹ Desta forma, o apoio prestado ao levante espanhol parece entrar em contradição com as históricas ligações do periódico com a maçonaria, como se a situação além mar neste sentido simplesmente não lhe dissesse respeito.

Não se constitui em nosso objetivo aqui buscar diferenças entre as organizações maçônicas no Brasil e na Europa. No entanto, propomos como chave explicativa para esta aparente contradição uma conjugação de dois fatores simultâneos: em primeiro lugar, cremos que naquele momento, as posições políticas do *Correio do Povo* encontravam-se acima de laços de apoio que porventura pudessem ser criados com seus companheiros de ordem na Espanha. Para tanto, não podemos esquecer que a realidade brasileira implantada a partir da Intentona Comunista e da Promulgação do Estado Novo poderia trazer conseqüências imediatas para o periódico, ao contrário do que ocorria na Espanha, cujo cotidiano interessava-lhe, sobretudo, sob o aspecto noticioso, aspecto este que poderia ser trabalhado conforme os interesses mais imediatos se apresentassem. Ainda, as ligações sangüíneas dos proprietários do periódico com a colônia espanhola não necessariamente significam a existência de laços envolvendo a maçonaria nos dois lados do Atlântico. Por outro lado, há que se considerar a possibilidade de que o movimento maçônico apresentasse diferenças históricas em sua natureza em ambos continentes, diferenças estas que são apontadas, por

²¹⁰ *Correio do Povo*, 27 de abril de 1939, p 2.

²¹¹ Quanto a isto consultar a obra já citada de Walter Galvani.

exemplo, por Herbert Mathews, que nos aponta alguns dos motivos pelos quais a maçonaria passava por uma situação politicamente delicada na Espanha:

A maçonaria tornou-se de novo a pior de todas as “heresias” – pior, se possível, do que o comunismo. A maçonaria na Europa tem sido uma organização política, não social, como nos Estados Unidos. Na Espanha foi sempre “livre pensadora” e anticlerical. Durante grande parte do século XIX foi o instrumento pelo qual os liberais e as classes médias revolucionárias agiam. Os jesuítas foram sempre seus mais ferozes inimigos (...). No início da Guerra Civil, a hierarquia da Igreja reagiu como se os insurretos estivessem combatendo, acima de tudo, a maçonaria. “Nossa vitória, disse Franco num discurso em Burgos, a 27 de fevereiro de 1939, quando a guerra já terminava, não foi sobre nossos irmãos, mas sim sobre o mundo, sobre as forças internacionais, sobre a maçonaria”.²¹²

Esta perspectiva que une o político e o religioso confere ainda a idéia de Cruzada à possibilidade de apreender a atuação do campo nacionalista dentro de uma unicidade, em defesa simultaneamente pelo religioso – contra os incendiários de igrejas, verdadeiros iconoclastas – mas também contra a penetração de idéias contrárias ao conservadorismo, idéias estas percebidas quase como uma verdadeira chaga contagiosa, como um mal que deveria ser extirpado, e que uma vez contraído por (ou implantado em) alguém, tornar-se-ia um dano irreparável.

SALAMANCA, 4 (A.B.) – Por notícias publicadas pelo jornal russo “Pravda” soube-se que muitos espanhóis que foram enviados à força para a Rússia estão soviéticos de forma que indigna a Espanha nacionalista.²¹³

A constante identificação de um inimigo dotado de características que punham a tradição espanhola e os ideais de conservação em risco, bem como o resgate de uma idéia de cruzada contra o bolchevismo pode significar, ainda, uma forma de legitimar o uso da força contra os republicanos sem a preocupação de encontrar maiores justificativas para tal. Esta idéia é apontada por Rizzoni, quando este resgata uma publicação espanhola dos anos 60, focada na Guerra Civil Espanhola.

Como todos sabem, cruzada vem do termo cruz, e é um movimento de massa que toma como justificação a cruz de Jesus Cristo. A principal característica do

²¹² MATTHEWS, Herbert. **Op. Cit.**, p 42.

²¹³ *Correio do Povo*, 05 de outubro de 1937, p 3.

conceito de cruzada é o recurso à violência para triunfar, seja como legítima defesa, seja como reação justa, seja como conquista necessária.²¹⁴

Pelo apelo popular que traz em si, evocando figuras que compõem o universo religioso, bem como pela apresentação deste mesmo universo como uma realidade em perigo, é passível supor que esta figura da cruzada tenha sido um dos aspectos de maior impacto utilizado pela imprensa a fim de padronizar os corações e as mentes de seu conjunto de leitores, buscando assim conferir unicidade à comunidade imaginária formada por estes. O texto abaixo, publicado como “matéria especial para o ‘Correio do Povo’” quando o final do conflito já se apresentava como previsível, e assinado apenas pelas iniciais M. de S. talvez se constitua em um dos mais claros exemplos de como tal perspectiva aparecia nas páginas do periódico, em uma explícita confluência entre o jornalístico e o ideológico, embora a forma de texto opinativo e assinado pudesse vir a ocultar o alinhamento do jornal com semelhante posição.

(...) Como a fênix da história ibérica, o antigo espírito da Reconquista renasce. Essa guerra truculenta é pela fé, de um lado, e contra a fé, de outro lado. É pela tradição e contra a tradição. É pela hierarquia espiritual, contra a anarquia materialista. É pela nação una e concreta, e, da parte adversa, pelas abstrações nacionais. Um choque de pólos. Situações diametralmente opostas. A semelhança dos porfiados campeadores das épocas passadas, quando clarinava a aurora das reivindicações, os novos paladinos do nacionalismo integral vão refazendo a continuidade da pátria, recompondo os velhos substratos. E, como os de outrora, trabalhando com a espada ao mesmo tempo que com o arado, reconstroem o que está sendo destruído, para que a Espanha reviva, resolvendo dentro dos tempos modernos, problemas sociais e econômicos à medida que aplicam a arte da guerra, revendo e reformando as bases socialistas que o cristianismo lançou à humanidade. E nesse deliberado propósito, num imperativo categórico da raça, prosseguirão na peleja, dure ela o que durar, porque a obstinação abstrai a idéia de tempo. A ideologia russa não podia ter escolhido nação mais safara, mais hostil para a experiência de um novo regime. Erro fatal. A Espanha, como que paralisada na aparência, soergueu-se. A reação foi subitânea.²¹⁵

Desta forma, o levante franquista encontrava legitimação aos olhos dos leitores do *Correio do Povo*. Uma vez que os valores centrais do conservadorismo, composto pela fé e pelos valores da tradição achavam-se ameaçados em terras espanholas, era possível que, ao

²¹⁴ MARRERO, V. *Apud*: RIZZONI, Gianni. **Op. Cit.**, p 95. Cabe aqui destacar a importância que o fenômeno das cruzadas tiveram na história espanhola. Conforme Vilar, extenso período de reconquista (711-1492) fez com que a sociedade espanhola fosse fundada em um processo contínuo de combate, no qual a classe combatente se derogou o papel principal. Assim, a reconquista possui um caráter de “colonização permanente”. Cfe: VILAR, Pierre. **Historia de España**. Barcelona: Grijalbo, 1980, p 26-7.

²¹⁵ *Correio do Povo*, 18 de junho de 1938, p 5.

menos em teoria, processo semelhante viesse a se instaurar no Brasil, quanto mais se tivermos em mente que o perigo suscitado pela Intentona Comunista ainda era uma realidade muito presente nas páginas do jornal, servindo como um lembrete constante dos perigos a que a pátria estava permanentemente sujeita, mas também servindo como elemento de divulgação para o governo Vargas, que assim poderia se apresentar como o instrumento vigilante a proteger o Brasil contra os perigos provenientes do estrangeiro.

Por outro lado, da mesma forma com que a esquerda mundial percebia a luta na Espanha como uma luta em defesa da liberdade contra a opressão do fascismo, também o conservadorismo mundial percebia a luta contra a Frente Popular e seus defensores como uma forma de combater a difusão do perigo vermelho proveniente de Moscou, buscando-se garantir a unidade da pátria e a perpetuação da ordem social. Assim, as áreas conquistadas pelos nacionalistas através de seus contínuos avanços eram entendidas como regiões libertas das influências internacionalistas, garantindo-se assim a permanência daqueles aspectos tão caros aos opositores da república. Dentro deste espírito, as comemorações do “dia da raça” (12 de outubro, chegada de Colombo à América) nas áreas conquistadas pelo exército sublevado eram apresentadas como festejos acontecidos “em todas as províncias espanholas libertadas do terror vermelho”²¹⁶, expondo assim a idéia de áreas já conquistadas pela verdadeira cruzada contra o internacionalismo e a influência soviética naquele país.

Contudo, como já vimos anteriormente, os diversos locais e agentes que compunham a totalidade do *Correio do Povo* apresentavam características diferenciadas, conforme a origem e as perspectivas que tais fontes apresentassem quanto a Guerra Civil Espanhola. Assim, enquanto a idéia de cruzada em defesa da religião e da civilização era um elemento explorável nos editoriais ou textos publicados originalmente em outros jornais, no que se refere às agências noticiosas, tal característica será válida especialmente para os textos identificados com a Agência Brasileira que, àquela altura, representava a identidade de perspectivas quanto ao plano internacional, existente entre o governo federal e o *Correio do Povo*. Ao mesmo tempo, por ser, dentre as agências de notícias que serviam ao periódico, a única que com grande frequência subscrevia as notícias dos periódicos alemães, torna-se compreensível que, dentre o espaço ocupado por tais fontes, fosse a Agência Brasileira o local por excelência onde o apelo vinculado ao religioso encontrasse seu espaço de discussão junto ao grande público.

²¹⁶ *Correio do Povo*, 15 de outubro de 1936, p 1.

BERLIM, 3 (A.B.) – (...) A Espanha como nacionalidade não interessa aos propagandistas da expansão bolchevista. Por isso não é surpresa vê-los prolongar a luta e expensas do patrimônio nacional, graças ao afluxo de voluntários estrangeiros, para fazer triunfar a sua causa, e rejeitar a iniciativa ítalo-germânica de 17 de agosto. Só quando se apercebeu que o combate organizado pelo general Franco em defesa da liberdade exercia uma força atrativa que poderia formar um contrapeso ao idealismo da Brigada Internacional, impregnado do ouro do Banco Nacional da Espanha, só aí o suposto governo vermelho mudou de tática e julgou mais aconselhável retirar os voluntários. Os manejos que esse procedimento encerra ficaram agora bem evidenciados com o propósito manifesto de desmembrar o território espanhol. Este incidente fornece uma nova ocasião de se conhecer, em toda a sua extensão, o verdadeiro caráter e a verdadeira “utilidade” desse gênero de governos, no seio da comunidade dos países europeus (...)²¹⁷

Curioso é perceber que, ao mesmo tempo em que este “espírito de cruzada” contra o bolchevismo encontrava eco, através da imprensa, nos mais distantes rincões do país, a Igreja Católica, figura-chave no processo de contra-revolução desencadeado pelo conservadorismo espanhol, não via, através de seus representantes no Brasil, com bons olhos, a política levada a cabo por Adolf Hitler na Alemanha. Ainda assim, a idéia de cruzada pela fé e pela nacionalidade espanhola contra os vermelhos, apoiada nas forças ítalo-germânicas, encontrava amplo respaldo no Brasil²¹⁸, sendo tal contradição simplesmente suprimida de quaisquer relatos jornalísticos da época. Tal detalhe simplesmente não integrou as análises do periódico, como se não compusesse o cenário político internacional. Aos olhos do conservadorismo local, catolicismo e fascismo parecem não ser valores antagônicos, criando-se assim relações que ultrapassavam a natureza última dos movimentos inseridos no quadro político internacional.

4.6-Durruti e o anarquismo: uma realidade distante.

Muito embora um dos traços básicos da doutrina anarquista seja a negação do culto à personalidade, é impossível falar do anarquismo espanhol sem nos remetermos à figura de

²¹⁷ *Correio do Povo*, 04 de abril de 1937, p 3.

²¹⁸ A noção de cruzada era intrínseca à própria Igreja Católica no Rio Grande do Sul. Em 1937, o arcebispo metropolitano de Porto Alegre, Dom João Becker, dizia: “O Brasil não quer, não pode assemelhar-se á Rússia Soviética, onde campeia a miséria e triunfa a tirania. Nem a nossa consciência nacional permitirá que a Terra de Santa Cruz se torne um caos, um montão de ruínas como a Espanha. O Brasil quer conservar, á custa de todos os sacrifícios, a sua independência e soberania. O Estado brasileiro não se curvará diante do despotismo russo, porque dentro de suas fronteiras se fará sempre respeitar e protegerá a nação, seus valores morais e sua grandeza contra quaisquer ataques que os inimigos bolchevistas lhe pretendam desferir”. In: *Unitas, Revista da Província Eclesiástica de Porto Alegre*, nº 5-6, ano XXXIV, julho-agosto/1937, p 298.

Buenaventura Durruti. De semelhante modo, devemos buscar a compreensão do significado do anarquismo naquele momento específico das histórias espanhola e brasileira, onde, no primeiro caso, a luta contra o fascismo escondia nuances importantes no conjunto das idéias políticas e, no segundo, vivia-se uma oscilação entre o liberalismo e o fascismo, acompanhada da repressão aos movimentos sociais, especialmente após o ano de 1935.

Em primeiro lugar, há que se considerar que o anarquismo como movimento político apresentou na Espanha uma vitalidade surpreendente quando comparado a outros países. Com efeito, no período imediatamente anterior a 1936, tal movimento não representaria mais do que uma curiosa minoria na maior parte dos países europeus, muito embora, em alguns casos isolados, a prática da ação direta pudesse conferir-lhes certa visibilidade por alguns momentos. Já na Península Ibérica, o movimento apresentou ao longo do começo do século XX um poder de penetração inusitado entre as classes trabalhadoras, a ponto de influenciar levantes como o de Casas Viejas (1932), Astúrias (1934), ou ainda fomentar a organização de colunas compostas majoritariamente por anarquistas na frente de batalha ao principio da Guerra Civil.

Analisando tal vitalidade em terras espanholas, Eric Hobsbawm – um crítico mordaz do movimento anarquista – comenta:

O anarquismo alcançou tanto êxito porque simplesmente se limitou a fornecer um rótulo aos hábitos políticos tradicionais dos revolucionários espanhóis. Contudo, os movimentos políticos não são obrigados a aceitar as características históricas de seu ambiente, ainda que resultem ineficazes se não atentarem a elas. O anarquismo foi um desastre porque não fez qualquer tentativa para mudar o estilo da revolta espanhola primitiva e, deliberadamente, reforçou-o.²¹⁹

Há ainda um outro fator que, segundo Hobsbawm, explicaria a vitalidade do anarquismo na Espanha: o isolamento cultural dos países de economia atrasada durante o século XX, fato que explicaria não somente a força de tal conjunto de idéias na Península Ibérica, mas também a importância dada a outras idéias consideradas desimportantes na Europa, mas fundamentais em outras partes do mundo, tal como o Positivismo de August Comte no Brasil.²²⁰

²¹⁹ HOBBSAWM, Eric. **Revolucionários**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p 84.

²²⁰ **Idem, Ibidem**.

Porém, para nosso estudo, tão importante quanto entender a forma com que o anarquismo adquire e conserva sua força na Espanha, é entender a forma como tal fenômeno era aqui percebido.

Sabemos que o movimento anarquista no Brasil encontra-se, no começo do século XX, profundamente imbricado com o movimento operário, da mesma forma com que se constitui como uma das raízes da organização comunista enquanto partido político no Brasil. Com efeito, até o advento da Revolução Russa, o anarquismo possui uma grande influência sobre as organizações operárias brasileiras. Contudo, após este momento, a influência do modelo soviético faz com que boa parte dos militantes anarquistas acabe por aderir ao comunismo na transição para a década de 1920.

Não nos cabe aqui traçar paralelos entre o anarquismo e o comunismo/bolchevismo no Brasil. Não podemos, entretanto, deixar de apontar o fato de que a influência da Revolução Russa sobre o proletariado; a fundação do PCB em 1922 e, por fim, a Intentona Comunista levada a cabo em 1935 colocam qualquer preocupação que porventura pudesse existir quanto ao anarquismo em um plano inferior por parte das forças conservadoras. Ainda que, de uma forma simplista, pudessem tais movimentos ser percebidos como roupagens diversas do mesmo inimigo, o anarquismo simplesmente não se encontrava na “ordem do dia”, motivo pelo qual a Guerra Civil Espanhola foi apresentada pelo *Correio do Povo* como um perigo eminentemente socialista e/ou bolchevista, mas com poucas referências ao anarquismo.

As referências explícitas aos anarquistas, quando ocorrem, tendem a destacar seu caráter de insubordinação e contestação à hierarquia, mais do que como elemento integrante das forças republicanas. Se tal destaque permite entrever, com maior ou menor exatidão, o verdadeiro processo de revolução social que se instalou na Espanha ao longo da Guerra Civil, serve, por outro lado, para apresentar as forças republicanas como sendo “fragmentadas”, onde o termo “anarquia” tende antes a significar “desordem”; “baderna”, do que um conjunto sistematizado de idéias sócio-políticas, contrastando com a pretensa unidade que existiria nas tropas de Franco.

SAN SEBASTIAN, 6 (Especial) – (...) Sabe-se aqui que recentemente o general Miaja, “leader” da defesa de Madrid, foi ferido em um braço por um anarquista desgostoso. O general Emílio Kleber, da Brigada Internacional, escapou milagrosamente de morrer nas mãos de um miliciano anarquista, a quem Kleber esbofeteou por indisciplinado (...).²²¹

²²¹ *Correio do Povo*, 07 de maio de 1937, p 3.

O anarquismo não se constituía, desta forma, em um tema que por si só inspirasse maiores preocupações por parte dos meios de imprensa no Brasil durante a década de 30, embora fosse um movimento de significativa influência na Espanha. Possivelmente, uma das formas possíveis de mensurar tal fato seja a forma com que o expoente máximo do anarquismo na Espanha, Buenaventura Durruti, foi apresentado aos leitores através das notas da seção internacional.

Ao início da Guerra Civil, em julho de 1936, o nome de Buenaventura Durruti já era amplamente conhecido em solo espanhol, seja por admiradores ou detratores, devido ao seu grande envolvimento com as ações diretas promovidas não apenas pela Confederação Nacional do Trabalho (organização sindical de tendência anarquista), mas principalmente pela Federação Anarquista Ibérica, um grupo de elite que promovia expropriações e atentados e, por isto mesmo, se constituía em alvo permanente da ação e vigilância policial. Durruti era uma liderança que havia se constituído de forma natural nas lutas empreendidas por tal grupo, mas também por demonstrar uma fé inabalável na construção de uma nova ordem social através do anarquismo.

Uma vez que haviam apoiado, ainda que de forma tácita, a vitória eleitoral da esquerda em fevereiro de 1936, e que a luta armada contra a reação fascista poderia representar o estopim para a revolução social preconizada pelo anarquismo, foi apenas uma consequência a formação de uma coluna composta por milicianos anarquistas destinada a lutar em uma das frentes de batalha, no caso, Aragão. Embora a importância ou a eficiência desta coluna seja objeto de discussão entre simpatizantes e opositores ao anarquismo, dois pontos devem ficar claros quando pensamos no envolvimento entre seus integrantes e o governo central da República. Em primeiro lugar, a idéia da formação de um exército composto por milícias não era aceito com tranquilidade por aqueles que comandavam a reação armada contra o levante. Com efeito, os líderes do governo republicano levantavam a necessidade da formação de um exército regular, disciplinado, adequadamente treinado, submetido a um comando único, características diametralmente contrárias aos princípios seguidos pelos anarquistas²²². Em segundo lugar, nestes primeiros momentos da Guerra Civil, o governo republicano mostrou-

²²² Esta característica apresentou-se de maneira mais forte nos acontecimentos de maio de 1937, quando não apenas anarquistas, mas também os integrantes do POUM (Partido Obrero de Unificación Marxista), uma dissidência do Partido Comunista Espanhol e que não seguia as diretrizes emanadas do Stalinismo passou a ser duramente combatida pelas demais forças leais à República, sob a acusação de Trotskismo e cooperação com o fascismo.

se temeroso em armar a população, pois acreditava que o levante militar poderia ser facilmente controlado. Em um momento posterior, quando os armamentos chegavam a frente de batalha, tratava-se de peças antigas, por vezes defeituosas, incapazes de assegurar um melhor desempenho para os defensores da República.

Ainda assim, ao final de 1936, a presença da Coluna Durruti se fez necessária na defesa da capital, seriamente ameaçada pelo avanço das tropas franquistas.

LISBOA, 10, - (...) Está sendo esperado em Madrid uma forte coluna da Catalunha, sob o comando do coronel Durruti – “leader” anarquista que se tornou famoso na luta na região de Aragon, mas o que já se tornou evidente é que o maior problema dos governistas não é o número de soldados, mas sim especialistas no manejo de tanques, aeroplanos e metralhadoras (...).²²³

Abel Paz, em seu estudo sobre o anarquismo na Espanha durante o conflito, deixou-nos um relato sobre a chegada da coluna Durruti a Madrid, evidenciando o caráter lendário que seu líder já havia então assumido.

Logo que o automóvel de Durruti chegou diante das primeiras barricadas de Vallecas, em Madrid, um miliciano avançou e pediu o visa: Passagem para a coluna Durruti! A notícia correu de boca em boca. A imaginação popular exagerou o número de homens que acompanhavam Durruti: 16 000, disseram alguns a Cipriano Mera, que se batia na Cidade Universitária; 6000, disseram outros a Valentin Gonzáles, “El Campesino”, que lutava em Usera. Os historiadores fixaram o número em 4000. Nenhuma das versões dizia a verdade. Mas que importância podia ter o número num momento daqueles? O essencial era a chegada de Durruti e dos seus homens...

Na frente, em cada canto de rua, em cada casa, falava-se de Durruti. Poucos o conheciam, mas todos o estimavam. As mães descreviam-no como um gigante. Santillan tinha razão: Durruti era uma lenda e um novo capítulo da lenda se abria em Madrid, a 14 de novembro de 1936.²²⁴

A morte de Buenaventura Durruti, em 20 de novembro de 1936, é até hoje um acontecimento cercado por versões contraditórias. Uma bala perdida? Um franco atirador? Um de seus próprios homens, descontente com a postura colaboracionista ao governo republicano que o grande líder renunciava? Não façamos aqui o levantamento de como a historiografia se posiciona nesta discussão. Mais importante, para nós, é procurar uma dimensão aproximada de tal acontecimento em sua época. Abel Paz julga ser o funeral de

²²³ *Correio do Povo*, 11 de novembro de 1936, p 2. Ressalte-se aqui a inapropriação da designação “coronel”, neste caso.

²²⁴ PAZ, Abel, **Op. Cit.**, p 129. As informações seguintes, sobre o cortejo funerário de Durruti, são retiradas da mesma obra. Embora presente aos acontecimentos, Paz optou por apoiar-se no relato de outro autor, Hans Erich Kaminski.

Durruti a manifestação operária mais importante da história do proletariado internacional, juntamente com o enterro de Lênin. Mais de meio milhão de pessoas se fizeram presentes nas ruas de Barcelona a fim de prestar homenagens a uma lenda que desaparecia no exato momento em que a revolução social parecia próxima de se concretizar. Com efeito, o enterro, marcado para uma manhã de domingo, 22 de novembro de 1936, simplesmente não foi possível de ser realizado, pois a multidão aglomerada nas ruas e nas entradas do cemitério, somada às incontáveis coroas de flores que tomavam os caminhos do mesmo, impediam a passagem do cortejo.

Dando-se crédito às descrições de Paz, tal acontecimento, em natureza e magnitude, talvez possa ser comparável apenas à despedida das Brigadas Internacionais, ocorrida na mesma cidade durante os últimos meses de 1938. Poderíamos ainda buscar comparações com o desaparecimento de importantes generais no campo fascista, como Emílio Mola ou Cabanellas. Mas certamente não encontraríamos uma semelhante mobilização popular em torno de suas figuras. No entanto, se a despedida dos voluntários internacionais encontrou uma boa cobertura por parte da imprensa, da mesma forma que o falecimento do General Mola, a morte e o funeral de Durruti não mereceu por parte do *Correio do Povo* mais do que algumas poucas linhas:

VALENCIA, 20 (C.P.) – (Especial) – O ministro Garcia Oliver representará o governo nos funerais do conhecido anarquista catalão Durruti, morto na frente de Madrid.

O governo e a Junta de defesa de Madrid enviarão telegramas e cartas de pêsames à Federação Anarquista Ibérica.²²⁵

Também aqui as razões para tal tratamento, que visivelmente aproximam o fato aos acontecimentos mais cotidianos da Guerra Civil, podem ser buscados por vários ângulos: a pouca repercussão que o mesmo encontraria entre seu público leitor, considerando-se pequena a influência que o anarquismo teria sobre o mesmo; o desacordo com a linha política seguida pelo periódico, para o qual não interessaria fomentar o heroísmo neste caso; ou mesmo uma possível (mas não tão provável) cobertura deficiente por parte das agências internacionais de notícias. Podemos ainda simplesmente estar aqui diante de uma conjugação, em maior ou menor medida, de todos estes fatores, que contribuem conjuntamente assim para que, neste caso, o fato torne-se um acontecimento de menor importância.

²²⁵ *Correio do Povo*, 21 de novembro de 1936, p 2.

Desta feita, a morte de Durruti, verdadeiro ícone do anarquismo espanhol, não é revestida do heroísmo dos resistentes do Alcázar de Toledo; não tem suas diversas versões apresentadas, como no caso de Guernica; não recebe o tratamento dúbio com que foi brindada a ação das Brigadas Internacionais, mas tampouco foi sua figura, neste momento, simplesmente esquecida, ou associada aos incêndios de Igrejas, atribuídos (acertadamente em muitos casos) aos anarquistas. A morte de Durruti, em última instância, recebeu um tratamento próprio (neste caso superficial), assim como os diversos acontecimentos aqui analisados. O que deve ser destacado é que em todos os casos aqui comentados, o enfoque do jornal jamais deixou de se afastar de sua orientação política. As personagens que poderiam ser exaltadas no quadro da Guerra Civil Espanhola deveriam estar de acordo com o sentimento de defesa do nacionalismo existente no Brasil na segunda metade da década de 30, ainda que fossem até então simplesmente pessoas comuns. Importava que lá tais personagens lutavam contra o mesmo inimigo que punha em risco a nacionalidade brasileira, e assim deveria em última instância ser mostrado. O que fugia a tais padrões pode muito bem ser compreendido dentro da aura de imparcialidade que o próprio jornal se atribuía, uma vez que, “se o Correio deu, então é verdade”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já colocamos no princípio deste estudo, os trabalhos que vinculam imprensa e história dizem respeito diretamente ao presente do pesquisador, pois ao estabelecermos perguntas à fonte que se descortina a nossa frente, é inevitável que tenhamos como parâmetros a ação e o poder de persuasão que a imprensa ostenta nos dias atuais. Assim, por mais que tentemos ater-nos unicamente ao passado, pensando exclusivamente em nosso objeto, somos levados a estabelecer pontes com situações que vislumbramos em nossos dias. Porém, também outros objetos e outras fontes não sofrem o questionamento do historiador a partir do tempo e do contexto em que este se encontra inserido? Acreditamos assim que os textos jornalísticos, sem que ostentem um *status* diferenciado em relação a outros materiais, passam a atrair a atenção do historiador e se revestem de maior legitimidade diante da importância que a própria imprensa se atribui ao longo do tempo e do papel que se derroga na sociedade contemporânea.

Assim, pontos diversos podem ser levantados quanto à ação do *Correio do Povo* em finais da década de 1930, de forma semelhante ao que nos colocamos hoje, quando diante dos perceptíveis vínculos existentes entre o domínio da informação e do poder político e/ou econômico. Contudo, seria possível taxar a informação apresentada pelo *Correio do Povo* na apresentação que este fez da Guerra Civil Espanhola de “manipulada”? Agia o periódico com má fé ante seus leitores, apresentando propositalmente fatos distorcidos em um processo que poderíamos classificar como “maniqueísta” ou “maquiavélico”? Cremos que elaboradas desta forma, tais perguntas devem ser respondidas com uma veemente negativa. A compreensão da ação do jornal deve passar obrigatoriamente por dois fatores: o contexto em que este estava inserido e os interesses que representava e possuía. Com efeito, como compreender a forma com que a luta entre republicanos e nacionalistas; entre militantes socialistas e comunistas de um lado e militares sublevados de outro; entre anarquistas e monarquistas foi efetivamente apresentada à sociedade gaúcha sem levarmos em conta os acontecimentos nacionais do final de 1935? Sem pensarmos nas influências que a Revolução Russa mantinha sobre parte da classe trabalhadora e, por extensão, sobre aqueles que lucravam com os maiores frutos de tal trabalho? Como entender a postura do jornal sem considerar a situação política pela qual passava o Brasil na segunda metade dos anos 30, bem como as boas relações existentes entre o periódico e o governo Vargas?

Não podemos falar em maniqueísmo, é certo, mas somos obrigados a reconhecer que a postura de um grande jornal ante os acontecimentos internacionais mais significativos tem uma relação direta com seus vínculos com o poder político e com a forma que este se posiciona no verdadeiro xadrez constituído pelos acontecimentos que envolvem as potências internacionais. Lembremos aqui, para o caso em que analisamos, a maior ou menor presença de um discurso simpático aos governos de Itália e Alemanha, ou mesmo a aceitação inicial de uma intervenção nazi-fascista na Espanha, ao mesmo tempo em que o governo Vargas oscilava em suas relações diplomáticas entre o capitalismo que se recuperava de sua mais forte crise e o fascismo que dava demonstrações de uma força até então incontestável.

Ao mesmo tempo, o *Correio do Povo*, constituído nos moldes capitalistas desde o início de sua história – muito embora seu forte acento na gestão familiar – disputava um mercado regional com competidores que, da mesma forma, buscavam a preferência de leitores e anunciantes, responsáveis diretos pela sua manutenção e existência. Desta forma, a credibilidade e a imparcialidade conferidas à marca *Correio do Povo* era um verdadeiro patrimônio a ser administrado com zelo, afinal, a comunidade imaginária composta pelos leitores do jornal, que diariamente recorriam a suas páginas a fim de tomarem ciência dos últimos acontecimentos era, certamente, suficientemente ampla para agrupar pessoas das mais diversas opiniões e tendências políticas.

Não era esta afinal a intenção externada pelo periódico já no ano de 1895, quando de sua fundação? Assim, as agências internacionais, ao mesmo tempo em que se encarregavam de fornecer as últimas atualizações quanto aos novos capítulos do “grande romance coletivo”, fomentavam versões que permitiam ao jornal explorar perspectivas contrárias à sua até o limite que considerasse seguro e que possibilitasse, em contrapartida, conservar intacta a fama de sua imparcialidade.

Este limite talvez seja um dos fatores que possibilitassem, por outro lado, o entendimento dos silêncios do jornal ou a pouca importância prestada a acontecimentos que se mostrariam emblemáticos na história da Guerra Civil Espanhola. Qual seria a necessidade, para os propósitos de uma grande empresa jornalística, inserida em um contexto de repressão política e cerceamento de liberdades e direitos, em divulgar eventuais movimentações em favor de um governo constituído por pessoas que, em outro país, ostentavam uma ideologia adversa à sua, ainda que tal movimentação pudesse se dar à sua própria porta? Por outro lado, quando vislumbramos a ampla divulgação dada ao Centro Nacionalista Espanhol de Porto

Alegre, somos levados a pensar nos motivos que levaram este “fato” a tornar-se um “acontecimento” na perspectiva do *Correio do Povo*. E, aqui, não há como não se cogitar em uma escolha deliberada por parte dos responsáveis pelo periódico.

Semelhante processo pode estar por trás dos acontecimentos explorados com o intuito de criarem-se símbolos da Guerra Civil Espanhola. Se não, o que faria de Moscardó protagonista de um acontecimento épico, enquanto figuras como Lorca ou Durruti ficariam relegadas à um segundo plano? O que tornaria a defesa da civilização cristã um tema constante, enquanto barbáries tais como Guernica pareçam mesmo ser justificadas e sejam devidamente esquecidas após certo tempo? O que tornaria legítima a intervenção italiana e alemã em favor de Franco, enquanto o auxílio russo à República era visto como uma verdadeira abominação? É evidente: não podemos esquecer aqui o papel que as agências de notícias porventura possam ter tido ao simplesmente privilegiar certos fatos em detrimento de outros, mas também tenhamos em mente que o texto telegráfico, ao que consta, nunca foi impresso diretamente sobre a página do jornal.

Desta forma, os textos apresentados pelo *Correio do Povo*, ao apresentar em suas páginas a Guerra Civil Espanhola, devem ser compreendidos como um conjunto que, embora por vezes pudessem adequar-se à aura de imparcialidade ostentada pelo jornal, seguiam, em última instância, idéias que coadunavam o periódico ao contexto político vivido pelo Brasil ao final dos anos de 1930. Notícias e comentários, desta forma, apresentavam uma Espanha em caos, situação que teria sido provocada pelo avanço de um inimigo que estaria a rondar também o Brasil e o restante do continente sul-americano, e contra o qual a sociedade deveria manter-se alerta. Em outras palavras, a situação da Espanha era um exemplo do que poderia acontecer ao Brasil caso não fosse dado combate sem tréguas aos radicais e subversivos.

Reforçamos aqui que, embora a ação do jornal se desse na defesa de seus interesses e, em nosso objeto de análise, tais interesses pudessem ir ao encontro dos anseios do poder político, não podemos considerar que a ação do *Correio do Povo* tenha se dado de forma maquiavélica, no intuito direto de promover uma aproximação entre periódico e o governo federal. Os exemplares da década de 1930 do *Correio do Povo* são um produto de seu tempo e a expressão do pensamento de um grupo social, e é desta forma que cremos que devam ser compreendidos. Sua tomada de posição em favor dos franquistas, identificados como defensores da tradição, da fé e do conservadorismo, foi tão somente reflexo de sua posição ante os abalos no cenário internacional da época. Em outras palavras, o conjunto de notícias

publicado pelo jornal relativos à Guerra Civil Espanhola, da forma como eram publicados, auxiliavam na modelagem da opinião pública, alertando-a e instruindo-a quanto aos perigos representados pela propagação do comunismo e outras ideologias que viesse a propor transformações na estrutura social.

Por outro lado, o conjunto de pontos de vista diversos proporcionados pelas agências internacionais permite ainda aferir opiniões outras que não aquelas vinculadas diretamente ao jornal, embora tais notas devessem, necessariamente, passar por um processo de seleção, de modo a não se afastar demasiadamente da opinião defendida pelos editorialistas. Se tal fato proporcionava uma oscilação entre o conservadorismo e o liberalismo, devemos recordar aqui a classificação do *Correio do Povo* como um órgão de imprensa que, ao mesmo tempo em que militava nas fileiras do conservadorismo através de seus editoriais, possuía uma certa abertura à ideologia liberal. Deste modo, uma relação entre os textos das agências internacionais de notícias por um lado, e editoriais e columnistas por outro, antes de apontar contradições, talvez seja reveladora quanto à forma com que o periódico se posicionasse diante dos acontecimentos expressivos no cenário internacional.

Por fim, algumas pequenas semelhanças nos contextos brasileiro e espanhol talvez contribuíssem para que a Guerra Civil Espanhola se revestisse de certas características “pedagógicas”. Tratava-se o levante franquista, declaradamente, de uma ação em defesa da tradição, da religiosidade e da nacionalidade, valores que, adequadamente trabalhados, possuem um forte apelo junto à população. Dentro deste conjunto, a idéia de defesa de uma nação pode ter ocupado o papel de cimentar feridas que porventura ainda se encontrassem abertas após a Revolução Constitucionalista de 1932. Ao pregar o fim das autonomias regionais e o fortalecimento da unidade espanhola, o discurso franquista aproximava-se de anseios que então norteavam o governo Vargas no contexto do Estado Novo. Assim, se o perigo à pátria demandava a instauração de um governo forte na Espanha, porque não poderia aplicar-se tal justificativa para o Brasil? Mais do que isto, a condição da Espanha de país colonizador da maior parte do continente americano fazia com que fosse vista apenas como a porta de entrada por onde o bolchevismo tentaria penetrar na América Latina. Desta forma, a situação espanhola importaria de forma direta ao Brasil, integrante da mesma civilização cristã-ocidental que então estaria em risco.

Certamente, há aqui que se considerar que esta forma de retratar os acontecimentos passava, necessariamente, pelas relações a primeira vista tranqüilas que existiam entre o

jornal e o governo federal. Embora tenhamos que nos ater, quanto a isto, aos indícios de não haver descontinuidade na circulação do jornal por motivos políticos, e tenhamos que cogitar da possibilidade da existência de alguma forma de mecanismo interno que zelasse pelo material a ser publicado, devemos considerar que a forma de destaque dada a tais acontecimentos passava obrigatoriamente por uma harmonia entre o jornal e seus interesses por um lado, e os rumos que o governo federal pretendia impor ao país.

O *Correio do Povo*, desta forma, atuava fomentando a figura de um inimigo e de sentimentos que deveriam ser evocados ante sua presença. A simplificação com que a Guerra Civil Espanhola foi retratada aos leitores, reduzindo matizes diversos a um conflito binário, tornava-a um ótimo instrumento para demonstrar ao público os perigos que o nacionalismo brasileiro estaria correndo ante a ascensão de idéias consideradas subversivas, bem como as conseqüências práticas que adviriam da penetração e da disseminação de tais idéias em território nacional.

Neste sentido, a proposta colocada pelo jornal, logo ao início da Guerra Civil Espanhola, de que os contendores fossem classificados simplesmente como “brancos” e “vermelhos”, ainda que não tenha sido posta em prática em um momento posterior, é verdadeiramente emblemática. Em épocas de polarização política, o próprio “róseo” cuidava de bom grado para que o “branco” prevalecesse, e para que as tintas vermelhas não fossem demasiadamente ostentadas.

FONTES E LOCAIS DE PESQUISA

Jornal *Correio do Povo*: janeiro/1936 – agosto/1939. Acervo do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa; exceto:

*novembro de 1937 (Arquivo Histórico Municipal Moysés Vellinho);

*fevereiro de 1938 (Arquivo Correio do Povo).

Outros periódicos citados ao longo do trabalho:

Jornal *Estado do Rio Grande*, 26 de outubro de 1931. Acervo do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

Jornal *Estrela do Sul*, 26 de maio de 1938. Arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre.

Revista do Globo, ano 8, nº 192, 10 de outubro de 1936. Acervo do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

Unitas: Revista da Província Eclesiástica de Porto Alegre. Nº 5-6, ano XXXIV, julho-agosto, 1937. Biblioteca Central da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Paulo Roberto de. Brasileiros na Guerra Civil Espanhola: combatentes na luta contra o fascismo. In: **Revista de Sociologia e Política**, nº 12, Curitiba, 1999.

ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.

ANGELL, Alan. La izquierda en América Latina desde c. 1920. In: BETHELL, Leslie. **História de América Latina. Política y sociedad desde 1930**. Barcelona: Crítica, 1997.

ARBEX JR., José. Mídia, mentira e ditadura. **Revista Caros Amigos**. São Paulo, ano IV, n 39, p 18, junho/2000.

_____. **Showrnalismo: a notícia como espetáculo**. São Paulo: Casa Amarela, 2002.

d'AZEVEDO, Soares. **Espanha em Sangue: o que vi e sofri**. Rio de Janeiro: Cruzada da Boa Imprensa, 1936.

BARBOSA, Marialva. Jornalismo e História: um olhar e duas temporalidades. In: NEVES, Lúcia; MOREL, Marco (orgs.). **História e Imprensa: homenagem a Barbosa Lima Sobrinho – 100 anos. Anais do Colóquio**. Rio de Janeiro: UERJ/IFCH, 1997.

BAYAC, Jacques Delperrie. **Las Brigadas Internacionales**. Madrid: Júcar, 1980.

CALDAS, Breno; PINHEIRO MACHADO, José A. **Meio Século de *Correio do Povo*: glória e agonia de um grande jornal**. Porto Alegre: L&PM, 1987.

CAPELATO, Maria Helena. **Os arautos do liberalismo: imprensa paulista (1920-1945)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. **O bravo matutino. Imprensa e ideologia: o jornal *O Estado de São Paulo***. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.

CARDONA, Gabriel. O cerco na simbologia da História de Espanha. In: **O Olho da História: revista de história contemporânea**. Salvador/UFBA, V 2, n 2, 1996.

CARVALHO, Apolônio de. **Vale a pena sonhar**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

CASTRO, Nilo André Piana de. “A ascensão do nazismo e a construção do III Reich”. In: PADRÓS, Enrique; RIBEIRO, Luis Dario; GERTZ, René (orgs.). **Segunda Guerra Mundial: da crise dos anos 30 ao Armagedón**. Porto Alegre: Folha da História-CDAIB/PRP-Palmarinca, 2000.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

DIAS, Heloísa. Estratégias narrativas e imagens da política: a eleição municipal de 1996 na primeira página do jornal *O Globo*. In: NEVES, Lucia; MOREL, Marco. (orgs.). **História e Imprensa: homenagem a Barbosa Lima Sobrinho – 100 anos. Anais do Colóquio**. Rio de Janeiro: UERJ/IFCH, 1998.

DILLENBURG, Sérgio. **Correio do Povo: história e memórias**. Passo Fundo: Ediupf, 1997.

EBY, Cecil D. **O Cerco do Alcázar de Toledo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.

ELMIR, Cláudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. In: **Cadernos de Estudo nº 13**. Porto Alegre: PPGH/UFRGS, 1995

ESPIG, Márcia Janete. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. **Estudos Ibero-Americanos**, v XXIV, n 2, Porto Alegre: PUCRS, 1998.

FAUSTO, Bóris. **A Revolução de 1930: historiografia e história**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp/Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1996.

FERNÁNDEZ, Jorge Christian. A Guerra Civil Espanhola: prelúdio sangrento da Segunda Guerra Mundial. In: In: PADRÓS, Enrique; RIBEIRO, Luis Dario; GERTZ, René (orgs.). **Segunda Guerra Mundial: da crise dos anos 30 ao Armagedón**. Porto Alegre: Folha da História-CDAIB/PRP-Palmarinca, 2000.

_____. **“Voluntários da liberdade”: militares brasileiros nas Forças Armadas Republicanas durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939)**. São Leopoldo: UNISINOS – Dissertação de Mestrado, 2003.

FREITAS, Décio. Getúlio Vargas e o Conde de Saint Simon. In: SILVA, José Luiz Werneck (org.). **O feixe e o prisma: uma revisão do Estado Novo; vol. 1: o feixe: o autoritarismo como questão teórica e historiográfica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

GALVANI, Walter. **Um século de poder: os bastidores da Caldas Júnior**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

GARCIA QUEIPO, Genoveva. La dictadura de Primo de Rivera. **Cuadernos historia 16**, nº269, Madrid: Grupo 16, 1985.

GARZA, Hedda. **Franco**. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

GIBSON, Ian. **O assassinato de Garcia Lorca**. Porto Alegre: L&PM, 1979.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

_____. **Obras Escolhidas**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

HARTOG, François. O tempo desorientado. Tempo e história. “Como escrever a história da França?” **Anos 90: revista do programa de pós-graduação em história**. Porto Alegre/UFRGS, n 7, 1997.

HOBSBAWM, Eric. **Revolucionários**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. **A era dos impérios (1875-1914)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

KONDER, Leandro. **Introdução ao fascismo**. Rio de Janeiro: Graal, 1991.

MATTHEWS, Herbert. **Metade da Espanha morreu: reflexões atuais sobre a Guerra Civil Espanhola**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

MEIHY, J. C. Sebe Bom. O Brasil no Contexto da Guerra Civil Espanhola. In: **O Olho da História: revista de história contemporânea**. Salvador/UFBA, V 2, n 2, 1996.

MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

NEGRÃO, João Henrique Botteri. As notícias da Guerra Civil Espanhola no jornal *O Estado de São Paulo* e a construção das verdades históricas. In: **Revista Histórica**, n 4, São Paulo: Imprensa Oficial.

NORA, Pierre. O retorno do fato. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (orgs.). **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2001.

PADRÓS, Enrique Serra. Guernica: tragédia, versões, história. In: PADRÓS, Enrique; RIBEIRO, Luis Dario; GERTZ, René (orgs.). **Segunda Guerra Mundial: da crise dos anos 30 ao Armagedón**. Porto Alegre: Folha da História-CDAIB/PRP-Palmarinca, 2000.

PAYNE, Stanley. **La revolución y la guerra civil española**. Madrid: Jucar, 1977.

PAZ, Abel. **O povo em armas: Buenaventura Durruti e a Guerra Civil Espanhola**. Lisboa: Assirio & Alvim, v 2, 1974, p 56.

RHODES, Anthony. **Propagand: the art of persuasion in World War II**. New York: Chelsea, 1976.

RIZZONI, Gianni. **Franco**. São Paulo: Melhoramentos, 1975.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

SILVEIRA, Eliana Ávila. **A Guerra Civil Espanhola e as elites políticas brasileiras: 1936-1939**. Porto Alegre: PUCRS – Dissertação de mestrado, 1979.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio a Castelo**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOLA, Lourdes. O golpe de 37 e o Estado Novo. In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). **Brasil em perspectiva**. Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1978.

SOUZA, Ismara Isepe de. **República Espanhola: um modelo a ser evitado**. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa oficial, 2001.

SVARTMAN, Eduardo Munhoz. O Brasil de 1930 a 1945: as dinâmicas interna e externa. In: PADRÓS, Enrique; RIBEIRO, Luis Dario; GERTZ, René. **Segunda Guerra Mundial: da crise dos anos 30 ao Armagedón**. Porto Alegre: Folha da História/Palmarinca/CD-AIB/PRP, 2000.

TAVARES, José Nilo. Getúlio Vargas e o Estado Novo. In: SILVA, José Luiz Werneck (org.). **O feixe: o autoritarismo como questão teórica e historiográfica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

THOMAS, Hugh. **La Guerra Civil Española**. Barcelona: Grijalbo Mondadori, 1996. (2 vol.)

TORRES, Andréa Sanhudo. Imprensa e Estado Novo: do discurso nacionalista ao discurso democrático. In: ALVES, Francisco; TORRES, Luiz Henrique (orgs.). **Imprensa e História**. Porto Alegre: APGH/PUCRS, 1997.

VARGAS, Iolanda Guimarães. **História da Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos de Porto Alegre**. Porto Alegre: PUCRS – Dissertação de mestrado, 1979.

VÁZQUEZ MONTALBÁN, Manuel. **Manifesto do planeta dos macacos**. São Paulo: Scritta, 1995.

VILAR, Pierre. **A guerra da Espanha**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____. **Historia de España**. Barcelona: Grijalbo, 1980.